



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA
INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA –
UNILA.**

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP).**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
RELAÇÕES INTERNACIONAIS (PPGRI).**

**A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA DE RESISTÊNCIAS NO PÓS-11 DE SETEMBRO
DE 2001: A ASSOCIAÇÃO ÁRABE AMERICANA DE NOVA YORK COMO
MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA CIVIL**

Eric Felipe Macedo Rodrigues

DISSERTAÇÃO

Foz do Iguaçu – PR

2024



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA
INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA –
UNILA.**

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP).**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
RELAÇÕES INTERNACIONAIS (PPGRI).**

**A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA DE RESISTÊNCIAS NO PÓS-11 DE SETEMBRO
DE 2001: A ASSOCIAÇÃO ÁRABE AMERICANA DE NOVA YORK COMO
MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA CIVIL**

Eric Felipe Macedo Rodrigues

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana para defesa como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais sob orientação do Professor Dr. Mamadou Alpha Diallo

Foz do Iguaçu – PR

2024

ERIC FELIPE MACEDO RODRIGUES

**A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA DE RESISTÊNCIAS NO PÓS-11 DE SETEMBRO
DE 2001: A ASSOCIAÇÃO ÁRABE AMERICANA DE NOVA YORK COMO
MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA CIVIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana para defesa como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais sob orientação do Professor Dr. Mamadou Alpha Diallo

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo – UNILA

Prof. Dr. Ramon Blanco – UNILA

Prof. Dr. Mário Tito Almeida – UNAMA

Foz do Iguaçu

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

R696

Rodrigues, Eric Felipe Macedo.

A Perspectiva Foucaultiana de resistências no pós-11 de setembro de 2001: a Associação Árabe Americana de Nova York como movimento de resistência civil / Eric Felipe Macedo Rodrigues. - Foz do Iguaçu, 2024.
116 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino Americano de Economia, Sociedade e Política, Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais. Foz do Iguaçu – PR, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo.

1. Árabe-muçulmano. 2. Pós-modernismo. 3. Michel Foucault. 4. Genealogia. 5. Resistências. I. Diallo, Mamadou Alpha. II. Título.

CDU 327:323.118(=411.21)(73)

Ao querido amigo e professor Dr. William Monteiro Rocha (in memoriam), que tanto me inspirou em minha caminhada acadêmica e que sempre será um grande exemplo em todos os caminhos trilhados nesta vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, desejo expressar minha profunda gratidão a Nossa Senhora de Nazaré, à Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa, a Santa Maria de Belém e a Santo Expedito. Sua presença constante em minha vida foi uma fonte de conforto e força durante os desafios enfrentados ao longo deste período de mestrado.

À minha fonte de inspiração e modelo de dedicação, meus pais, Zuleide e Álvaro, dedico minha mais sincera gratidão. Em todos os momentos, desde os desafios mais árduos até as alegrias mais profundas, sua presença foi um farol de apoio e encorajamento. Agradeço por acreditarem incondicionalmente em mim e por serem o alicerce que sustentou minha jornada acadêmica.

À minha querida irmã, Alynne, expresso meu profundo agradecimento. Sua presença constante, conselhos sábios e apoio incondicional foram fundamentais para minha jornada acadêmica. Agradeço por ser minha melhor amiga e minha maior incentivadora.

À minha querida avó, Zula, cuja fé em mim nunca vacilou, dedico minha mais profunda gratidão. Seu apoio inabalável e sua crença em meu potencial foram um constante estímulo para alcançar este feito acadêmico.

Aos meus irmãos de coração, Francisco Almeida, Mário Gabriel Almeida, Fábio Yamanaka, Carol Matsuura, Marcos Dutra e Rayana Barros, expresso minha sincera gratidão pelo apoio e companheirismo sem igual ao longo desta jornada.

Ao meu estimado orientador, Professor Dr. Mamadou Alpha Diallo, manifesto minha eterna gratidão por sua orientação sábia, paciência e apoio incansável durante este percurso acadêmico. Sua expertise e comprometimento foram fundamentais para o sucesso desta dissertação.

Aos dedicados professores do PPGRI da UNILA, manifesto minha sincera gratidão por seu ensino e orientação ao longo deste percurso acadêmico.

A todos que de alguma forma contribuíram para minha jornada, meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

Esta dissertação objetiva analisar a atuação da Associação Árabe Americana de Nova York, como meio socialmente organizado, para a construção de resistências da população árabe-muçulmana diante das práticas discursivas dominantes decorrentes da estereotipagem de sua imagem como potencial terrorista, no período posterior aos atentados de 11 de setembro de 2001. Inicia-se discorrendo as origens do povo árabe-islâmico até a sua chegada e consolidação em território estadunidense, evidenciando o desencadeamento de estereótipos relacionados a esses indivíduos como fator de preconceito, xenofobia e discriminação, identificando as mudanças nas práticas discursivas da população estadunidense relativamente aos árabes-muçulmanos americanos. Relativamente ao aporte teórico, utiliza-se a perspectiva da lente pós-moderna de Relações Internacionais e os contributos de Michel Foucault quanto aos conceitos de poder, discurso, genealogia e resistência. Emprega-se o método arqueogenealógico de pesquisa para a elaboração deste empreendimento científico, uma vez que a genealogia propõe se atentar aos jogos de luta e forças que constituem a história como ela é contada. Utiliza-se tal método pois há o intento de evidenciar a história sobre os árabes-muçulmanos que é acobertada em detrimento de uma prática discursiva que se mostrou dominante e propiciou a construção de um imaginário equivocado sobre essa população. Destarte, para sua melhor inteligibilidade o desenvolvimento deste trabalho se dá em três capítulos além da introdução (1), respectivamente: (2) o estado da arte e a vertente pós-moderna das relações internacionais; (3) as comunidades árabe-muçulmanas nos estados unidos da américa e; (4) uma análise pós-moderna a partir do 11 de setembro de 2001.

Palavras-chave: árabe-muçulmano; pós-modernismo; Michel Foucault; genealogia; resistências.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the performance of the Arab American Association of New York as a socially organized entity for the construction of resistance among the Arab-Muslim population in the face of dominant discursive practices resulting from the stereotyping of their image as potential terrorists, in the period following the September 11, 2001 attacks. It begins by discussing the origins of the Arab-Islamic people up to their arrival and consolidation in US territory, highlighting the emergence of stereotypes related to these individuals as a factor of prejudice, xenophobia, and discrimination, identifying changes in the discursive practices of the American population regarding Arab-American Muslims. The theoretical framework embraces the postmodern perspective of International Relations and draws on Michel Foucault's contributions regarding the concepts of power, discourse, genealogy, and resistance. The research employs the archeo-genealogical method for the elaboration of this scientific endeavor, as genealogy proposes to pay attention to the struggles and forces that constitute history as it is told. This method is used because there is an intent to bring to light the history of Arab-Muslims that is overshadowed by a dominant discursive practice that has led to the construction of a misguided imaginary about this population. Therefore, for better intelligibility, the development of this work unfolds in three chapters in addition to the introduction (1), respectively: (2) the state of the art and the postmodern aspect of international relations; (3) the Arab-Muslim communities in the United States of America; and (4) a postmodern analysis starting from September 11, 2001.

Keywords: Arab-Muslim; postmodernism; Michel Foucault; genealogy; resistance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O ESTADO DA ARTE E A VERTENTE PÓS-MODERNA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	21
2.1 ESTADO DA ARTE.....	21
2.2 O PÓS-MODERNISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	27
2.3 FOUCAULT E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	35
2.1.1. <i>Poder e Discurso</i>	36
2.1.2. <i>Genealogia: a verdade não dita</i>	42
2.1.3. <i>Resistências</i>	48
3. AS COMUNIDADES ÁRABE-MUÇULMANAS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA .54	
3.1. O POVO ÁRABE-MUÇULMANO: ORIGENS E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE.....	54
3.2. IMIGRAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE COMUNIDADES NOS ESTADOS UNIDOS	59
3.3. OS EVENTOS 11 DE SETEMBRO E SUAS REVERBERAÇÕES.....	64
3.4. MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIAS PÓS-11 DE SETEMBRO DE 2001.....	72
3.4.1. <i>Organizações e associações civis árabe-muçulmanas: a Associação Árabe Americana de Nova York</i>	78
4. UMA ANÁLISE PÓS-MODERNA A PARTIR DO 11 DE SETEMBRO DE 2001	86
4.1. O EXERCÍCIO DO PODER NA CHEGADA DAS COMUNIDADES ÁRABE-MUÇULMANAS NOS EUA	87
4.2. PODER E DISCURSO NO CONTEXTO DO PÓS-11 DE SETEMBRO DE 2001	90
4.3. PODER E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS NO PÓS-11 DE SETEMBRO	97
4.4. GENEALOGIA E MARGINALIZAÇÃO DA HISTÓRIA: AS RESISTÊNCIAS ÁRABE-MUÇULMANAS NOS EUA	103
5. CONCLUSÕES GERAIS	109
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114

1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação tratar-se-á acerca dos eventos que sucedem os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, os quais atingiram diretamente as comunidades árabe-muçulmanas dos Estados Unidos da América (EUA). Como sugerido pelo título, abordar-se-á especificamente a atuação da Associação Árabe Americana de Nova York como uma organização da sociedade civil imprescindível para a construção de resistências e o combate aos discursos de ódio proferidos após a deflagração dos ataques terroristas em território estadunidense. Alia-se tal objeto de pesquisa ao aporte teórico da vertente pós-moderna das Relações Internacionais (RI) para a análise que se propõe, diálogo que será observado e mais bem detalhado ao longo desta composição. Para tanto, apresenta-se, nesta introdução, o panorama geral da abordagem proposta neste trabalho.

Vale ressaltar que a discussão do tema, que versa sobre os eventos decorrentes dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, não é um debate novo na pesquisa científica, visto que sua ocorrência se deu há mais de vinte anos. Contudo, é um tópico para investigação que não se esgotará tão cedo, dado que esse episódio se caracterizou como um marco na história contemporânea, sendo grande fonte de exploração para as ciências nas mais diversas áreas. Dessa forma, a temática atravessa, por exemplo, desde os campos da psicologia¹, dos estudos de gênero², até as pesquisas de arquitetura e urbanismo³ – como será mais bem abordado adiante nesta pesquisa.

Evidentemente que muito já foi debatido sobre terrorismo, o 11 de setembro e suas tangentes nas mais variadas perspectivas da análise científica; sendo também um tema profundamente familiar para as Relações Internacionais. De tal maneira, observa-se como é ampla a abordagem dos estudos sobre o terrorismo internacional e que as pesquisas podem tomar variados caminhos, conseqüentemente, alcançando diversos resultados nas múltiplas áreas de conhecimento, não sendo diferente na proposição aqui feita. Assim, este trabalho propõe um novo ponto de observação; um novo olhar sobre as conseqüências dos atos de terror que, muitas vezes, são ou apaziguadas ou mitigadas ou até mesmo excluídas pelo *mainstream* da área, apresentando,

¹ A exemplo de: ARCISZEWSKI, Thomas et al. (2009); MILLER, Laurence. (2002)

² A exemplo de: KIMMEL, Michael S. (2003).

³ A exemplo de: SORKIN, Michael; ZUKIN, Sharon. (2013).

dessa forma, importante discussão para o tema proposto sob a ótica pós-moderna das RI e seus aportes conceituais.

Deve-se, então – de forma que haja uma compreensão cronológica acerca dos eventos tratados e do objeto de estudo aqui abordado – iniciar tal debate mencionando, de forma breve, as primeiras migrações do oriente médio para o continente americano. Desse modo, as partidas de sírios para a Europa e África, com evidência ao Egito, comumente aconteciam no passado, ao passo em que poucos chegaram aos Estados Unidos antes da década de 1880, e sem ainda configurar um movimento legítimo de migração em massa (NAFF, 1993). Após 1880, a América deixara aos poucos de ser uma realidade distante para aqueles que queriam apostar em uma nova vida, quando o fluxo de migração sofreu considerável aumento, se expandindo cada vez mais (NAFF, 1993).

Ademais, a chegada de ‘árabes-muçulmanos’ no território estadunidense se deu por meio do tráfico de escravizados e sem a precisão de uma data específica, e somente séculos depois os primeiros migrantes muçulmanos a viajarem por vontade própria para os Estados Unidos o fizeram – por meados do século XIX – com a esperança de ganhar dinheiro de forma rápida e voltar para sua terra natal (MCCLLOUD, 2003). Nesse contexto, tem-se que Nova York foi um dos principais estados dentre os que atraíram grande número de imigrantes que, a princípio, viajavam principalmente da Europa e dos países árabes (LOVELL, 1983).

Tendo em mente este cenário, houve que

[...] no século XIX, não havia realmente nenhum impulso para iniciar o processo de formação de comunidade [...]. Em geral, esses primeiros muçulmanos buscaram melhores oportunidades de enriquecimento pessoal, não para construir comunidades muçulmanas na América ou para conquistar seguidores (MCCLLOUD, 2003, p. 161 – tradução livre⁴).

Contudo, aqueles que, em sua maioria, esperavam alavancar boas condições de vida no país com o fim de retornar para sua terra, nunca o fizeram, e como resultado, passaram a se unir e construir suas famílias nos EUA e firmar comunidades com outros grupos muçulmanos (MCCLLOUD, 2003). Diante disso, percebe-se que não havia uma organização de colônias

⁴ Original em inglês: [...] *in the nineteenth century there was really no impetus to begin the process of religious community formation. [...] For the most part, these early Muslims came for better opportunities to enhance their personal fortunes, not to build Muslim communities in America or to proselytize.*

muçulmanas antes do século XX; no entanto, o período pós-Primeira Grande Guerra se configurou como uma época de desenvolvimento em nível de comunidades, com a construção de clubes e mesquitas em várias cidades (LOVELL, 1983). Conclui-se, então, que o processo atual de construção da comunidade começou ainda no século XX nos dois grupos principais e distintos que constituíram o islamismo americano: os imigrantes e aqueles que optaram por se converter à religião (MCCLLOUD, 2003).

Seguindo esta linha, houve que os movimentos para os Direitos Civis na década de 1960 abriram as portas para a migração muçulmana e a partir de 1965, muitos conseguiram migrar como estudantes e tiveram a oportunidade de se capacitar acadêmica e profissionalmente. Entre estes, alguns decidiram voltar ao seu país de origem e aplicar seu conhecimento em prol de seu desenvolvimento; em contrapartida a outros que decidiram por permanecer nos EUA e solidificar suas raízes, construindo mesquitas, escolas e centros comunitários que abraçam sua cultura e crença (MCCLLOUD, 2003).

Para estes que decidiram por ficar nos EUA, sua integração se deu sob o dilema sobre como se encaixar e participar de uma sociedade que difere de seus costumes, em uma inserção que se caracterizara como responsabilidade como muçulmano e, ao mesmo tempo, como cidadão norte-americano (MCCLLOUD, 2003). No entanto, reitera-se que ainda hoje a comunidade encontra dificuldades em sua participação efetiva na sociedade, visto que ainda se ponderam os pontos positivos e negativos de migrar para os Estados Unidos (MCCLLOUD, 2003).

Com base no exposto acima, pode-se brevemente vislumbrar como as suas identidades foram forçadas ao conflito. Ainda seguindo essa linha, houve que os muçulmanos naturalizados americanos passaram por uma experiência única e têm uma vida social complexa devido a certos fatores, por exemplo, como eles vêm ou se tornam parte da América, quem são e como institucionalizam sua identidade (HALIM, 2006).

Além disso, os imigrantes muçulmanos em geral, e particularmente os árabes, enfrentaram o contínuo problema da hostilidade e da discriminação injusta provenientes de estereótipos que tiveram origem na mídia e na indústria cinematográfica, principalmente na década de 1970 e com a revolução iraniana, que retratava uma imagem negativa do islã e dos muçulmanos (MCCLLOUD, 2003). Para mais, enquanto uma minoria de jornalistas escrevia de forma empática sobre a necessidade de compreensão e acolhimento do islã nos EUA, larga maioria traçava o estereotípico

perfil do muçulmano usando assuntos muitas vezes considerados tabus como o uso do véu, o crescimento da religião no país e sua associação com o terrorismo, causando medo e terror aos leitores (MCCLLOUD, 2003).

Apesar desse cenário, os muçulmanos têm combatido tais comportamentos por meio de suas associações e organizações, à exemplo do *American Muslim Council* (Conselho Muçulmano Americano, em tradução livre para o português) e o *Council on American Islamic Relations* (Conselho de Relações Islâmico-Americanas, também em tradução livre), que prestaram assessoria à produção dos filmes como: *Momento Crítico* (de 1996), *A Força em Alerta* (de 1992), *Savior – A Última Guerra* (de 1998) e *A Múmia* (de 1999), com a finalidade de auxiliar os diretores e produtores a melhor representarem a imagem do Islã e dos muçulmanos apresentados nos filmes (MCCLLOUD, 2003).

Tendo em mente esses contextos de migração, chegada e formação de identidades e o desencadeamento de estereótipos em solo estadunidense, apresentam-se os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, os quais foram atentados terroristas – de autoria do grupo extremista Al-Qaeda – contra o território e hegemonia norte americana. Nesses eventos, quatro aviões comerciais foram sequestrados: dois foram propelidos contra as conhecidas Torres Gêmeas, no complexo do World Trade Center, em Nova York; um caiu sobre o Pentágono – sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em Washington D.C., e o último caiu em campo aberto próximo a um condado na Pensilvânia. Cerca de 3.000 vidas foram perdidas em decorrência ao ataque terrorista; fato que, naturalmente, aumentara a visão estereotipada dos árabes e muçulmanos, pois passaram a serem vistos como os responsáveis ou, pelos menos, os principais responsáveis do terrorismo internacional.

Ferreira (2014, p. 45) destaca que

[...] são vistas, nos dias de hoje, as consequências daqueles atos perpetrados pela Al-Qaeda, bem como da resposta norte-americana: conflitos no Oriente Médio e Sul da Ásia; o aumento da segurança e vigilância aeroportuárias; além de uma constante percepção de ameaça, proveniente de um inimigo invisível.

Percebe-se, dessa forma, uma mudança na compreensão da política e da segurança internacionais, proporcionada pelos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Um olhar mais atento e um sentimento de insegurança circulara entre população e Estado. O medo de uma

ameaça invisível e eminente também se transformara em leis mais severas contra a imigração e a legitimação de políticas de vigilâncias, como será visto mais à frente.

Tem-se, diante desse panorama, uma mudança sobre o que era considerado como ‘ameaça bolchevique’ sendo substituída por uma ‘ameaça islâmica’, mudança essa que pôde ser visualizada pelo aumento de livros publicados após o 11 de setembro que descrevem os muçulmanos como uma ameaça em potencial (BAKALIAN, BOZORGMHER, 2009).

Desde a sua formação e até a contemporaneidade, a comunidade árabe-americana tem ganhado corpo e cada vez mais visibilidade (MCCLLOUD, 2003). Apesar disso, sua participação social e cívica ainda é asfixiada por preconceitos e por atitudes perversas contra essa população. Ademais, se a convivência e engajamento desse povo nos Estados Unidos se dá de forma dificultosa, os eventos de 11 de setembro de 2001 proporcionaram estímulo e incentivo ao preconceito contra essas comunidades, que sofrem por carregar marcas que revelam sua origem árabe-muçulmana (ABDO, 2006).

Desse modo, o imaginário sobre o povo árabe-muçulmano foi construído de maneira negativa. Os acontecimentos daquele dia foram o marco para uma mudança de cenário e perspectiva para o terrorismo internacional (BAKALIAN, BOZORGMEHR, 2009; HADDAD, 2011; NERI, 2014). Políticas e atitudes legitimadas pelo governo norte americano à época foram validadas com o intuito de se combater o terror, postas em prática por meio de discursos oficiais – seja pelo então Presidente George W. Bush ou por demais autoridades políticas e bem como os meios midiáticos de comunicação, através de noticiários e jornais. Um dos maiores exemplos foi a Guerra ao Terror, uma busca por suspeitos e possíveis terroristas que figuravam como ameaça ao território estadunidense. Entretanto, tal busca se traduziu em uma caçada tanto em nível nacional como internacional e, como consequência, acabou por atravessar e atingir grupos e pessoas inocentes.

Sendo assim, os eventos ocorridos no pós-11 de setembro trouxeram grandes mudanças tanto na comunidade muçulmana quanto na consciência da população americana (SMITH, 2010). Considera-se isso pois os americanos tomaram ciência não apenas do que se passou a considerar como uma ameaça internacional crescente advinda do Islã, mas da realidade de que os muçulmanos em seu país também são aqueles profissionais fundamentais que fazem parte de seu cotidiano e movimentam o maquinário societal como médicos, cientistas e professores (SMITH, 2010).

Reitera-se, ainda, que o preconceito anti-islâmico continua em escalada “[...] apesar dos amplos esforços dos muçulmanos americanos para apresentar sua religião como a antítese da ideologia terrorista ilustrada em 11 de setembro e em ataques subsequentes no exterior” (SMITH, 2010, p. 28 – tradução livre⁵). Assim, a comunidade muçulmana mantém uma luta constante para modelar e manter uma boa cidadania ao passo em que são cautelosos com sua própria visibilidade, principalmente à luz da vigilância governamental, buscando engajamento cívico e a integração política no *mainstream* da sociedade americana.

Evidenciado tal conjuntura, fez-se imprescindível que, de alguma forma, as comunidades árabes-muçulmanas se organizassem de modo a combater essas atitudes preconceituosas e de discriminação. Assim, expõe-se nesta dissertação como essas pessoas se organizaram em grupos e movimentos sociais com o intento de confrontar os discursos dominantes que provocam os atos injuriosos.

Relativamente a isso, tem-se a Associação Árabe Americana de Nova York (AAANY – *Arab American Association of New York*, em inglês). Fundada em dezembro de 2001, a organização não governamental fornece apoio e capacitação aos imigrantes árabes e a comunidade árabe-americana por meio da oferta de serviços para ajudá-los a se adaptarem a seu novo lar e a se tornarem membros ativos da sociedade.

De acordo com a história de fundação da Associação⁶, é posto que o processo de criação da organização teve início antes dos ataques de 11 de setembro de 2001, contudo os fundadores se sentiram sujeitados a tomarem medidas mais emergentes após testemunharem o aumento do medo e os atos de discriminação flagrante contra sua comunidade nos dias que se seguiram aos ataques. Dessa forma, a organização tem atuado como um elo entre a comunidade árabe e as demais parcelas societárias da cidade de Nova York, promovendo compreensão sobre a cultura árabe, agindo em junção com escolas, governo e demais instituições e comunidades civis para tratar de questões acerca de discriminação, bem como fornecendo diversos serviços sociais culturalmente significantes.

⁵ Original em inglês: [...] *despite the wide-ranging efforts of American Muslims to present their religion as the antithesis of the terrorist ideology illustrated on 9/11 and in subsequent attacks abroad.*

⁶ Disponível em: < <https://www.arabamericanny.org/our-mission> > Acesso em: 31 de mai. de 2022.

Poder-se-á vislumbrar, adiante nesta pesquisa, como a fundação e a atuação da Associação Árabe Americana de Nova York se caracterizam como um marco importante para o combate aos discursos de ódio e em prol da conscientização acerca da cultura árabe. Desse modo, propicia-se a integração dessa comunidade de forma saudável na sociedade estadunidense e a desmistificação quanto a sua imagem erroneamente vinculada aos atos de terrorismo.

Levando em consideração esse breve cenário que fora introduzido, os objetivos desta pesquisa são quatro, sendo um objetivo geral que embasa o trabalho, seguido de três objetivos específicos, os quais proporcionam e dão orientação e direção para o desenvolvimento desta dissertação. Tem-se, portanto, de modo geral, o propósito de analisar a atuação da Associação Árabe Americana de Nova York como meio socialmente organizado para a construção de resistências da população árabe-muçulmana diante das práticas discursivas dominantes decorrentes da estereotipagem de sua imagem como potencial terrorista após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Por conseguinte, há o intento de [i] identificar em que contexto o estereótipo do árabe-muçulmano eclodiu nos EUA como fator de preconceito, xenofobia e discriminação. Para tal, [ii] utilizar-se-á os contributos de Michel Foucault relativamente à teoria pós-moderna/pós-estruturalista das Relações Internacionais para identificar as mudanças nas práticas discursivas da população estadunidense acerca da comunidade árabe-muçulmana neste país após os ataques de 11 de setembro de 2001. Em conclusão – de forma atrelada aos contributos teóricos – [iii] analisa-se o início das organizações e grupos formais da sociedade civil como movimentos de resistência às práticas discursivas naturalizadas acerca da imagem de pessoas árabe-muçulmanas como terroristas em potencial, quando se tem a atuação da Associação Árabe Americana de Nova York.

Assim, apresentado o cenário que será abordado neste trabalho, se tem que as perspectivas proporcionadas pela ótica pós-moderna das Relações Internacionais se configuram como ideais para o alcance do objetivo aqui proposto – debate esse que será abordado no capítulo 2 desta dissertação. Dessa forma, relativamente à formação dessa lente teórica tem-se que a área de RI se viu em uma encruzilhada ao final do século XX, visto que “[...] o fim inesperado e imprevisto da Guerra Fria levou ao reconhecimento de que era necessário repensar [...] as premissas da própria área” as quais, até então, em sua larga maioria, bebiam das fontes teóricas realistas e liberalistas das RI (RESENDE, 2011, p, 24).

De modo tal que a área de estudo das RI atravessou tempos de crise àquela época, em especial se passou a “questionar o racionalismo, a cientificidade, o positivismo, a fé no progresso, o sentido da história e o próprio significado do homem” (RESENDE, 2011, p. 24). Tal ruptura se deu com a corrente Moderna – a qual antecede a pós-moderna – e suas premissas, que teve sua emergência com o Iluminismo, apresentando a razão como meio único para a transcendência da tradição.

Dessa forma, o início dos debates pós-modernos/pós-estruturais⁷ em Relações Internacionais se deu na década de 1980 com os autores Richard Ashley, Michael Shapiro, James Der Derian e R. B. J. Walker (CAMPBELL, 2013). Assim,

[...] reconhecendo que as abordagens dominantes de RI desconheciam, desinteressavam ou eram hostis a essas questões [de como outros ramos das ciências sociais e humanas assistiram a debates significativos sobre como o conhecimento do mundo foi construído], os autores acima procuraram conectar a RI ao seu contexto interdisciplinar, introduzindo novas fontes de teoria. A motivação para a mudança para o pós-estruturalismo não era puramente teórica, no entanto. Os estudiosos críticos ficaram insatisfeitos com a maneira como o realismo - e sua revivificação na época através do neorealismo - permaneceu poderoso diante das novas transformações globais (CAMPBELL, 2013, p. 226 – tradução livre⁸).

Dessa maneira, afirma-se que esses estudiosos consideraram que o realismo marginalizou a importância de novos atores no Sistema Internacional (SI), assim como se apresentou como uma perspectiva falha – tendo em vista que não ouviu as vozes de concepções que foram excluídas – cabendo ao pós-modernismo/pós-estruturalismo a preocupação ética de incluir aqueles que haviam sido negligenciados pela corrente principal das RI (CAMPBELL, 2013). De tal modo, percebe-se que o pós-modernismo, por quebrar com as correntes positivistas das Relações Internacionais, figura contrariamente aos pressupostos do *mainstream* desta disciplina, os quais fazem uso de discursos homogeneizantes e possuem os seus olhares voltados para uma análise centrada ao Estado, em detrimento à presença de outros atores no SI que passaram a ter mais evidência.

⁷ A explicação da aplicação do binômio “pós-modernismo/pós-estruturalismo” poderá ser verificada no capítulo 2 desta dissertação. Assim como as justificativas para o seu comum uso nas diversas produções acadêmico-científicas em RI.

⁸ Original em inglês: [...] *Recognizing that the dominant approaches to IR were unaware uninterested, or hostile to such questions, the above authors sought to connect IR to its interdisciplinary context by introducing new sources of theory. The motivation for the turn to poststructuralism was not purely theoretical, however. Critical scholars were dissatisfied with the way realism—and its revivification at that time through neorealism—remained powerful in the face of new global transformations.*

Por conseguinte, serão explanados os conceitos empregados nesta dissertação e as contribuições de Michel Foucault – como teórico da vertente pós-moderna das RI –, que é utilizado como principal referência teórica neste trabalho. Uma vez que o debate foucaultiano é profundamente denso e abrangente, salienta-se que ele não será abordado em sua totalidade, mas serão utilizados somente os pontos conceituais que versam sobre o tema e objeto propostos nesta dissertação, tendo em mente sua utilidade analítica para o que se intenta realizar nesta pesquisa.

Dito isso, utilizar-se-á, especificamente, os conceitos de poder e biopoder atrelados ao conceito de discurso/prática discursiva, resistências e genealogia, os quais serão posteriormente apresentados. Vincula-se tais debates conceituais juntamente ao método genealógico de pesquisa aliado à ferramenta arqueológica, também apresentados nos escritos de Foucault e observados mais detalhadamente adiante nesta composição.

Será, dessa forma, possibilitada a compreensão acerca de como os conceitos apresentados conseguem dialogar entre si, de modo que as conceituações de poder e suas variações, prática discursiva, resistência e genealogia estão intrinsecamente ligadas. Destarte, o capítulo terceiro desta dissertação possibilitará visualizar a concatenação de tais conceitos ao objeto de estudo proposto neste trabalho. Para mais, o método de pesquisa utilizado para a elaboração deste empreendimento científico foi o método arqueogenealógico, o qual se propõe a se atentar aos jogos de luta e forças que constituem a história como a conhecemos.

Utiliza-se tal método pois há o intento de evidenciar a história sobre os árabes-muçulmanos que é acobertada em detrimento de uma prática discursiva que se mostrou dominante e propiciou a construção de um imaginário equivocado sobre essa população. Uma vez que genealogia, em Foucault (2010, p. 8), se trata da “insurreição dos saberes sujeitados” com o intuito de tornar os saberes históricos “capazes de oposições e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico”. Dessa forma, “a arqueologia seria o método próprio da análise das discursividades locais, e a genealogia, a tática que faz intervir, a partir dessas discursividades locais [...], os saberes dessujeitados que daí se desprendem” (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Portanto, ao pensar na empiria, deve-se apontar onde serão – concretamente – visualizadas as práticas discursivas dominantes, as práticas discursivas marginalizadas e as suas formas de resistências; pontos focais para o debate presente nesta dissertação. Dessa forma, poderá ser observado que práticas e atitudes preconceituosas e levadas à cabo pelo ódio acabaram se

transfigurando em ferramentas da violência e discriminação contra a supostos suspeitos de terrorismo nos Estados Unidos, legitimadas em nome da (in)segurança nacional vivida à época dos atentados de 11 de setembro.

Configuram-se, assim, práticas discursivas que validam e ratificam vozes dominantes em detrimento daqueles que são visados como seus alvos, uma vez que “[...] das cerca de vinte políticas e iniciativas implementadas nos primeiros doze meses após o 11 de setembro, quinze visavam explicitamente árabes e muçulmanos” além de que “[...] o Departamento de Justiça pediu aos departamentos de polícia locais que participassem de entrevistas com os residentes árabes de suas cidades, colocando-os na posição de monitorar as pessoas que deveriam proteger” (CAINKAR, 2004, p. 245 – tradução livre⁹).

Dessa forma, para que o método genealógico seja devidamente operacionalizado nesta dissertação, abordar-se-á as práticas de produção de resistências viabilizadas pela Associação Árabe Americana de Nova York. Neste caso, práticas essas que se traduzem nas atividades e serviços, e ações promovidas pela AAANY – posteriormente detalhadas nesta dissertação – as quais oportunizam a integração da população árabe-muçulmana na sociedade estadunidense, ao mesmo passo em que viabilizam a desmistificação da imagem dessa massa populacional como potenciais ameaças à população, território e hegemonia estadunidenses. Dessa forma, tais práticas possuem capacidade de resistir aos discursos dominantes e homogeneizantes.

Destarte, a Associação Árabe Americana de Nova York constrói, dentro dessa lógica, instrumentos de resistências, a partir de outras narrativas; outras formas de pensar que são contrárias às práticas discursivas dominantes. Além disso, reitera-se – como será verificado posteriormente nesta pesquisa – que a AAANY é apenas uma dentro das diversas associações e organizações árabe-islâmicas dentro do território estadunidense que fomentam a integração societal desta comunidade. Contudo, a escolha do emprego desta associação em detrimento de outras ocorreu, pois, o despontar de sua gênese acontece justamente com o intento de combate e resistência às deflagrações preconceituosas perpetradas à essa comunidade no pós-11 de setembro de 2001. Tem-se, ao mesmo passo, que sua concepção e formação se deu pensando que a

⁹ Original em inglês: [...] *Of the roughly twenty policies and initiatives implemented in the first twelve months after 9/11, fifteen explicitly targeted Arabs and Muslims. [...] Justice Department asked local police departments to participate in interviewing the Arab residents of their towns, placing them in the position of monitoring persons they are supposed to protect.*

organização coletiva é uma das melhores práticas para o combate à discriminação. Deste modo, observa-se que as premissas da fundação e práticas desenvolvidas por esta associação específica dialogam com as proposições desta pesquisa científica, possibilitando, assim, a concatenação empírico-teórica.

Por fim, o desenvolvimento deste trabalho se dá em três capítulos para sua melhor inteligibilidade – além desta introdução (1) e das conclusões gerais (5) –, a saber: (2) apresentam-se os estudos do estado da arte, bem como a vertente teórica pós-moderna da RI e as contribuições conceituais de Michel Foucault para o debate; (3) expõe-se os contextos de formação das comunidades árabes-muçulmanas e suas organizações sociais formais, mostrando e descrevendo a Associação Árabe Americana de Nova York, e por fim; (4) propõe-se uma análise arqueogenealógica perante a conjunção introduzida acima, quando se observa a interação entre teoria e fatos e a persistência de tal relação. Assim, esta dissertação tem o intuito de apresentar a Associação Árabe Americana de Nova York no contexto pós-ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, como instituição fomentadora de resistência formal e organizada ao preconceito perpetrado contra essa parcela populacional.

2. O ESTADO DA ARTE E A VERTENTE PÓS-MODERNA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

No presente capítulo são primeiramente apresentados os trabalhos e produções acadêmico-científicas que tangem ao debate aqui posto sobre as consequências dos eventos de 11 de setembro de 2001. São evidenciadas as diversas perspectivas de variadas áreas das ciências que atravessam às Relações Internacionais, passando pela antropologia, estudos de gêneros, vislumbrando-se também o ponto de vista de arquitetura e urbanismo, até que se chega às discussões acerca das comunidades árabes-muçulmanas e seus desdobramentos após os ataques terroristas mencionados anteriormente.

Por conseguinte, é mostrado o ferramental teórico utilizado neste trabalho: a teoria pós-moderna das Relações Internacionais e seus desdobros, expondo o *boom* do aparecimento de seus pensamentos e os impactos para as teorias da área que, até então, eram destaques e as quais ainda hoje fazem parte do *mainstream* teórico dos estudos em RI. Para mais, apresentam-se os pensamentos do autor francês Michel Foucault e seus principais conceitos que serão abordados ao longo desta composição, como poder, resistências, práticas discursivas e a genealogia. Embasamento teórico fundamental para a pesquisa proposta.

2.1 ESTADO DA ARTE

O “estado da arte” ou mesmo “estado do conhecimento” é uma forma de pesquisa bibliográfica explanada por Ferreira (2002). A autora explica que tais pesquisas parecem ter o comum caráter de mapear e discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos vêm sendo destacados, evidenciando que “[...] essas pesquisas são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre tal tema” (FERREIRA, 2002, p. 258). Para mais,

“o interesse por esse tipo de pesquisa é motivado pela sensação do não conhecimento acerca da totalidade de estudos realizada em determinada área [...] e, além disso, os pesquisadores são movidos [...] pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para, então, buscar o que ainda não foi feito” (FERREIRA, 2002, p. 259).

Portanto, seguindo essa premissa de busca, adição e contribuição para o tema que aqui é proposto, abaixo constam algumas das pesquisas reunidas e que atravessam a temática que é trabalhada nesta pesquisa, com o intuito de colaborar para o progresso e avanço desta dissertação. Deste modo, observa-se como uma investigação científica – apesar de ter seus objetivos a serem alcançados – não possui um fim em si mesma, sempre proporcionando variados caminhos e vertentes que lhe sucedem de forma a abrir oportunidades para novas observações.

Então, cabe aqui iniciar tratando acerca das diversas pesquisas que percorrem a área do terrorismo internacional abordando variadas vertentes – como fora dito anteriormente – desde a Psicologia, Sociologia, Antropologia e até mesmo perpassando pela ótica dos estudos de Arquitetura e Urbanismo, além, é claro, das Relações Internacionais. Dessa forma, apresenta-se um preâmbulo contextualizado para que se possa, enfim, – posteriormente neste trabalho – tratar acerca do impacto dos eventos de 11 de setembro de 2001 para a população árabe muçulmana dos EUA e, posterior e especificamente, o poder exercido sobre essa comunidade embasado por um discurso dominante e a contra-conduta desempenhada pela Associação Árabe Americana de Nova York em capítulos seguintes.

Faz-se necessário, assim, compreender as aplicações e significâncias do termo “terrorismo internacional”. Cretella Neto (2013) expõe a dificuldade que é conceituar precisamente tal expressão devido ao entrave jurídico enquanto julgar tais atos de terror quanto: crime contra a humanidade, crime internacional autônomo, crime de guerra ou uma junção dos dois. Existe também a complicação em identificar, delimitar e traçar o perfil de um terrorista com base em sua aparência – utilizando-se, dessa forma, de estereótipos – e em seus atos, possibilitando, assim, a insurgência do termo *freedom fighters* – “combatente pela liberdade” em tradução geral (NETO, 2013).

Ademais, o alto grau de hesitação em precisar e determinar o conceito de terrorismo internacional dá-se também devido a necessidade de existência de um elemento de internacionalização (NETO, 2013). Nogueira (2004), por sua vez, explica que por muito tempo a Organização das Nações Unidas (ONU) continua tentando definir o terrorista e os atos de terror, debate que vem sendo prorrogado por conta de impasses por instrumentos legais já existentes, bem como por entraves conceituais – como explicitado acima. Dessa forma, pode-se perceber a

fragilidade que existe relativamente a esse debate. Além disso, relata-se que o terrorismo, apesar de ter ganhado evidência com os eventos de 11 de setembro de 2001, já permeava a sociedade muitos anos antes disso (NOGUEIRA, 2004). A expressão ‘terrorismo’ com conotação política surgiu junto a revolução francesa em seus tempos mais violentos e a origem de grupos terroristas internacionais se deu no século XX com redes fundamentalistas (NOGUEIRA, 2004).

Em adição, tem-se que a definição da natureza, das características e dos atos de terrorismo é uma complexa tarefa visto as suas diversas causas e origens (PROCÓRPIO, 2001). Para mais, o uso da palavra ‘terrorismo’ sofre mudanças de acordo com o discurso político de cada era, tendo como fim a sua melhor acomodação conceitual perante o cenário que se estabelece (COLOMBO, 2015). Além disso, a falta de consenso conceitual acerca do termo e suas decorrências afeta as ações contra o mesmo, deixando margem para as interpretações dos atores internacionais sobre como o identificar e o combater de acordo com as suas percepções políticas e interesses estratégicos (RICAHRDS, 2014).

Vázquez (2001) delimita o conceito de terrorismo, em um amplo sentido, como sendo uma tática do uso da violência ou sua ameaça contra indivíduos ou grupos com o intuito de transformar algum processo político. Assim, o terrorismo internacional, segundo o autor, seria o ato de terror fundamentado em qualquer matriz – seja militar, religioso, de estado, revolucionário etc. – que leve a luta para além das fronteiras do país (VÁZQUEZ, 2001).

Neri (2014, p. 7) escreve que “a visão do terrorismo contemporâneo enquanto ameaça externa foi fundamentalmente modificada pelo 11 de Setembro”. Dentre os motivos citados pelo autor, se destaca a reação do presidente George W. Bush em declarar Guerra ao Terror sendo alvo de críticas daqueles que ainda acreditavam em um princípio realista político Westphaliano, tendo em mente que guerra e segurança internacional pertencem a esfera exclusiva do Estado. Assim, “dado que a al-Qaeda não constitui um Estado, declarar guerra a esta organização, assim como ao terrorismo, foi considerado inapropriado [...]” (NERI, 2014, p. 7).

Assim, os debates se estendem por diversas áreas das ciências sociais. Thomas Arciszewski et al, no artigo *From psychology of terrorists to psychology of terrorism* (2009), disserta sobre como os terroristas e os eventos causados por eles podem ser analisados por meio da ótica psicológica, falando ainda que houve diversas tentativas de enquadrar os perfis dessas pessoas em

alguma patologia mental, sempre sem sucesso. São mencionadas ainda as consequências que tais atos de terror podem causar em nível individual e societal, reforçando que a atribuição do medo e ameaças criadas pelo terrorismo são devidas aos grupos muçulmanos e árabes, lembrando que os atos de discriminação contra esses grupos após os acontecidos de 11 de setembro de 2001 mostraram o real medo e preconceito da população para com esses grupos (ARCISZEWSKI et al, 2009).

Laurence Miller, por sua vez, discorre, em seu artigo *Psychological interventions for terrorist trauma: symptoms, syndromes, and treatment strategies*, de 2002, sobre como o terrorismo se mostrou como um novo evento traumático a ser tratado por psicólogos, sendo uma combinação de diversos outros eventos como homicídios, desastre natural e/ou premeditado, violência política e de guerra e até mesmo se equiparando à tiroteios em escolas.

Há ainda a perspectiva sob a ótica de estudos de gênero. O sociólogo americano Michael Scott Kimmel publicou o artigo *Globalization and its Mal(e)contents: The Gendered Moral and Political Economy of Terrorism*, de 2003, no qual discorre gênero, globalização e terrorismo, examinando as maneiras pelas quais masculinidades e a globalização estão incorporadas no surgimento de grupos extremistas na extrema direita na Europa, nos EUA e também no mundo islâmico. Kimmel (2003, p. 605) parte da discussão das maneiras pelas quais os processos globais, políticos e econômicos afetam os homens de classe média baixa no ‘norte econômico’ e do mundo islâmico, descrevendo várias de suas reações políticas, especialmente seus esforços para restaurar o patriarcado tanto público quanto doméstico.

Para além deste debate, temos também a perspectiva arquitetônica e urbanística das consequências do terrorismo. Trata-se, aqui, especificamente acerca das grandes mudanças ocasionadas pelo 11/9 em Nova York. No livro *After the World Trade Center: Rethinking New York City* (2002), os organizadores, Michael Sorkin e Sharon Zukin, relatam como foi presenciar as torres gêmeas se transfigurarem de um grande e lindo mosaico nos céus para uma enorme pilha de destroços no chão. Os autores reiteram ainda que a recuperação da cidade, após os atos de terror, é puramente política

[...] Porque Nova York agora tem um lugar na longa linha de cidades que foram danificadas ou quase destruídas por ataques terroristas e militares que se estendem, através do passado recente, de Hiroshima e Berlim até Sarajevo e Cabul. Política por conta do papel de Wall Street como um epicentro do capitalismo mundial. Política por conta do local de Manhattan no nexo da finança e do desenvolvimento imobiliário — a indústria mais importante da cidade. Política por conta do poder-intermediação que determinará o desenvolvimento futuro do centro. Política por conta do confronto crescente entre o solo sagrado e o espaço edificável. (SORKIN, ZUKIN. 2002 – Tradução livre¹⁰)

Tendo em mente tal contexto, Sorkin e Zukin (2002) afirmam que, como um grupo de urbanistas que vivem e trabalham em Nova York, a pretensão de seu livro é usar o 11/09/2001 como uma oportunidade de especular sobre o futuro da cidade, visto que, se faz necessário reconsiderar seu passado. Com o intuito, ainda, de falar – por meio da ferramenta histórica – sobre a responsabilidade da arquitetura e a necessidade de se ter uma cidade completamente viva.

Minnite (2005) relata que a busca nacional por maior segurança contra a ameaça terrorista, evidenciada pelos ataques de 11 de setembro, teve um efeito forte e negativo sobre as comunidades de imigrantes de Nova York, em particular aquelas de fé islâmica. Como consequência, após os ataques a nação experimentou uma ascensão no patriotismo, nativismo e até xenofobia; sentimentos que deram apoio à caça do governo federal por terroristas em bairros de imigrantes muçulmanos, particularmente os de nacionalidade paquistanesa e indiana (MINNITE, 2005).

Além disso, os ataques de 11 de setembro foram um revés para o direito dos imigrantes, levando o governo Bush a utilizar de leis de imigração como uma ferramenta para combater o terrorismo, acelerando um processo que nega direitos e benefícios a esse grupo e ampliando bases para a deportação (MINNITE, 2005). Percebeu-se, dessa forma, que

[...] Em Nova York, como em outros lugares, o resultado foi um impacto acentuado, profundo e severo nas comunidades de imigrantes árabes, muçulmanas e do Sul da Ásia, sofridas com a repressão do governo federal. O status de recém-chegado desses grupos muçulmanos, incluindo suas conexões deficientes com as elites políticas da cidade, os

¹⁰ Original em inglês: [...] *because New York now takes a place in the long line of cities that have been damaged or nearly destroyed by terrorist and military attacks stretching, through the recent past, from Hiroshima and Berlin to Sarajevo and Kabul. Political because of Wall Street's role as an epicenter of world capitalism. Political because of Manhattan's site at the nexus of finance and real estate development—the city's most important industry. Political because of the power-brokering that will determine Downtown's future development. Political because of the growing clash between hallowed ground and buildable space.*

torna particularmente vulneráveis à dimensão repressiva do esforço antiterrorista doméstico (MINNITE, 2005, p. 166 – tradução livre¹¹).

Assim, fica evidente como as atitudes preconceituosas, à exemplo da xenofobia, desempenham papéis e desenham cenários propícios a instalação de estereótipos às pessoas e grupos imigrantes com características específicas que, de alguma forma, não se encaixam no perfil padrão do norte-americano – da pessoa branca, de olhos e cabelos claros – e, conseqüentemente, passam a ser alvos de vigilância e tratados como ameaça à soberania e segurança nacional.

Destarte, torna-se aparente como o clima de pânico e terror pós-11 de setembro “transformou irrevogavelmente os muçulmanos de uma minoria relativamente invisível nos Estados Unidos a suspeitos hiper visíveis de terrorismo” (SHAMS, 2018, p. 73 – tradução livre¹²). Em vista disso, a população muçulmana se mobilizou coletivamente contra a vigilância e a discriminação, construindo coalizões com outros grupos étnicos, de direitos civis e de defesa dos imigrantes para exigir seus direitos e liberdades como americanos, tendo em vista que, [...] os eventos fomentaram um período de crimes de ódio, discriminação e perfilamento. Embora os estereótipos e as ações discriminatórias não fossem novidade para essas minorias, a reação pós-11 de setembro foi esmagadora e implacável” (BAKALIAN, BOZORGMEHR, 2009, p. 1 – tradução livre¹³).

Desse modo, a revisão do estado da arte revela, portanto, uma ampla variedade de abordagens e perspectivas sobre o tema do terrorismo internacional, refletindo a complexidade e a interdisciplinaridade inerentes ao assunto. Inicialmente, destacou-se a dificuldade em definir precisamente o termo “terrorismo internacional”, devido a desafios jurídicos, conceituais e políticos. Por conseguinte, os estudos revisados abrangem diversas disciplinas, como Psicologia, Sociologia, Antropologia, Estudos de Gênero, Arquitetura e Urbanismo, e Relações

¹¹ Original em inglês: [...] *In New York, as elsewhere, the result was a sharp, deep, and severe impact on the Arab, Muslim, and South Asian immigrant communities profiled by the federal government's crackdown. The newcomer status of these Muslim groups, including their deficient connections with the city's political elites, makes them particularly vulnerable to the repressive dimension of the domestic antiterror effort.*

¹² Original em inglês: *The post-9/11 terror-panic climate has irrevocably transformed Muslims from a relatively invisible minority in America to hypervisible suspects of terrorism.*

¹³ Original em inglês: [...] *For many, the tragic events ushered in a period of hate crimes, profiling, and discrimination. Though stereotypes and discriminatory actions were not new to these minorities, the post-9/11 backlash was overwhelming and relentless.*

Internacionais. Através de análises psicológicas, foram explorados os motivos e as consequências dos atos terroristas, sem sucesso na tentativa de enquadrar os perpetradores em patologias mentais.

Além disso, foram discutidas as implicações de gênero e globalização no surgimento de grupos extremistas, bem como as consequências urbanísticas e sociais dos ataques, particularmente evidentes nos eventos de 11 de setembro de 2001 em Nova York. Destaca-se também o impacto sobre as comunidades árabe-muçulmanas nos Estados Unidos, que enfrentaram discriminação, vigilância e violações de direitos após os ataques. As pesquisas revisadas mostram como essas comunidades se mobilizaram contra a discriminação, buscando defender seus direitos e liberdades como americanos.

Em suma, a revisão do estado da arte revela a riqueza e a diversidade de pesquisas sobre o terrorismo internacional e suas consequências, fornecendo uma base sólida para a investigação proposta nesta dissertação. Faz-se, desse modo, perceptível como é ampla a tangente nos estudos sobre os eventos de 11 de setembro, bem como as pesquisas existentes acerca de suas consequências para a população árabe-muçulmana – principalmente nos EUA. Observa-se que tais pesquisas podem tomar variados caminhos, conseqüentemente, alcançando diversos resultados nas múltiplas áreas de conhecimento. Tendo em mente estes distintos cenários, seus resultados proporcionam grande contribuição para o estudo que aqui se faz, tendo em vista que, apesar de tomar uma perspectiva diferente, tais estudos mostram o que já foi percorrido até então e o caminho que ainda há para se percorrer e que pode ser traçado em futuras pesquisas.

2.2 O PÓS-MODERNISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Com base no preâmbulo da discussão proposta neste trabalho – que fora apresentado na seção anterior –, torna-se imprescindível aqui destacar as premissas e abordagens relativamente a vertente pós-moderna das Relações Internacionais, dimensão teórica na qual encontram-se os escritos e contributos de Michel Foucault para esta disciplina.

Dessa forma, neste capítulo serão apresentadas as perspectivas teóricas que fundamentarão as discussões propostas nesta dissertação. Inicialmente, faz-se uma breve revisão aos preceitos da ótica pós-moderna da disciplina e as condições de sua gênese nos estudos de Relações Internacionais, observando suas limitações e superações analíticas. Nesse sentido, traz-se diversos autores que dissertam acerca da teoria pós-moderna das RI, atrelando o diálogo entre seus escritos

para que os principais pontos referentes à essa perspectiva analítica sejam evidenciados com o fim de os vincular apropriadamente aos objetivos desta pesquisa.

Por conseguinte, são abordados os conceitos foucaultianos basilares para o debate teórico proposto neste trabalho. Tem-se, portanto, três subtópicos que dissertam, respectivamente, acerca dos conceitos de poder e discurso (2.1.1) – ou prática discursiva –, genealogia (2.1.2) e resistências (2.1.3). Como será observado, o conceito de poder está intimamente ligado aos demais, possibilitando a concatenação da discussão empírico-teórica a ser feita no próximo capítulo.

Acabe aqui – antes da exposição detalhada acerca desta vertente teórica – brevemente discriminar os aspectos concernentes ao que são o pós-estruturalismo e o pós-modernismo para os estudos de Relações Internacionais que, de forma frequente, são tomados como sinônimos; assim como os motivos que levam ao seu comumente uso – na literatura científico-acadêmica de RI – na forma binomial pós-modernismo/pós-estruturalismo.

Destarte, tem-se que o pós-estruturalismo é compreendido como a crítica “ao estruturalismo tributário da Linguística saussuriana”, estrutura essa em que Saussure concebe “língua como sistema de significados no qual elementos são definidos por relações de equivalência e oposição recíprocas” de modo que estas relações estabeleceriam uma “estrutura de significados” gerada e mantida por “práticas sociais” dentro de uma cultura específica (RESENDE, 2011, p. 38). Assim, tendo Michel Foucault como um dos nomes de grande influência, a crítica pós-estruturalista busca exatamente “problematizar os significados” por meio da “valorização da instabilidade e da fragilidade” que esses “processos de produção de sentidos” representam e disseminam (RESENDE, 2011, p. 38).

O pós-modernismo, por sua vez, concerne “à crítica e à problematização do bloco histórico específico chamado modernidade” (RESENDE, 2011, p. 38). Dessa forma, ambas as vertentes possuem a crítica “às premissas que ancoram as teorias dominantes de RI” como fator comum, o que acaba por unir os pensadores das duas linhas, denunciando a “área como rede de articulação e de (re)produção de [discursos] dominantes que geram verdadeiros regimes de verdade sobre o que

se deve ser reconhecido como conhecimento, tema ou pensamento legítimo da área de RI¹⁴” (RESENDE, 2011, p. 39).

Entende-se, portanto, que os regimes de verdade – possibilitados pela produção e reprodução de discursos dominantes –, caracterizam-se como o artifício central para a exclusão de “realidades, atores e saberes”, assim como também viabilizam a dominação “a forma de produzir conhecimento” de modo que são autorizadas a reprodução de “somente determinados tipos de saberes”, quando se sucede a exclusão de “alternativas de reflexão sobre a realidade” (RESENDE, 2011, p. 39).

Portanto, inicia-se essa dissecação teórica com a retomada dos dizeres de Resende (2011) acerca da ruptura da disciplina com as perspectivas modernas enviesadas pelos axiomas vigentes ainda hoje, os quais compõem o *mainstream* disciplinar presente nas análises de Relações Internacionais amplamente defendido por aqueles que prezam pela legitimação do racionalismo e cientificidade positivista. Dessa forma, reitera-se que fora “[...] o fim inesperado e imprevisto da Guerra Fria” que “levou ao reconhecimento de que era necessário repensar as teorias de vertentes realistas e liberais, mais especificamente, era necessário repensar as premissas da própria área” (RESENDE, 2011, p. 24).

Foi dessa forma que, com questionamentos às premissas e costumes do modernismo iluminista, se passou a reconhecer certo deslocamento para um novo estágio ou fase de desenvolvimento, surgindo a noção de pós-modernidade (RESENDE, 2011). Seguindo esse ideal de superação, a corrente pós-positivista, coloca em evidência a questão identitária – aquilo que abarca a essência do indivíduo em sociedade – como um pressuposto imprescindível para compreender como os interesses se formam e orientam a ação política (NOGUEIRA, MESSARI, 2005).

Tem-se, então, que baseados na concepção de que não se pode separar a razão das relações de poder que possibilitam falar em ‘verdades’ científicas “[...] os pós-modernistas acreditam, assim, que toda verdade é a afirmação de uma posição de poder e reflete estruturas de dominação

¹⁴ Portanto, está lograda nesta justificativa o uso do binômio pós-modernismo/pós-estruturalismo em alguns trechos dessa dissertação, bem como – será mais bem visto adiante – a dissecação melhor detalha acerca de alguns preceitos relativos ao pós-estruturalismo que contribuem para o melhor entendimento e compreensão desta pesquisa, visando o alcance de sua proposta crítica.

que pretendem se apresentar como neutras e naturais” (NOGUEIRA, MESSARI, 2005, p. 188). Destarte, tem-se que o que se compreende como ‘verdade’ não é nada mais do que uma “afirmação apresentada de uma perspectiva privilegiada, refletindo, portanto, as estruturas de poder que a sustentam” (RESENDE, 2011, p. 29).

Portanto, os pensadores pós-modernos denunciam tal naturalização e universalização dos pressupostos da cientificidade que silencia e exclui formas alternativas de produção de conhecimento e que, conseqüentemente, reproduz tais formas de dominação. Corrobora-se, ainda, que essa abordagem – conhecida como relativista – argumenta que toda afirmação é feita sob a ótica de uma verdade que não é única e, portanto, sempre relativa ao lugar em que foi formulada (NOGUEIRA, MESSARI, 2005).

Para mais, há que “o pós-modernismo representa um movimento amplo de crítica aos fundamentos epistemológicos e ontológicos das principais correntes teóricas das relações internacionais a exemplo do realismo” (SILVA, GONÇALVES, 2010, p. 226). Dessa forma, “o pós-modernismo concentra-se na análise da linguagem, dos textos e dos discursos, cujos significados escondem relações hierárquicas, controles sociais e agendas políticas excludentes”. (SILVA, GONÇALVES, 2010, p. 227).

Assim, relativamente às relações internacionais, a corrente pós-moderna “denuncia o poder das definições, das perspectivas ou abordagens teóricas e suas tentativas de identificar sujeitos e objetos de análise, além de definir quais são as questões relevantes e suas hipóteses apropriadas” (SILVA, GONÇALVES, 2001, p. 227). Decorre-se isso pois existem “práticas sociais, refletidas em práticas linguísticas e discursivas”, as quais devem ser devidamente interpretadas para que “possamos compreender a construção do universo social criado pelo ser humano e as ‘definições’ impostas a identidades, indivíduos e processos” (SILVA, GONÇALVES, 2010, p. 227).

Logo aqui pode-se observar como os pressupostos desta lente teórica que se apresenta são capazes de dar base aos argumentos que se intencionam fazer nesta dissertação; vê-se isso pois, tem-se a existência de práticas sociais que se refletem em práticas discursivas. Dessa forma, é possibilitada a compreensão de definições, quando há – por exemplo – a formação de identidades que estereotipam certos indivíduos, como no caso que se apresenta neste estudo. Assim, a perspectiva pós-estruturalista tem capacidade de revelar a concatenação desta vertente teórica com

o objeto de estudo proposto – análise que será mais bem trabalhada no capítulo quarto deste trabalho.

Destarte, os pesquisadores que se alinham ao pensamento pós-modernista/pós-estruturalista admitem que os conceitos se transformam com o tempo – contestando os princípios positivistas de que os pressupostos teóricos são objetivos, eternos e imutáveis – uma vez que é assumido que os conceitos, a exemplo de ‘soberania’ e diplomacia’, representam construções sociais temporais e que, a partir do momento em que se tem esse entendimento, passa a ser possível identificar e denunciar as vozes hegemônicas que estão por trás do cerne de formação do *mainstream* das relações internacionais (SILVA, GONÇALVES, 2010).

Guilherme Silva e Williams Gonçalves indicam que os argumentos da vertente pós-moderna de pensamento podem ser divididos em quatro pontos principais:

Em primeiro lugar, toda e qualquer verdade universal ou absoluta é inexistente. [...] Em segundo lugar, a relação e a manipulação entre conhecimento e poder formam a base das construções sociais. Apenas aquilo e aqueles reconhecidos como válidos pelo conhecimento possuem legitimidade de existência, manifestação ou participação. [...] Em terceiro lugar, é preciso descortinar a farsa dos falsos movimentos emancipatórios. Por exemplo, o liberalismo representaria tão somente a passagem do poder até então centrado nas relações feudais para as relações capitalistas. Em quarto lugar, o reconhecimento de uma base ética do pós-modernismo aponta para a defesa da pluralidade e das diferenças. (SILVA, GONÇALVES, 2010, p. 228).

Vê-se, então, que os quatro pontos são interligados, tendo em mente que se uma verdade é posta como universal, logo ela se naturaliza. Dessa forma, ao ocorrer a sua naturalização, tem-se aí o exercício do poder e sua capacidade de legitimação. Por conseguinte, o pós-modernismo vai de encontro a tal linha de raciocínio ao fazer a desconstrução de relações hierárquicas e do controle social. Percebe-se, aqui, mais uma vez a correlação existente entre o pós-modernismo e a proposição de estudo apresentada neste trabalho, ao se intentar compreender as construções sociais estigmatizadas no pós-11 de setembro relativamente à comunidade árabe-muçulmana em Nova York. Além de verificar o jogo de poder que possibilita esta construção; conceituação essa apresentada por Foucault e que será detalhada mais adiante.

Tem-se, então, que as interpretações dominantes do mundo foram estabelecidas por disciplinas *mainstream* das RI, as quais tradicionalmente falam dos Estados e seus formuladores de políticas que estão em busca de seus próprios interesses, de sua segurança, das relações

econômicas e suas implicações materiais, em detrimento aqueles que não fazem parte desse escopo e acabam sendo marginalizados (CAMPBELL, 2013). Assim, uma vez que a disciplina de RI tem a capacidade de mapear o mundo, são apenas as perspectivas críticas – particularmente o pós-estruturalismo – que trazem ao centro dos debates as questões relativamente a interpretação, poder e conhecimento e a políticas de identidade. Por conta disso, o pós-estruturalismo se caracteriza por estabelecer um paradigma; uma abordagem ética crítica que chama atenção para a importância da compreensão de assuntos globais como relações de poder, identidade e representação (CAMPBELL, 2013).

Consoante a isso, há que o pós-modernismo permanece entre as vertentes teóricas mais controversas nas ciências humanas e sociais, pois tem sido regularmente acusada de delinquência moral e política quando, após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, alguns analistas de Relações Internacionais chegaram a culpabilizar a perspectiva pós-moderna, uma vez que

Numa época em que a certeza moral parecia ser necessária, o pós-modernismo carregava uma perigosa tendência ao equívoco moral ou mesmo à simpatia pelo terrorismo. No mínimo, essas alegações absurdas serviram para provar uma afirmação central do pós-modernismo, de que as reivindicações de conhecimento estão intimamente ligadas à política e ao poder (DEVETAK, 2013, p. 161 – tradução livre¹⁵).

Diante do exposto acima, percebe-se que o pós-modernismo, por quebrar com as correntes positivistas das Relações Internacionais, não é bem aceito por pensadores e analistas que versam sobre perspectivas mais tradicionalistas desta disciplina, bem como por aqueles que fazem uso de práticas discursivas homogeneizantes que são tomados como naturalizadas, objetivas e impassíveis de mudança. Por isso tem-se que o pós-modernismo/pós-estruturalismo é compreendido menos como uma teoria e mais como uma visão – ou ‘antivisão’ – do que é o mundo, quando se compreende que

Os estudiosos que trabalham com essa visão de mundo são céticos quanto à possibilidade de explicações teóricas abrangentes para as coisas que acontecem no mundo. Eles preferem não procurar grandes teorias, mas sim examinar em detalhes como o mundo passa a ser visto e pensado de maneiras particulares em conjunturas históricas específicas e estudar como práticas sociais particulares – coisas que as pessoas fazem – funcionam

¹⁰ Original em inglês: *In a time when moral certitude appeared to be necessary, postmodernism was charged with a dangerous tendency towards moral equivocation or even sympathy towards terrorism. If nothing else, these absurd allegations served to prove a central claim of postmodernism, that knowledge claims are intimately connected to politics and power.*

em termos das relações de poder e as formas de pensar que tais práticas produzem ou sustentam (EDKINS, 2007, p. 88 – tradução livre¹⁶).

A partir dessa compreensão pode-se entender que, de acordo com o pós-estruturalismo, não há um ponto neutro exógeno ao mundo a partir do qual é possível observar suas interações e relações; o que acontece é que todas as observações e todas as vertentes e perspectivas teóricas são inerentes ao mundo o qual procuram estudar ou considerar. Dessa forma, inviabiliza-se a caracterização do analista ou teórico de relações internacionais como um observador imparcial da política mundial, uma vez que ele se encontra inserido nessa realidade juntamente aos impactos sociais e políticos resultantes dela (EDKINS, 2007).

Assim, possibilita-se entender a importância da linguagem e dos discursos para a vertente pós-moderna/pós-estruturalista das Relações Internacionais, tendo em mente que essa dimensão teórica foca na análise de textos e outras representações imagéticas ou simbólicas resultantes de certo evento ou contexto histórico (DIEZ, 2014). Como visto, suas abordagens se caracterizam fortemente por um profundo ceticismo acerca das ditas verdades objetivas e absolutas que acabam se transformando em categorizações enviesadas por práticas discursivas homogeneizantes, ocasionadas por sua naturalização (DIEZ, 2014). Dessa forma, “o que é dito é significativo por conta das associações com aquilo que não é dito” (EDKINS, 2007, p. 91 – tradução livre¹⁷).

Diz-se isso pois nota-se que o pós-estruturalismo não se caracteriza como somente

um método de análise textual no sentido estrito do estudo de textos ou discursos escritos ou falados. É uma abordagem que trata as práticas, objetos e instituições sociais como ‘textos’ no sentido mais amplo, na medida em que podem ser interpretados em termos de sua produção de sentido, sua função discursiva e as relações e estruturas de poder que produzem e em quais estão inseridos (EDKINS, 2007, p. 94 – tradução livre¹⁸).

¹⁶ Original em inglês: *Scholars working within this worldview are skeptical of the possibility of overarching theoretical explanations for things that happen in the world. They prefer not to look for grand theories but rather to examine in detail how the world comes to be seen and thought of in particular ways at specific historical junctures and to study how particular social practices – things people do – work in terms of the relations of power and the ways of thinking that such practices produce or support.*

¹⁷ Original em inglês: *What is said is meaningful because of the associations with what is not said.*

¹⁸ Original em inglês: *It is important to note that poststructuralism is not just a method of textual analysis in the narrow sense of the study of written or spoken texts or discourses. It is an approach that treats social practices, objects and institutions as ‘texts’ in the broadest sense, in that they are capable of being interpreted in terms of their production of meaning, their discursive function and the power relations and structures they produce and in which they are embedded.*

Tem-se essa característica relativamente a perspectiva pós-moderna pois, para essa lente teórica, observa-se que todo conhecimento está situado em termos de relações de poder, bem como de acordo com o contexto social e cultural em que esse conhecimento é produzido (EDKINS, 2007). Visto isso, existem dois modos de análise que são frequentemente associados ao trabalho pós-estruturalista: a genealogia e a desconstrução, sendo a genealogia um conceito imprescindível para o que se propõe nesta dissertação, visto que a abordagem genealógica “analisa não apenas como o discurso funciona em um determinado momento, mas como o discurso produz relações de poder” (EDKINS, 2007, p. 95 – tradução livre¹⁹).

Percebe-se, dessa forma, que o pós-modernismo nas Relações Internacionais representa uma ruptura com as perspectivas dominantes ancoradas no modernismo iluminista, questionando os pressupostos positivistas e buscando uma compreensão mais pluralista e contextualizada do mundo. Essa abordagem teórica, muitas vezes associada ao pós-estruturalismo, enfatiza a importância da linguagem, dos discursos e das práticas sociais na construção das relações de poder e na produção de conhecimento.

No contexto das Relações Internacionais, o pós-modernismo critica as narrativas dominantes que tendem a naturalizar e universalizar certos conceitos e práticas, destacando como tais processos são, na verdade, marcados por relações de poder e exclusão. Essa crítica se estende à forma como o conhecimento é produzido e legitimado dentro da disciplina, questionando a neutralidade e a objetividade das teorias convencionais.

De modo tal que os pesquisadores alinhados com essa perspectiva destacam a importância de reconhecer a contingência e a relatividade das verdades estabelecidas, argumentando que toda afirmação reflete uma posição de poder e está sujeita a contestação. Além disso, o pós-modernismo enfatiza a necessidade de examinar as práticas discursivas e as representações simbólicas como formas de entender como o poder opera e como as identidades são construídas e contestadas.

Por conseguinte, a genealogia e a desconstrução são abordagens frequentemente associadas ao pós-modernismo, pois destacam como os discursos e as práticas sociais produzem e reproduzem relações de poder. Essas ferramentas analíticas são utilizadas para desvelar as narrativas dominantes e revelar as hierarquias e exclusões subjacentes às construções de conhecimento e

¹⁹ Original em inglês: *It analyzes not only how discourse works at a particular time, but how discourse produces relations of power.*

identidade. No entanto, o pós-modernismo fora – e continua sendo – objeto de críticas, especialmente em momentos de incerteza moral e política, como após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, quando foi acusado de relativizar questões éticas e de legitimar o terrorismo. Essas críticas destacam a complexidade e a controversa natureza do pós-modernismo nas ciências sociais e humanas.

Vê-se, perante a apresentação desta lente teórica, que os pressupostos da lente pós-moderna dialogam diretamente com o objeto de estudo desta dissertação, bem como consegue também relacionar e vincular o recorte geográfico-temporal estabelecido para análise. Observa-se tal correlação pois – conforme os objetivos apresentados – busca-se compreender a formação de práticas discursivas que se concretizam em verdades absolutas e estigmatizadas; empreendimento analítico possibilitado pelas premissas e abordagens pós-estruturalistas evidenciadas nesta seção. Logo, apresentados os principais preceitos e abordagens relativamente a vertente teórica pós-moderna, tem-se, a seguir, a exposição do diálogo entre os escritos conceituais de Michel Foucault e as perspectivas dessa lente teórica das Relações Internacionais.

2.3 FOUCAULT E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Levando em consideração a apresentação teórica acima, discutir-se-á nesta subseção os conceitos levantados por Michel Foucault que sustentarão a investigação aqui proposta. Tem-se, dessa forma, o debate introdutório acerca da conceituação do poder de forma ampla – porém necessária para a compreensão do todo – bem como suas variações de acordo com Foucault, quando se expõe as definições de poder disciplinar e biopoder. Além disso, evidencia-se também o debate conceitual relativamente ao uso do discurso, ou prática discursiva, na e para a formação de verdades.

Para mais, apresentam-se os termos genealogia e resistências. Genealogia, como será observado, tem sua aplicação de maneira intrínseca à abordagem do poder e, conseqüentemente, de práticas discursivas, uma vez que a genealogia possibilita o combate aos discursos dominantes e homogeneizantes que insurgiram devido a prática do poder. Quando se trata de resistências, por sua vez, trata-se de um constructo prático necessário que se opõe às forças dominantes diretamente ligadas ao exercício do poder. Desse modo, tem-se Foucault como chave teórica-conceitual para a discussão pretendida neste trabalho.

Por isso, Foucault é tomado como um forte aliado às críticas pós-estrutural/pós-moderna, já que o filósofo francês, em seus escritos, “[...] desafia muitos dos pressupostos básicos que estão no cerne dos principais relatos realistas e neorealistas da política mundial” (KIERSEY, DOUG, 2011, xiii – tradução livre²⁰). Sendo assim, abaixo seguem as definições relativamente ao poder e suas variações em poder disciplinar e biopoder, genealogia e resistências. Conceituações essas abordadas por Foucault ao longo de sua caminhada como pesquisador e que são caras à esta dissertação em seu objetivo para que haja entendimento acerca dos desdobramentos que serão tratados no percurso analítico-teórico deste trabalho.

2.1.1. Poder e Discurso

Serão aqui apresentadas as definições relativamente ao poder e suas variações, quando se perpassa pela breve definição do que é o poder e seu exercício, bem como as implicâncias de sua aplicação para a construção de verdades. Concomitantemente, faz-se o diálogo com a definição de práticas discursivas e sua relação com o poder.

Assim sendo, uma vez que “toda verdade é a afirmação de uma posição de poder e reflete estruturas de dominação que pretendem se apresentar como neutras e naturais” (NOGUEIRA, MESSARI. 2005, p. 188), passa-se a ter a compreensão de que o que se entende por ‘verdade’ nada mais é do que uma “afirmação apresentada de uma perspectiva privilegiada, refletindo, portanto, as estruturas de poder que a sustentam” (RESENDE, 2011, p. 29). Pode-se, destarte, concluir que a construção social – a construção da história da verdade – implica, conseqüentemente, em outras verdades que foram subjugadas e escondidas pelo *mainstream*. Dessa forma, entende-se que o exercício do poder se fez e ainda se faz presente na genealogia da verdade²¹.

Ademais, segundo Bobbio, Matteucci e Pasquino (2004, p. 933), o Poder é compreendido como a “capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos”. Para mais, tem-se também o Poder compreendido no âmbito social; na relação do homem em sociedade. Desse modo, acontece

²⁰ Original em inglês: [...] challenge many of the basic assumptions that lie at the heart of mainstream realist and neorealist accounts of world politics.

²¹ De acordo com Júnior e dos Santos (2014, p. 4), a genealogia da verdade trata sobre analisar a origem e o surgimento da verdade como a conhecemos e qual caminho ela toma nas “[...] relações de força e poder”. A conceituação e aplicação da genealogia será mais bem detalhada adiante neste trabalho.

que “[...] o Poder se torna mais preciso e seu espaço conceitual pode ir desde a capacidade geral de agir, até à capacidade do homem em determinar o comportamento do [outro] homem: Poder do homem sobre o homem” (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2004, p. 933). Dessa forma, há que o homem não somente se caracteriza como sujeito, mas também como objeto do Poder social (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2004).

Ademais, pode-se definir também o poder nas relações interestatais “[...] como a capacidade de um estado de controlar, ou pelo menos influenciar, outros estados ou o resultado de eventos” (GRIFFITHS, 2007, p. 258 – tradução livre²²). Além disso, ocorre de “a maioria dos estudiosos se concentra no poder como um meio, a força ou capacidade que fornece a habilidade de influenciar o comportamento de outros atores de acordo com os próprios objetivos” (GRIFFITHS, 2007, p. 258 – tradução livre²³). Tem-se, assim, a capacidade que o Poder tem de moldar comportamentos e proporcionar a subjetivação de determinado indivíduo ou grupo de indivíduos – como será observado mais à frente neste trabalho.

Tendo essas conceituações e definições em mente, pode-se, agora, melhor entender o que Michel Foucault concebe como poder disciplinar. Em suas palavras

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. ‘Adestra’ as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais — pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 1999, p. 195).

Dessa forma é reforçada a potencialidade que o exercício do poder tem de subjetivar o indivíduo e suas ações e comportamento. Reitera-se, ainda, que o poder não é algo que se possui, mas sim algo que se caracteriza como transitório entre os indivíduos; entre aqueles que o exercem

²² Original em inglês: [...] *may be defined as a state’s ability to control, or at least influence, other states or the outcome of events.*

²³ Original em inglês: *Most scholars focus on power as a means, the strength or capacity that provides the ability to influence the behaviour of other actors in accordance with one’s own objectives.*

e aqueles que são submetidos a ele, visto que “[...] o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação [...]” (FOUCAULT, 2019, p. 274).

Como visto, o poder se organiza em rede e, portanto, se a vigilância repousa sobre os indivíduos, e seu funcionamento é de uma relação hierárquica, posto que “o poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina” (FOUCAULT, 1999, p. 201-202). Dessa forma, é a sua estruturação hierarquicamente disposta

[...] que produz ‘poder’ e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente ‘discreto’, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio (FOUCAULT, 1999, p. 202).

Além disso, a compreensão foucaultiana proporciona o entendimento de que quando um indivíduo ou grupo social chega a bloquear um campo de relações de poder, por meio de instrumentos que podem ser tanto econômicos como políticos ou militares, tem-se então o que pode ser chamado de estado de dominação (FOUCAULT, 2004). Tem-se esse estado de dominação quando as práticas de liberdade ou deixam de existir ou existem apenas unilateralmente ou são extremamente restritas e limitadas (FOUCAULT, 2004).

Chegado a tal ponto nesta discussão, tem-se o debate acerca do biopoder que pode ser entendido como uma “nova tecnologia” que se instala com o intuito de regulação da vida (FOUCAULT, 2010, p. 204). Porém, não somente da vida ou do corpo individual – diferentemente do poder disciplinar –, mas da vida em massa, em caráter populacional, ao passo que proporciona um “conjunto de processos” e medidas que a promove em sua melhor perspectiva e condições; para isso ela é regulada, por exemplo, por meio da “proporção de nascimentos e óbitos, taxa de reprodução, de fecundidade [...]”, medidas essas que possibilitam o levantamento necessário para pôr as taxas e os “processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade” em perspectiva, entre outros aspectos usados para “medição estatística” no que diz respeito a população (FOUCAULT, 2010, p. 204). É a partir desse ponto que se obtém a percepção de que a biopolítica faz viver, pois se estabelecem “médias” pelas quais há a possibilidade de “equilíbrio” e “homeostase” perante a população (FOUCAULT, 2010, p. 207).

Tendo, assim, a biopolítica como alvo a massa populacional em geral, os “processos de apoio à vida” se dão por via de “implementação de um conjunto de instrumentos e instituições” que visam garantir justamente a “melhoria dos processos vitais da população”, operacionalização essa que pode ser traduzida em “instalação” e “implementação de aparatos de segurança” que garantam a qualidade de vida (LUDWIG, BLANCO, 2013, p. 17). Dessa forma, é com o intuito de intervenção nos aspectos populacionais que o conceito de biopolítica usa uma métrica de regulação que se dá por meio de médias, como referido acima, uma vez que “é por meio do estabelecimento de médias e metas que a biopolítica procura manter um equilíbrio que compense os possíveis desvios e, portanto, exerce o seu poder” (LUDWIG, BLANCO, 2013, p. 18).

Desse modo, é com a adoção do procedimento de médias que “os processos de apoio à vida podem ser moldados e, como consequência, um poder sobre a vida da população pode ser exercido” (LUDWIG, BLANCO, 2013, p. 18). Percebe-se, com essa tecnologia de biopoder, “um poder contínuo, [...] que é o poder de fazer viver” (FOUCAULT, 2010, p. 207).

No entanto, por que ao mesmo tempo em que se faz viver, essa tecnologia de biopolítica deixa morrer? É precisamente nesse questionamento que se encontram, segundo Foucault (2010) os paradoxos existentes no exercício da biopolítica; do biopoder. Destarte, com o fim de assegurar a vida, o biopoder, em sua execução, é excedido de tal modo que passa a exercer o direito de matar e, com essa visão, tem-se o racismo como elemento central para interpretação (FOUCAULT, 2010). É quando se tem o estabelecimento de mecanismos reguladores perante a população; mecanismos esses que detêm a capacidade de fazer viver e deixar morrer. É, por conseguinte, um poder que se apodera tanto do corpo como da vida.

Então, é dessa forma que o racismo se insere “como mecanismo fundamental do poder”, pois, através do racismo, se fragmenta esse “campo biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros” (FOUCAULT, 2010, p. 214). Dá-se sentido à uma lógica de fabricação da vida, simultaneamente em que há a noção de resguardar e proteger essa vida e, para tanto, o racismo dá base para essa compreensão, uma vez que

[...] a morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria a minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do

degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura (FOUCAULT, 2010, p. 215).

Assim, o biopoder assume e admite o imperativo da morte ao objetivar a “eliminação do perigo” frente a população (FOUCAULT, 2010, p. 215). Portanto, é nesse cenário que se caracteriza e se configura o inimigo e o perigo – tanto internos quanto externos – relativamente à população. Desse modo, é fundamental a compreensão de que a prática de assassinio também pode ser exercida indiretamente, posto que o simples “fato de expor a morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc.” por si só já logram espaço como características de reconhecimento do biopoder por meio do exercício do racismo (FOUCAULT, 2010, p. 216).

Mediante este entendimento acerca do biopoder e seu imperativo da morte, passa-se a se compreender, nesse sentido, as formas de subjugação e discriminação das comunidades árabes-muçulmanas nos EUA após os eventos de 11 de setembro de 2001. Percebe-se essa concatenação de teoria e fatos quando se remete à ‘ameaça islâmica’ que se instaurou logo depois dos ataques terroristas daquela data (BAKALIAN, BOZORGMHER, 2009), quando se teve uma mudança de percepção acerca dos muçulmanos americanos como uma minoria socialmente “escanteada” para evidentes possíveis suspeitos de terrorismo (SHAMS, 2018). Tal relação será posteriormente mais bem analisada e detalhada neste trabalho.

Tendo em mente tal cenário, observa-se uma relação intrínseca entre os conceitos de ‘poder’ e ‘discurso’, de modo que por mais que o “discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2004, p. 10). Há ainda o princípio de exclusão que se deu por via de separação e rejeição: a oposição razão e loucura, no qual se considera, desde a Idade Média, como louco aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros; sua palavra pode ser considerada nula, não contendo verdade nem importância pois não tinha poder para tal (FOUCAULT, 2004).

Para além disso, existem muitos outros procedimentos de controle e de delimitação do discurso, os quais são chamados de procedimentos internos

[...] visto que são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de

ordenação, de distribuição, como se se tratasse desta vez de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso (FOUCAULT, 2004, p. 21).

Assim, “não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar”; conjuntos ritualizados de discursos que se narram conforme circunstâncias que se conservaram, são esses, por exemplo: os discursos religiosos, as leis e os textos científicos (FOUCAULT, 2004, p. 22).

De tal forma, entende-se que o “discurso é essencialmente histórico e constituído de acontecimentos reais e sucessivos, e que não se pode analisá-lo fora do tempo em que se desenvolveu”, indicando também, que há diferentes práticas discursivas (FOUCAULT, 2008, p. 224). Dessa maneira, evidencia-se “como se formaram uma prática discursiva e um saber revolucionário que estão envolvidos em comportamentos e estratégias, que dão lugar a uma teoria da sociedade e que operam a interferência e a mútua transformação de uns e outros”, tendo em vista que para Foucault, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (FOUCAULT, 2008, p. 218).

Tem-se, portanto, que a análise conjunta das dinâmicas de poder e discurso revela uma intrincada teia de influências mútuas que moldam as relações sociais e políticas. O poder, entendido não apenas como uma capacidade de agir, mas também como uma relação complexa de controle e influência, se entrelaça com o discurso de maneiras que são fundamentais para a compreensão das dinâmicas contemporâneas das relações internacionais. A partir das perspectivas de Foucault, compreende-se que todo discurso é permeado por relações de poder, refletindo e reproduzindo as estruturas de dominação existentes. O discurso, portanto, não é apenas uma expressão de ideias, mas também uma forma de exercício de poder, tanto na esfera individual quanto na coletiva.

A noção de poder disciplinar, por sua vez – conforme discutida – revela como o poder se manifesta de maneira disciplinadora, moldando indivíduos e grupos para se conformarem às normas estabelecidas. Esse poder não apenas restringe, mas também produz subjetividades, operando de maneira sutil e difusa. Além disso, a introdução do conceito de biopoder possibilita a expansão da compreensão relativamente ao exercício do poder para além do controle dos corpos individuais, alcançando a gestão das populações como um todo. A regulação da vida em nível populacional revela como o poder opera não apenas sobre indivíduos, mas também sobre coletividades, estabelecendo normas e médias que buscam manter o equilíbrio social.

Por fim, a relação entre poder e discurso se evidencia na forma como os discursos são controlados e delimitados, refletindo e reforçando as relações de poder vigentes. A análise dessas práticas discursivas revela não apenas as estratégias de controle, mas também as possibilidades de resistência e transformação. Assim, a compreensão das interconexões entre poder e discurso oferece percepções imprescindíveis para uma abordagem pós-moderna das relações internacionais, destacando a importância de considerar as dimensões discursivas e de poder nas análises políticas e sociais contemporâneas.

2.1.2. *Genealogia: a verdade não dita*

Nesta subseção serão apresentadas as implicações e aplicações da conceituação de genealogia para Foucault, dialogando na perspectiva pós-moderna das Relações Internacionais. Desse modo, verifica-se uma retomada aos conceitos de poder e prática discursiva, quando se observa a intrínseca relação existente entre as três concepções e, para mais, o nexos presente entre genealogia e resistências – conceito abordado na subseção seguinte. Além disso, pode-se notar uma breve exemplificação da relação entre o conceito de genealogia e o objeto de estudo desta dissertação, trazendo o caso dos eventos acontecidos na data de 11 de setembro de 2001.

Salienta-se, portanto, a partir dos entendimentos constatados anteriormente acerca dos conceitos de poder em Foucault e suas reverberações, a sua compreensão relativamente ao poder-saber. Assim, tem-se em mente que “entre seus diversos interesses, Foucault queria entender as condições históricas específicas da produção do conhecimento” (RESENDE, 2011, p. 33).

Nesse sentido, há, nas pesquisas de Foucault, uma busca genealógica relativamente ao que ele chama de insurreição de saberes sujeitados que se caracterizam como saberes que foram considerados desqualificados e insuficientes (FOUCAULT, 2010). Dessa maneira, o que se entende como saberes sujeitados se dá, “em suma, [por] conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais”, uma vez que “apenas os conteúdos históricos podem permitir descobrir a clivagem dos enfrentamentos e das lutas que as ordenações funcionais ou as organizações sistemáticas tiveram como objetivo, justamente, mascarar” (FOUCAULT, 2010, p. 8).

Desse modo, os saberes sujeitados podem ser compreendidos como “blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos”, os quais são capazes de se fazer reaparecer por meio da crítica a esses referidos conjuntos (FOUCAULT, 2010, p. 8). Para mais, o filósofo francês adiciona que, de outra perspectiva, existe a compreensão desses saberes sujeitados como saberes “não conceituais” ou mesmo “insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos” para que pudessem se caracterizar como válidos (FOUCAULT, 2010, p. 8).

Salienta-se que tais saberes não se enquadram em uma categoria de “saberes comuns” ou de “bom senso”, mas que se destacam como saberes particulares, locais, regionais, diferenciais, saberes que não são capazes de unanimidade e que “se opõe[m] a todos aqueles que o[s] rodeiam” (FOUCAULT, 2010, p. 9). Destarte, a realização de tal movimento de insurreição desses saberes, tomados outrora como inválidos e desqualificados é delineado pela de genealogia, de modo tal que esse deslocamento genealógico somente é possível por meio da revogação da “tirania dos discursos englobadores, com sua hierarquia e com todos os privilégios das vanguardas teóricas” (FOUCAULT, 2010, p. 9).

Foucault busca evidenciar que o empreendimento genealógico não se resume a pequenez de um “cientificismo qualquer” ou somente como “um empirismo que perpassa o projeto” de genealogia, mas que, na verdade, se trata

de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um *conhecimento verdadeiro*, em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguns (FOUCAULT, 2010, p. 10 – grifo nosso).

Desse modo, a genealogia trata propriamente da insurreição de saberes, como posto anteriormente, “mas de uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição a ao funcionamento de um discurso científico” (FOUCAULT, 2010, p. 10). A genealogia é, então, o movimento que proporciona o combate aos discursos considerados unitários e homogeneizantes em prol daqueles que insurgirão em sua contraposição (FOUCAULT, 2010).

Com a proposição de inserir esses saberes na hierarquia do poder, a genealogia figura como esse empreendimento que possibilita “dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres”, ou, em outros termos, fazer com que sejam “capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso unitário, formal e científico” (FOUCAULT, 2010, p. 11). Nesse sentido, para essa asserção que se apresenta seja viável, a arqueologia se configura como o método de análise imprescindível para as “discursividades locais”, em adição ao empreendimento genealógico como “tática que faz intervir” aqueles “saberes sujeitados” que, por conseguinte, se apartam e se tornam livres (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Consoante às explanações acima, compreende-se que a genealogia pode ser entendida como uma tomada de pensamento histórico que evidencia as relações de poder-saber, além de trazer para a constituição da história questões que, em um primeiro olhar, se pensava estar além – ou, se pode considerar ainda, aquém – da própria história; como conhecimentos que foram excluídos da gênese da história como ela nos é contada (DEVETAK, 2005).

Por isso há que

A história procede como uma série de dominações e imposições no saber e no poder, e a tarefa do genealogista é desvendar a história para revelar as múltiplas trajetórias que foram fomentadas ou fechadas na constituição de sujeitos, objetos, campos de ação e domínios de conhecimento. Além disso, de uma perspectiva genealógica, não há uma única grande história, mas muitas histórias entrelaçadas que variam em seu ritmo, andamento, e efeitos de poder-saber (DEVETAK, 2005, p. 163 – tradução livre²⁴).

Desta forma e para mais, entende-se que a partir da perspectiva genealógica, para além de uma única e grandiosa história, existem muitas outras histórias que, conseqüentemente, foram enterradas, silenciadas, e ficaram de fora da narrativa convencional que nos é amplamente contada (DEVETAK, 2005). Pode-se observar, à vista disso, como o empreendimento genealógico se apresenta devidamente capaz de dialogar com o que se propõe nesta dissertação, uma vez que práticas discursivas se evidenciaram no pós-11 de setembro em detrimento de outras que foram marginalizadas. Tem-se isso pois – como foi brevemente levantado anteriormente e como será

²⁴ Original em inglês: *History proceeds as a series of dominations and impositions in knowledge and power, and the task of the genealogist is to unravel history to reveal the multifarious trajectories that have been fostered or closed off in the constitution of subjects, objects, fields of action and domains of knowledge. Moreover, from a genealogical perspective there is not one single, grand history, but many interwoven histories varied in their rhythm, tempo, and power-knowledge effects.*

mais bem discutido adiante – a estigmatização do árabe-muçulmano como potencial terrorista nos EUA se deu por essa lógica.

Visto isso, é reforçado que a abordagem genealógica é orientada de forma que seja antiessencialista, uma vez que a genealogia parte do pressuposto de que todo conhecimento se instala e estabelece em determinado lugar e tempo, não sendo livre de enviesamento e passível de ser determinado por um dado ponto de vista (DEVETAK, 2005). Por isso que se deve buscar a insurreição dos discursos e saberes que foram enterrados e engessados para que, então, possam ficar livres.

Assim sendo, com essa heterogeneidade de variados e possíveis contextos e posições, não pode haver uma perspectiva única que supere todas as outras; conseqüentemente, não existe uma ‘verdade única’, mas sim perspectivas que concorrem entre si (DEVETAK, 2005). Com essa contextualização de perspectivas concorrentes, apresentam-se uma série de questionamentos que dialogam muito bem com a abordagem proposta nesta dissertação, relativamente aos eventos de 11 de setembro de 2001, como exemplo e evidência do constructo discursivo por detrás da história dos atentados terroristas daquela data. Tem-se, então, as seguintes questões:

O evento designado pelo nome “11 de setembro” é [...] mais bem concebido como um ato de terrorismo, um ato criminoso, um ato do mal, um ato de guerra ou um ato de vingança? Talvez seja melhor pensar em uma instância do "Islamo-fascismo" ou no choque de civilizações? Ou talvez como 'contragolpe'? Além disso, quais atos específicos de comissão e omissão constituem esse evento? O "11 de setembro" começou às 08h45, quando o voo 11 da American Airlines colidiu com a torre norte do World Trade Center, ou às 7h59, quando o avião partiu de Boston? Começou quando os autores começaram a planejar e treinar para o ataque? Ou começou ainda mais cedo, como uma reação (ainda que injustificada) à política dos EUA no Oriente Médio? (DEVETAK, 2005, p. 164-165 – tradução livre²⁵)

Assim, “essas perguntas mostram que o evento de ‘11 de setembro’ é constituído apenas em uma narrativa que o integra” – o que se é conhecido e falado – “a uma sequência de outros eventos” – pouco discutidos – conferindo, assim, significado aos eventos dessa data (DEVETAK,

²⁵ Original em inglês: *The event designated by the name ‘September 11’ is a case in point. Is it best conceived as an act of terrorism, a criminal act, an act of evil, an act of war, or an act of revenge? Perhaps it is best thought of as an instance of ‘Islamo-fascism’ or the clash of civilization? Or perhaps as ‘blow back’? Further more, which specific acts of commission and omission constitute this event? Did ‘September 11’ begin at 8.45a.m. when American Airlines flight 11 crashed into the north tower of the World Trade Centre, or at 7.59a.m. when the plane departed from Boston? Did it commence when the perpetrators began planning and training for the attack? Or did it begin even earlier, as a reaction (however unjustified) to US Middle East policy?*

2005, p. 165 – tradução livre²⁶). Deste modo, entende-se que para o pós-modernismo/pós-estruturalismo, a representação de qualquer evento político sempre será suscetível a interpretações concorrentes.

Dessa forma, a genealogia se mostra essencial na concepção histórica de “identidades, unidades, disciplinas, sujeitos e objetos”, uma vez que problematiza essas formações identitárias que traçam e representam o que se considera como natural e normal, ao mesmo tempo em que tais identidades são tomadas como dogmas e convenções do que se assume como norma dentro da história (DEVETAK, 2005, p. 166 – tradução livre²⁷).

Dessa forma, há que os saberes não constituem “modos ‘naturais’ de conhecimento”, mas há que um determinado tipo de saber somente se torna “possível devido à existência de uma estrutura específica de pensamento dominante” (RESENDE, 2011, p. 34). Por conseguinte, entende-se que, relativamente ao aspecto genealógico, este concerne à formação efetiva dos discursos e seus efeitos centralizadores homogeneizantes de poder, que acabam sendo naturalizados em detrimento a outros – como exposto – que foram enterrados ou excluídos da história principal que se é contada (FOUCAULT, 2004).

Concordante ao que aqui já fora evidenciado, reforça-se que “por meio do método arqueológico e do design genealógico, Foucault procurou descobrir os vários mecanismos de poder que trabalhavam para apoiar o surgimento de discursos dominantes” de modo o método arqueológico procura desvendar as regras que definem o enquadramento do conhecimento em diferentes períodos (GLENN, 2019, p. 90 – tradução livre²⁸).

Para mais, é explicado que a genealogia complementa essa linha de raciocínio pois,

O objetivo da genealogia é traçar as lutas, deslocamentos e processos de reaproveitamento dos quais emergiram as práticas contemporâneas e mostrar as condições históricas de existência das quais dependem as práticas atuais. A genealogia vê o processo de

²⁶ Original em inglês: *These questions show that the event of ‘September 11’ is only constituted in a narrative that integrates it into a sequence of other events and thereby confers significance upon it.*

²⁷ Original em inglês: [...] *identities, unities, disciplines, subjects and objects.*

²⁸ Original em inglês: *Through the archaeological method and genealogical design, he sought to uncover the various power mechanisms that worked to support the emergence of dominant discourses.*

descendência como resultado de lutas de poder e batalhas sobre dominação, uso e significado (GARLAND, 2014, p. 373 – tradução livre²⁹).

Dessa forma, tem-se que o presente foi e ainda é constantemente moldado por complexas relações de poder e lutas, sendo tarefa do genealogista pensar criticamente a partir do movimento de conexão entre as práticas contemporâneas com os exercícios de poder e lutas históricas que definem o tempo presente. Ou seja, a “história do presente começa identificando uma prática atual que é ao mesmo tempo tida como certa e, ainda assim, em certos aspectos, problemática ou de alguma forma ininteligível [...]”, e a partir de então, passa a ser possível identificar as lutas de poder que as produziram (GARLAND, 2014, p 373 – tradução livre³⁰).

Ademais, é a genealogia, como perspectiva histórica e filosófica, que permeia toda a obra foucaultiana, desde os primeiros escritos até os últimos, proporcionando assim uma maneira de problematizar o que é considerado como certo e seguro; representando uma alternativa teórica contraposta à tradicional história da verdade nas ciências (JÚNIOR, DOS SANTOS, 2014). A ciência, por sua vez, naturalmente oculta a relação de poder dentro dos saberes (JÚNIOR, DOS SANTOS, 2014). Portanto, a genealogia procura desconstruir os processos que alicerçam as verdades petrificadas e naturalizadas como únicas.

Assim, coloca-se que, na perspectiva foucaultiana, a genealogia “representa uma forma de resistência diante das verdades impostas pelos discursos científicos”, uma vez que possibilita “que estas verdades sejam historicizadas externamente, ou seja, permite verificar como estes discursos postos como verdadeiros sempre trazem consigo efeitos específicos de poder” (JÚNIOR, DOS SANTOS, 2014, p. 7). Dessa forma, abre-se lugar para a insurreição de outros saberes que outrora foram tomados como desqualificados e insuficientes perante aqueles que se considera como verdadeiramente científicos, unitários e imutáveis (JÚNIOR, DOS SANTOS, 2014).

Por fim, percebe-se que a análise genealógica em Foucault se revela como uma ferramenta essencial para compreender as relações de poder e saber que permeiam a história e moldam as narrativas dominantes. Ao desenterrar os saberes sujeitados e revelar as múltiplas trajetórias que

²⁹ Original em inglês: *Genealogy's aim is to trace the struggles, displacements and processes of repurposing out of which contemporary practices emerged, and to show the historical conditions of existence upon which present-day practices depend. Genealogy views the process of descent as the outcome of power struggles and battles over domination, use, and meaning.*

³⁰ Original em inglês: *A history of the present begins by identifying a present-day practice that is both taken for granted and yet, in certain respects, problematic or somehow unintelligible [...].*

foram marginalizadas na constituição do conhecimento, a genealogia desafia a noção de uma verdade única e revela as complexas lutas de poder subjacentes aos discursos dominantes. De modo que, por meio da genealogia, observa-se uma proposta de resistência às verdades impostas pelos discursos científicos, historicizando essas verdades e expondo os efeitos específicos de poder que as acompanham. Por conseguinte, essa abordagem possibilita a insurgência de saberes outrora desqualificados, oferecendo uma perspectiva crítica e pluralista da história e do conhecimento.

Assim, ao problematizar as narrativas estabelecidas e revelar as condições históricas de existência das práticas contemporâneas, a genealogia se mostra como uma poderosa ferramenta para compreender e contestar as estruturas de poder que moldam a compreensão do mundo. Portanto, ao destacar a importância da genealogia na análise das práticas discursivas pós-11 de setembro e na desconstrução das narrativas dominantes, este estudo reforça a relevância contínua do pensamento foucaultiano na compreensão crítica dos fenômenos sociais e políticos contemporâneos.

2.1.3. Resistências

Abordar-se-á nesta subseção, como sugerido por seu título, a conceituação de resistências nos termos foucaultianos, visto que, há uma relação íntima entre os conceitos de poder e resistência, uma vez que a existência do primeiro implica na prática do outro como forma de oposição. Para além de Foucault, esta subseção também conta com citações de autores que corroboram para o melhor entendimento e aplicação do conceito empregado e para o alcance dos objetivos dessa dissertação.

Ao abordar o conceito de resistência, passa-se a perceber que ela ocorre simultaneamente com as relações de poder-saber, tendo em vista que se não houvesse relações de poder, consequentemente não existiriam possibilidades “de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação” (FOUCAULT, 2001, p, 277). Seguindo tal linha de raciocínio, reitera-se que o “poder está sempre acompanhado pela resistência e que a resistência, de fato, é uma característica estrutural fundamental do poder” (LYNCH, 2018. p, 38).

Portanto, na compreensão de foucaultiana, o poder pode ser entendido como uma relação de forças e que possui a característica de ser difuso, logo há que o poder tem a capacidade de

“produzir indivíduos sujeitados às estratégias que permeiam todo o campo social”; por conseguinte, “não há poder sem saber, e porque o binômio saber-poder captura a vida em dispositivos construídos pelas práticas sociais, o sujeito resultante de tais práticas será sempre compreendido como sujeitado” (MACIEL JR., 2014, p. 1). Em outras palavras, entende-se que o poder percorre toda a estrutura social de forma disseminada, encontrando, por conseguinte, resistências em diversos graus, pontos e espaços dessa estrutura (FOUCAULT, 2019).

Portanto, se no campo dos saberes “o sujeito é visto como sujeitado à ordem do discurso” predominante, “no campo das relações de forças a sujeição se redobra, tendo em vista um poder que atua por estímulo, incitando forças, extraindo dos corpos ações úteis para o funcionamento do campo social” (MACIEL JR., 2014, p. 2). Com esse entendimento, pode-se visualizar a contextualização em que o conceito de resistência, aqui abordado, se aplica, visto que

Se as forças se definem segundo o poder como um afetar e um ser afetado, resistir é a capacidade que a força tem de entrar em relações não calculadas pelas estratégias que vigoram no campo político. A capacidade que a vida tem de resistir a um poder que quer geri-la é inseparável da possibilidade de composição e de mudança que ela pode alcançar. Resistir é, neste aspecto, o oposto de reagir. Quando reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós; mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir é, neste aspecto, sinônimo de criar. Sendo assim, a resistência é, para Foucault, uma atividade da força que se subtrai das estratégias efetuadas pelas relações de forças do campo do poder (MACIEL JR., 2014, p. 2).

Nesse sentido, há uma conjunção de outras forças que estão para além das forças do poder dominante em exercício, que são “forças do devir, da mudança, que apontam para o novo e engendram possibilidades de vida” (MACIEL JR., 2014, p. 2). Congruentemente, há múltiplos pontos de resistência que representam a oposição às relações de poder, e que estão presentes em toda a rede de poder (FOUCAULT, 1999). Dessa forma, o filósofo francês destaca que não há

[...] com respeito ao poder, um lugar da grande recusa — alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício. (FOUCAULT, 1999, p. 74).

Compreende-se tal pensamento uma vez que as resistências estão sempre em estado de mutação, visto que os jogos e relações de poder também mudam (MACIEL JR., 2014, p. 2). Assim,

as resistências “estão sempre se refazendo segundo os poderes que se atualizam”, sucedendo que “as resistências devem ser avaliadas sempre a partir dos jogos que se efetuam na atualidade” (MACIEL JR., 2014, p. 2). Dessa forma, pode-se compreender que as resistências não têm um modelo ou padrão a ser seguido, mas podem tomar variadas formas e, como será visto, podem também ser resistências organizadas e conscientes, que surgem com o propósito de desafiar as normas estabelecidas em determinados contextos sociais e históricos.

Com isso, suscita-se o entendimento de que resistência não é a uma substância em si mesma, e muito menos um mero reflexo invertido do poder, mas “absolutamente contemporânea” e “coextensiva” ao poder de modo tal que “para resistir” é imperioso que a “resistência seja [...] tão inventiva, tão móvel, tão produtiva” quanto o poder (FOUCAULT, 2019, p. 360). Portanto, faz-se preciso que, assim como o poder, a resistência permeie o campo social, sendo distribuída de forma estratégica.

Dessa maneira, Foucault ressalta que as resistências,

também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. [...] É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irredutíveis (FOUCAULT, 1999, p. 75).

Tem-se, então, que do mesmo modo que “a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles”, as contestações reivindicadas pelas resistências também “atravessam as estratificações sociais e as unidades individuais”; logo, “é nesse campo das correlações de força que se deve tentar analisar os mecanismos de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 75).

Assim, compreendendo as diversas características e faces que as resistências podem assumir, e com o entendimento tautológico de que a partir do momento em que há relações de poder, há, por conseguinte, possibilidade de resistir a esse poder, entende-se que é inviável o aprisionamento pelo mesmo, uma vez que “podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e seguindo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 2019, p. 360).

Desse modo, analisa-se as diferentes relações de poder a partir das formas de resistências contra ele, de maneira que se possa compreender tais relações, “localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e métodos utilizados”; portanto são analisadas as relações de poder por meio do antagonismo das estratégias (FOUCAULT, 1995, p. 234). Sendo assim, com o intuito de compreender as relações de poder, deve-se investigar as formas de resistências. Para além disso, Foucault (1995) traça três tipos de lutas existentes: contra as formas de dominação étnica, social e religiosa; contra as formas de exploração e; contra as formas de sujeição/subjetivação do indivíduo, enfatizando que tais mecanismos são intrínsecos e derivados de processos econômicos e sociais.

Concomitantemente a isso, pode-se entender o surgimento da figura do Estado moderno no século XVI “como uma nova forma política de poder [...] que ignora os indivíduos, ocupando-se apenas com os interesses [...] de uma classe ou um grupo dentre os cidadãos” (FOUCAULT, 1995, p. 236). Então, não se deve objetivar a compreensão do que somos, mas sim recusar isso o que somos, essa sujeição, subjetivação e individualização próprias e impostas pelas estruturas do poder moderno (FOUCAULT, 1995). Ademais, o que Foucault chama de ‘conduta’ suscita a especificidade das relações de poder, já que “conduta” se refere ao “ato de conduzir os outros” de acordo com mecanismos coercitivos; modos de ação sobre os indivíduos, estruturando “o eventual campo de ação dos outros”, portanto

O poder só se exerce sobre sujeitos livres, enquanto livres – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. [...] Não há, portanto, um confronto entre poder e liberdade, numa relação de exclusão (onde o poder se exerce e a liberdade desaparece); mas um jogo muito mais complexo: neste jogo, a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (FOUCAULT, 1995 p. 244).

Está justamente nesta relação existente entre o exercício do poder e a insubordinação da liberdade a possibilidade de resistência, uma vez que se inexistisse a liberdade inexistiria, por sua vez, o poder, caracterizando somente uma relação de cerceamento unilateral – à exemplo da escravidão. De outro modo, “se não houvesse resistência [ao poder], tudo seria simples questão de obediência” (GRABOIS, 2011, p. 12). Por isso, as resistências são uma forma de ‘contraconduta’ ou ‘contra-ação’ que se opõe às práticas de poder dominantes em uma determinada sociedade, possíveis somente pela mútua relação entre as relações de poder e a liberdade individual e coletiva.

Assim, as práticas de resistência podem ocorrer em diferentes níveis e esferas sociais, desde as formas mais explícitas como as revoluções, até as formas mais sutis de subversão e desobediência cotidiana.

Destarte, como não há possibilidade de poder sem resistência, logo,

Toda intensificação e toda extensão das relações de poder para submetê-los, conduzem apenas aos limites do exercício do poder; este encontra então sua finalidade seja num tipo de ação que reduz o outro à impotência total, [...] seja numa transformação daqueles que são governados em adversários (FOUCAULT, 1995, p. 248).

Diante o exposto pode-se entender que toda relação de poder se desenvolve objetivando se tornar a estratégia vitoriosa ao defrontar-se com movimentos resistentes, ao passo em que as resistências, como estratégia de confronto, almejam produzir novos modos de subjetivação que desafiam as formas tradicionais de submissão e conformidade ditadas pelo poder vigente (FOUCAULT, 1995).

Em suma, a partir da análise sobre resistências nos termos foucaultianos apresentada nesta subseção, observa-se que a compreensão do conceito de resistência vai além de uma mera oposição ao poder estabelecido. Em consonância com Foucault e outros autores citados, percebe-se que a resistência é uma característica intrínseca às relações de poder, surgindo como uma resposta às estratégias de dominação e controle. Evidencia-se, dessa forma, que a resistência não se limita a uma forma específica de reação, mas abrange uma multiplicidade de manifestações que se adaptam às dinâmicas do poder. Desde resistências organizadas e conscientes até formas mais sutis de subversão no cotidiano, é notória a sua característica dinâmica, capaz de gerar novas possibilidades de existência.

Além disso, compreende-se que as resistências são distribuídas de forma irregular no tempo e no espaço, surgindo em diferentes pontos e momentos da vida social. Essa diversidade de manifestações de resistências reflete a complexidade das relações de poder e a constante mutação das estratégias de dominação. Por fim, percebe-se que as resistências não apenas se opõem ao poder, mas também buscam produzir novos modos de subjetivação que desafiam as normas estabelecidas. Assim, a análise das resistências nos termos foucaultianos, somos levados possibilita a reflexão acerca da dinâmica entre poder e liberdade, reconhecendo nas resistências uma potência transformadora que visa à criação de novas formas de vida.

Portanto, por meio das abordagens apresentadas nesta seção, pode-se antecipar a importância das associações, organizações e movimentos da comunidade árabe-muçulmana nos EUA no período pós-11 de setembro de 2001. Verifica-se, dessa forma, como o diálogo teórico-empírico suscitado faz-se cognoscível, uma vez feita a discussão teórica – nos termos foucaultianos – acerca do exercício do poder e sua relação com os movimentos resistentes em suas variadas formas e nuances.

3. AS COMUNIDADES ÁRABE-MUÇULMANAS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Neste capítulo serão explanados desde a formação identitária do povo árabe e muçulmano, até os vários aspectos e características destes grupos que migraram para os Estados Unidos América, com a sua chegada, passando pela história de sua formação e organização em grupos – sejam sociais ou mesmo religiosos –, mostrando como se deu seu engajamento cívico, bem como as dificuldades para o reconhecimento de sua identidade como civis estadunidenses. Além disso, serão discutidos os eventos pós-11 de setembro de 2001 e as decorrências dos ocorridos dessa data para a imagem do árabe-muçulmano, sua aceitação – ou rejeição – pela sociedade e as atitudes preconceituosas implicadas aos membros dessas comunidades e demais pessoas de cor.

Por fim, será mostrado de que formas as pessoas se organizaram em grupos de apoio para fornecer auxílio, após os atentados terroristas, àqueles que sofreram violências emocionais e físicas, bem como para dar assistência aos que ainda estavam passando por processos de imigração e chegada ao país por meio de organizações sociais e sem fins lucrativos, grupos de caridade e filantropia e grupos de debate e pesquisa que possuem o fim de desmistificar os preconceitos infligidos às comunidades, chegando, enfim, a atuação da Associação Árabe Americana de Nova York.

3.1. O POVO ÁRABE-MUÇULMANO: ORIGENS E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE

Faz-se necessária, para termos de contextualização cronológica, uma breve apresentação e desenvolvimento acerca das origens e formação do povo árabe-muçulmano. Entende-se que deva ser uma breve abordagem visto não ser esse o tema central desta dissertação. Contudo, tem-se a plena compreensão de que é imperioso relatar a origem do objeto de estudo proposto nesta pesquisa uma vez observada a riqueza de sua história, bem como para que se tenha uma percepção mais fluida sobre a discussão empreendida aqui, além de revelar grande potencial analítico para a concatenação teórico-empírica almejada no próximo capítulo.

Portanto, em um cenário geral pode-se dizer que a história dos povos árabes é milenar e está também relacionada ao surgimento do Islã e a diversas influências culturais, políticas e étnicas ao longo do tempo. Dessa forma, a compreensão da origem dos árabes suscita uma análise de suas raízes históricas, assim como das transformações que ocorreram na região amplamente conhecida como Oriente Médio – ou Oriente Próximo.

Dessa forma, descreve-se o povo árabe como semítico, cujas raízes remontam à Península Arábica, uma região geograficamente diversificada que abrange uma vasta área no sudoeste da Ásia (HOURANI, 2006). A história desse povo está intrinsecamente ligada às antigas sociedades que habitaram essa região, à exemplo dos sumérios, babilônios, assírios e persas, os quais exerceram uma influência significativa para a formação cultural e societal árabe (HOURANI, 2006).

Destarte, essas formas de comunidades permaneceram habitando a região por muito tempo antes do surgimento do Islã, de modo que as sociedades árabes pré-islâmicas eram organizadas em torno de laços tribais e estavam imersas em práticas religiosas politeístas (HOURANI, 2006). Foi então que, no século VII, Maomé, um comerciante da cidade de Meca, recebeu revelações divinas e se tornou o profeta fundador do Islã, promovendo a unificação das tribos árabes sob uma identidade religiosa comum (HOURANI, 2006).

Consoante a isso, as origens dos povos árabe-muçulmanos encontram raízes nas tribos nômades que habitavam a região da Península Arábica, conhecidas como Beduínos, marcadas pela vida pastoral (KHALDUN, 2015). Para mais, deve-se levar em consideração as influências externas ao analisar a formação do povo árabe, quando se tem a religião islâmica como uma das influências mais significativas, representando um profundo impacto na consolidação identitária árabe-muçulmana (KHALDUN, 2015).

Dessa forma e com a revelação do Alcorão e a expansão do Islã liderada por Maomé como profeta, as tribos árabes foram unificadas sob uma fé, de modo que se criou uma base sólida para a formação de um império árabe-muçulmano³¹. Assim, o Islã disseminou-se pela região e além, promovendo a unidade espiritual e social dos árabes, independentemente de suas tribos ou origens étnicas, resultando na expansão da língua e do mundo árabe por meio do proselitismo de Maomé,

³¹ Vide capítulo 2 de “Uma história dos povos árabes” (2006), de Albert Hourani.

que transformou Meca em um centro religioso e político cada vez mais ascendente (HOURANI, 2006).

Ainda assim, necessita-se salientar que a origem e formação árabe não deve ser limitada à religião, apesar de ela representar um substancial papel para a difusão cultural. Nesse sentido, entende-se que a identidade árabe abrange uma vasta diversidade étnica e cultural, heterogeneidade possibilitada com as migrações, comércio e interações históricas, meios pelos quais os árabes assimilaram influências culturais de múltiplos povos e sociedades, a exemplo dos egípcios, persas, otomanos e europeus (HALIM, 2006).

Congruentemente tem-se um perfil espacial e temporal traçado por Bissio (2013), também acerca da formação e origem árabe-islâmica, discorrendo da seguinte forma:

Admitindo-se que o espaço social é constituído por um conjunto de sistemas de relações, é possível analisar de que forma o espaço em que se desenvolveu a civilização árabe-islâmica contribuiu para moldar a sua história e como esse espaço foi moldado pelo devir desse conglomerado humano. E, se a língua e a escrita fazem parte do espaço social, é possível estudar a função que desempenharam no curso da história. E por ser o espaço interiorizado no dispositivo simbólico, conduzindo ao conceito de lugar e daí à noção de pertencimento, pesquisar de que forma no Islã clássico foi traçada a ideia de limite ajudará a compreender como era definida a linha divisória entre quem pertencia e quem não pertencia a esse espaço (BISSIO, 2013, p. 25-26).

Observa-se que desde suas origens, o islamismo mostrou-se como uma religião intimamente vinculada ao processo de urbanização das regiões onde realizava-se o proselitismo; para além dos exemplos das duas grandes cidades onde nasceu, Meca e Medina, cita-se também Córdoba, Cairo, Damasco, Bagdá, Kufa e Basra (BISSIO, 2013). Para mais, houve uma grande ausência de delimitações geográficas em termos fronteiriços, de modo que, inicialmente, suscitou-se uma percepção de pertencimento não vinculada a um local, mas sim “a uma unidade – cultural, religiosa – de compartilhamento de valores” (BISSIO, 2013, p. 29).

Dessa forma, a percepção de espaço lograva no direito islâmico a divisão do mundo em dois grandes territórios: “o *dar al-islam* — o país do Islã — e o *dar al-harb* — o país da guerra ou o país que ainda não está sob o domínio do Islã³²”, de modo tal que a ideia de fronteira inexistia em termos conceituais, tendo em vista que “a missão do Islã é conquistar novas terras” conforme

³² Os termos *dar al-islam* e *dar al-harb* podem também ter sua tradução livre compreendida, respectivamente, como “morada/casa da Paz” e “morada/casa da Guerra”.

fora revelado à Maomé (BISSIO, 2013, p. 30). Portanto, a cidade de Medina caracterizou-se como o primeiro centro político do Islã, quando Maomé estabeleceu a comunidade islâmica chamada de *umma*, baseada em princípios religiosos e políticos (HOURANI, 2006). Destarte, conforme o “Império islâmico foi se estendendo para o Oriente e para o Ocidente, ela [*umma*] passou a ocupar espaços heterogêneos do ponto de vista social, cultural e geográfico” (BISSIO, 2013, p. 31).

Foi quando a língua árabe começou a se difundir e se consolidar nos diversos centros sociais como resultado da unificação linguística do Império Islâmico, com grande destaque para o Corão, pois “ele está escrito em árabe e, para os muçulmanos, nessa língua foi revelado, ou seja, em árabe se exprimiria a Palavra de Deus” (BISSIO, 2013, p. 33). Assim, após a morte de Maomé os califas – seus sucessores – expandiram o domínio do Islã para além da Península Arábica, resultando em uma crescente interação entre árabes e outras sociedades, assimilando influências culturais e conhecimentos de povos como os persas, os bizantinos e os indianos, contribuindo para o desenvolvimento dos campos da ciência, da filosofia, da literatura e da arquitetura (HOURANI, 2006).

Em vista disso, com a influência dos califas, cidades como Bagdá, Córdoba e Cairo tornaram-se grandes centros intelectuais e culturais do mundo islâmico, com o idioma árabe se consolidando como língua franca da ciência e da cultura, impulsionando a produção literária e o avanço do conhecimento (HOURANI, 2006). Momento em que estudiosos árabes passaram a contribuir significativamente para várias áreas, com ênfase aos trabalhos de tradução de obras literárias que “estavam em diferentes idiomas – grego, siríaco, persa, sânscrito, aramaico, copta, entre outros – e que abordavam as mais diversas áreas do conhecimento: matemática, astronomia, astrologia, filosofia, medicina, química, política etc.” (BISSIO, 2013, p. 35). Essas contribuições foram essenciais para o Renascimento europeu e o desenvolvimento da ciência moderna.

Reflexo de todo esse contexto pode ser observado na obra de Peter Frankopan (2019), “O coração do mundo”, quando argumenta que as regiões da Ásia Central e do Oriente Médio logram o verdadeiro ‘coração do mundo’ ao desempenhar papel central nos fluxos de comércio, conhecimento e poder ao longo dos séculos. O autor disserta sobre as rotas da seda como a principal rede de comércio que ligava o Oriente e o Ocidente, tornando possível o intercâmbio de mercadorias e culturas entre diferentes comunidades e sociedades, ao passo que se estabeleciam vínculos entre a China, a Índia, o Império Persa, o Império Romano e além.

Um dos aspectos destacados por Frankopan (2019) é o papel substancial desempenhado pela civilização árabe-islâmica na preservação e transmissão do conhecimento clássico, visto que durante a Idade Média, ao passo em que a Europa atravessava um período sombrio, os estudiosos árabes preservaram e traduziram obras gregas, romanas e persas, salvaguardando assim parte do legado literário-científico das regiões, período que o autor chama de ‘Renascimento Árabe’, também mencionado por Bissio (2013). Adicionalmente, tem-se que Ibn Khaldun (2015) também destaca as interações dos povos árabe-muçulmanos com outras civilizações, como persas, romanos e berberes, colocando que esses encontros culturais e intelectuais enriqueceram a sociedade árabe-muçulmana, resultando em avanços notáveis nas áreas da ciência, filosofia, literatura e artes. Vale ressaltar que o próprio Ibn Khaldun pode ser tomado como exemplo de uma das grandes figuras que contribuiu profundamente para a disseminação do conhecimento árabe-islâmico, e como um dos pesquisadores mais influentes no ocidente que vivera no período clássico da história do Oriente Médio.

Pôde-se observar nesta seção, portanto, que fora delineada uma visão abrangente das origens e formação do povo árabe-muçulmano, contextualizando sua história milenar e multifacetada. Iniciando-se com a descrição das raízes históricas dos árabes na Península Arábica e a influência das antigas sociedades pré-islâmicas, evidenciou-se como o surgimento do Islã, liderado por Maomé, unificou as tribos árabes sob uma identidade religiosa comum, estabelecendo as bases para a formação de um império árabe-muçulmano.

A abordagem destaca a importância da religião islâmica na consolidação da identidade árabe-muçulmana, ao mesmo tempo em que reconhece a heterogeneidade étnica e cultural do povo árabe, resultante de migrações, comércio e interações históricas. Além disso, as interações do Islã com outras civilizações, tanto no campo cultural quanto no intelectual evidenciam a contribuição significativa dos árabes para o desenvolvimento da ciência, filosofia, literatura e artes.

Enfatizando, por fim, a posição central da civilização árabe-islâmica nas rotas comerciais e no intercâmbio de conhecimento entre o Oriente e o Ocidente, destacando o papel crucial na preservação e transmissão do conhecimento clássico durante a Idade Média, período conhecido como o 'Renascimento Árabe'. Assim, ao compreender as origens e a formação do povo árabe-muçulmano, é possível vislumbrar a riqueza e a complexidade de sua história, bem como sua influência duradoura no cenário global, tanto no passado quanto no presente. Portanto, a

assimilação do conteúdo desta seção é uma base sólida imprescindível para a compreensão mais aprofundada das dinâmicas culturais, sociais e políticas que permeiam a identidade árabe-muçulmana ao longo dos séculos.

3.2. IMIGRAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE COMUNIDADES NOS ESTADOS UNIDOS

Nesta subseção serão apresentados os processos de migração e firmamento de comunidades árabe-muçulmanas nos Estados Unidos da América, mostrando suas características e particularidades. Deve-se notar o modo como a união existente entre essa comunidade – apesar de sua heterogeneidade –, desde o início desse processo, fora fundamental para o seu fortalecimento e construção de um senso comum acerca da necessidade da criação de vínculos e laços harmônicos. Há essa percepção, pois, a deflagração de atitudes preconceituosas e a imposição de estereótipos ocorre desde primeiras chegadas de migrantes – como será mais bem detalhado abaixo – ao EUA até os dias atuais – exacerbadas com os eventos de 11 de setembro de 2001 –, que, por sua vez, contribuiu para a formação de associações e organizações dessa comunidade, como será observado na subseção seguinte.

Dessa forma, não há um consenso acerca de uma data exata para a chegada dos primeiros muçulmanos aos EUA, contudo pode-se genericamente dizer que se deu “há muitos séculos”, e de maneira forçada, por meio do tráfico de escravizados advindos da África Ocidental – que perdurou por vários séculos (MCCLLOUD, 2003). Por outro lado, os primeiros migrantes de fé islâmica a viajarem por vontade própria para os Estados Unidos o fizeram por meados do século XIX, com a esperança de ganhar dinheiro de forma rápida e voltar para sua terra natal; muitos também eram árabes de áreas rurais da grande Síria, Líbano, Jordânia e Palestina (MCCLLOUD, 2003).

Concordante a isso e como observado na introdução deste trabalho, as partidas de sírios para a Europa e África, com evidência ao Egito, comumente aconteciam no passado, ao passo em que poucos chegaram aos Estados Unidos antes da década de 1880, e sem ainda configurar um movimento legítimo de migração em massa (NAFF, 1993). Devido às notícias e novidades que chegavam vindas do outro lado do oceano, a América deixara aos poucos de ser uma realidade distante para aqueles que queriam apostar em uma nova vida quando, antes do final da década de

1880, o fluxo de migração sofreu considerável aumento por parte dos sírios, com migrações em cadeia e que cada vez mais se expandiam, até posteriormente atrair migrantes de demais regiões (NAFF, 1993).

Emily Lovell (1983), por sua vez, consegue ser mais precisa em sua colocação e afirma que aquele que ficou conhecido como ‘primeiro muçulmano’ chegou junto com o Frei francês Marcos de Niza para explorar a região que atualmente é o estado do Arizona, nos Estados Unidos, em 1539. Outra personalidade citada por Lovell (1983) foi o cameleiro muçulmano conhecido pelo nome de Hajj-Ali, levado ao deserto dos EUA para criar camelos, fracassando em seu ofício logo em seguida; posteriormente, se mudou para a Califórnia em busca de ouro.

Dessa forma, grande parte da população muçulmana migrara sem conhecimento, seja ou da língua inglesa ou de habilidades exigidas para trabalho, por isso, muitos se empregavam ou como pequenos comerciantes, ou em minas de exploração, ou em fábricas, ou na construção de estradas de ferro; ofícios que, em geral, demandavam um intenso esforço físico e braçal, (MCCLLOUD, 2003).

Assim, por conta da escassa integração entre os grupos de imigrantes, os árabes logo se juntaram a outros religiosos de muitas outras partes do mundo como os indianos do Punjab, os albaneses e os tártaros (MCCLLOUD, 2003). Reitera-se, ainda, que os estados que atraíram grande número de imigrantes foram Michigan, Ohio, Indiana, Illinois, Massachusetts, Iowa, Louisiana, Nova York e Pensilvânia; os imigrantes viajavam, a princípio, principalmente da Europa e dos países árabes e, posteriormente, de diversos outros lugares a exemplo da Índia e do Paquistão (LOVELL, 1983).

Tendo em mente tal cenário, houve que

[...] no século XIX, não havia realmente nenhum impulso para iniciar o processo de formação de comunidade. [...] Na maior parte, esses primeiros muçulmanos buscaram melhores oportunidades para melhorar suas fortunas pessoais, não para construir comunidades muçulmanas na América ou para conquistar seguidores (MCCLLOUD, 2003, p. 161 – tradução livre³³).

³³ Original em inglês: [...] *in the nineteenth century there was really no impetus to begin the process of religious community formation. For the most part, these early Muslims came for better opportunities to enhance their personal fortunes, not to build Muslim communities in America or to proselytize.*

Contudo, aqueles que, em sua maioria, esperavam alavancar boas condições de vida no país com o fim de retornar para sua terra, nunca o fizeram e, como resultado, passaram a se unir e construir suas famílias nos EUA e firmar comunidades com outros grupos muçulmanos (MCCLLOUD, 2003).

Visto isso, não havia uma organização de colônias de migrantes árabe-muçulmanos até antes do século XX; no entanto, o período pós-Primeira Grande Guerra se configurou como uma época de desenvolvimento em nível de comunidades, de forma tal que os fiéis religiosos começaram a organizar clubes e construir mesquitas em várias cidades (LOVELL, 1983). Tem-se, então, que o processo atual de construção da comunidade começou ainda no século XX nos dois grupos principais e distintos que constituíram o islamismo americano: os imigrantes e aqueles que optaram por se converter à religião (MCCLLOUD, 2003).

Adiciona-se a isso os movimentos para os Direitos Civis na década de 1960 que possibilitaram a abertura de portas para a migração para os EUA (MCCLLOUD, 2003). Foi então que, a partir de 1965, muitos conseguiram migrar como estudantes e tiveram a oportunidade de se capacitar profissionalmente; alguns decidiram voltar ao seu país de origem e aplicar seu conhecimento em prol de seu desenvolvimento em áreas como engenharia, medicina e demais ciências; em contrapartida a outros que decidiram por permanecer nos EUA e solidificar suas raízes, construindo mesquitas, escolas e centros comunitários que abraçam sua cultura e crença (MCCLLOUD, 2003).

Para estes que decidiram por ficar nos EUA, sua integração se deu pelo dilema sobre como se encaixar e participar de uma sociedade que difere de seus costumes, uma vez que essa inserção se caracteriza ao mesmo tempo como responsabilidade como muçulmano bem como cidadão norte-americano (MCCLLOUD, 2003). No entanto, ainda hoje a comunidade encontra dificuldades em sua participação efetiva na sociedade, visto que persistem os debates acerca dos pontos

[...] positivos e negativos da vida na América. Para os imigrantes, essa ambivalência é aumentada pelos estereótipos americanos de muçulmanos e islâmicos. A maioria dos estereótipos se refere especificamente à imagem do Islã na comunidade árabe, já que a

maioria dos ocidentais parece automaticamente equiparar ‘muçulmano’ a ‘árabe’ (MCCLLOUD, 2003, p. 162 – tradução livre ³⁴).

Tendo em mente esse contexto, ocorreu que os muçulmanos naturalizados americanos passaram por uma experiência única e têm uma vida social complexa devido a certos fatores, por exemplo, como eles vêm ou se tornam parte da América, quem são e como institucionalizam sua identidade (HALIM, 2006). Além disso, reforça-se o exposto acerca da formação de comunidades muçulmanas nos Estados Unidos, quando algumas mesquitas foram construídas no primeiro quarto do século XX, sendo uma das mais antigas localizadas na cidade de Cedar Rapids, no estado de Iowa; contudo, a pouca integração e compromisso das pessoas, além da diferença entre os ramos sociais e religiosos de ensino, dificultava o estabelecimento de uma comunidade social sólida por parte dos muçulmanos (HALIM, 2006).

Há, ainda, a lei de imigração dos Estados Unidos de 1965 que proporcionou a ida de um grande número de muçulmanos de diferentes partes da Ásia e da África, de origens diversas no que tange a seitas, escolas de direito e ordens sufistas, complementando a diversidade que já existia entre os muçulmanos na América (HALIM, 2006). Assim, longe de fazerem parte de uma comunidade homogênea, os muçulmanos conseguem ser diversos tanto em termos de suas afiliações étnicas e culturais quanto em seus ensinamentos (HALIM, 2006).

Pode-se dizer, nesse sentido, que, apesar da diversidade e da heterogeneidade, a integração dessas comunidades está cada vez mais forte – a despeito daquelas dificuldades que se encontram ao decorrer do caminho – a exemplo da esfera política, na qual os muçulmanos não apenas participam por meio do voto, mas também tentam influenciar a política americana, ampliando sua visibilidade na esfera pública, (HALIM, 2006).

Dessa forma,

[...] os muçulmanos que vivem hoje nos EUA não são apenas muçulmanos quando usam o *hijab* e rezam nas mesquitas. Eles também são muçulmanos quando participam da esfera

³⁴ Original em inglês: [...] *they are still debating the positives and negatives of life in America. For immigrants, this ambivalence is heightened by American stereotypes of Muslims and Islam. The majority of the stereotypes relate specifically to the image of Islam in the Arab community since most Westerners seem automatically to equate “Muslim” with “Arab”.*

pública americana, exercendo ofícios em seus nos locais de trabalho, jogando beisebol e votando nas eleições locais. (HALIM, 2006, p. 239 – tradução livre³⁵).

Não obstante tal integração societal, ressalta-se que essa participação ainda é sufocada por preconceitos e por caricaturas imagéticas negativas a respeito do Islã, as quais acabaram se intensificando no período pós-11 de setembro, apesar de atos de discriminação contra muçulmanos em escolas e em seus locais de trabalho ou mesmo de vandalismo às mesquitas e centros islâmicos não ser novidade para essas comunidades muçulmanas nos Estados Unidos anteriormente a essa data (HALIM, 2006).

Portanto, pôde-se observar os processos de migração e estabelecimento das comunidades árabe-muçulmanas nos Estados Unidos, destacando suas características e desafios enfrentados ao longo do tempo. Inicialmente, discutiu-se a chegada dos primeiros muçulmanos ao país, remontando aos séculos anteriores, incluindo tanto pessoas escravizadas quanto os imigrantes voluntários do século XIX.

Compreende-se que, nos primeiros tempos, os árabes buscavam principalmente oportunidades econômicas, não havendo uma preocupação imediata em construir comunidades muçulmanas nos EUA. No entanto, ao longo do século XX, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, iniciou-se um processo de desenvolvimento com a formação de clubes e a construção de mesquitas em diversas cidades.

Assim, verificou-se também a diversidade dentro da comunidade muçulmana, resultante da chegada de imigrantes de várias partes do mundo árabe e de diferentes tradições religiosas. Essa diversidade étnica, cultural e religiosa contribuiu para a complexidade das interações sociais e a formação de identidades múltiplas entre os muçulmanos nos EUA. Por outro lado, a integração dessas comunidades enfrentou desafios, especialmente relacionados a estereótipos e preconceitos em relação ao Islã e aos muçulmanos, intensificados após os eventos de 11 de setembro de 2001. Apesar das dificuldades, observa-se uma crescente participação dos muçulmanos na esfera pública americana, tanto política quanto socialmente, buscando influenciar a sociedade e ampliar sua visibilidade.

³⁵ Original em inglês: [...] *Muslims living in the US today are not only Muslims when they wear their hijab and pray in the mosques. They are also Muslims when they participate in the American public sphere, working in the workplaces, playing baseball, and voting in local elections.*

Em resumo, a jornada da imigração árabe-muçulmana para os Estados Unidos é marcada por uma busca por oportunidades, desafios de integração e resistência a estereótipos e preconceitos. No entanto, apesar das adversidades, as comunidades árabe-muçulmanas continuam a se desenvolver e a contribuir para a diversidade e o tecido social dos Estados Unidos. Percebe-se, dessa forma a complexa dinâmica dessas comunidades e seu papel na sociedade americana contemporânea.

Portanto, a saga das imigrações muçulmanas para os Estados Unidos é uma narrativa complexa que merece ser examinada de perto. Desse modo, faz-se devido, na seção seguinte, abordar as dificuldades enfrentadas pelo povo árabe-muçulmano ao tentar se integrar na sociedade americana; dificuldades essas que foram exacerbadas pelos estereótipos e preconceitos profundamente enraizados em relação à sua cultura e tradição, fomentados pelos trágicos eventos do 11 de setembro de 2001, que serviram como catalisador para uma intensificação desses estigmas. É crucial, então, explorar como esses fatores se interconectam e influenciam o processo de integração e identidade dos imigrantes muçulmanos nos Estados Unidos.

3.3. OS EVENTOS 11 DE SETEMBRO E SUAS REVERBERAÇÕES

Conforme já evidenciado nesta dissertação, os ataques de 11 de setembro – de autoria do grupo extremista Al Qaeda – foram atentados terroristas contra o território e a hegemonia norte americana. Nesses eventos, quatro aviões comerciais foram sequestrados: dois foram jogados contra as conhecidas Torres Gêmeas, no complexo do World Trade Center, em Nova Iorque – a face do esplendor econômico norte americano; um caiu sobre o Pentágono – sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em Washington D.C, e o último caiu em campo aberto próximo a um condado na Pensilvânia. Cerca de 3.000 vidas foram perdidas em decorrência àquele dia. Assim, a data 11/09/2001 é considerada como marco histórico quanto ao terrorismo internacional contemporâneo.

Tem-se, dessa forma, que “a visão do terrorismo contemporâneo enquanto ameaça externa foi fundamentalmente modificada pelo 11 de Setembro” (NERI, 2014, p. 7). Dentre os motivos para tal, destaca-se a reação do presidente George W. Bush em declarar Guerra ao Terror sendo alvo de críticas daqueles que ainda acreditavam em um princípio realista político Westfaliano,

tendo em mente que guerra e segurança internacional pertencem a esfera exclusiva do Estado. Assim, “dado que a al-Qaeda não constitui um Estado, declarar guerra a esta organização, assim como ao terrorismo, foi considerado inapropriado [...]” (NERI. 2014, p. 7).

Percebe-se uma mudança na compreensão da política e da segurança internacionais, proporcionada pelos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Um olhar mais atento e um sentimento de insegurança circulara entre população e Estado. O medo de uma ameaça invisível e eminente também se transformara em leis mais severas contra a imigração e a legitimação de políticas de vigilâncias, como será visto mais adiante.

Dessa forma, esses ataques da Al-Qaeda são repetidamente retratados como um ponto chave na história que mudara a América para sempre, e que, independentemente de tal hipérbole ser completamente justificada, há pouca dúvida acerca das reverberações desses eventos nas diversas esferas da vida estadunidense em geral e na vida de muçulmanos e árabes que vivem nos Estados Unidos em particular (HADDAD, 2011).

Assim, o 11 de setembro marca o início de uma nova era na qual a comunidade americana de muçulmanos e os americanos do oriente médio em geral se tornaram vítimas, configurando-se, desse modo, um período de crimes de ódio, perfilamento e discriminação de forma proeminente (BAKALIAN, BOZORGMHER, 2009). Tem-se, diante desse panorama, uma mudança sobre o que era considerado como ‘ameaça bolchevique’ sendo substituída por uma ‘ameaça islâmica’, mudança essa que pôde ser visualizada pelo aumento de livros publicados após o 11 de setembro que descrevem os muçulmanos como uma ameaça em potencial (BAKALIAN, BOZORGMHER, 2009).

Para mais,

[...] algumas semanas após o 11 de setembro, o governo dos EUA gerou uma série de iniciativas e políticas direcionadas às populações de imigrantes do Oriente Médio e muçulmanas, especialmente homens. Aparentemente, esses decretos, mudanças de regras administrativas, ordens executivas e leis objetivavam deter o terrorismo; no entanto, eles legitimaram um efeito reacionário aos olhos do público americano. Do ponto de vista dos americanos de origem muçulmana e do Oriente Médio, parecia que o governo estava

tolerando estereótipos e bodes expiatórios. (BAKALIAN, BOZORGMHER, 2009, p. 2 – tradução livre³⁶).

Dessa forma, tais políticas e atitudes acabaram por funcionar como forma de legitimar certas atitudes violentas e preconceituosas contra cidadãos americanos – seja por seus traços e aspectos físicos, por sua língua ou modo de vestir – e principalmente aqueles que são imigrantes. Pode-se brevemente observar, diante desse relato, a concatenação dos aspectos teórico-conceituais apresentados no capítulo anterior, uma vez que o racismo se apresenta como um mecanismo imprescindível para o biopoder explanado por Foucault.

Tal contexto é reforçado quando, após os eventos de 11 de setembro, o governo federal estadunidense expandiu rapidamente seus poderes policiais para procurar pistas sobre o que havia acontecido, por meio de ordens e decretos executivos, mudanças de regras administrativas e da legislação (MINNITE, 2005). Assim, a administração Bush visou um novo conjunto abrangente de políticas que permitiam às agências federais, estaduais e municipais investigar, deter, agredir e processar as pessoas que eles acreditavam ter algum vínculo terrorista (MINNITE, 2005).

Geneive Abdo (2006) relata que acompanhou um candidato – advogado americano de origem palestina – em suas campanhas às eleições distritais de 2003. O autor narra que não há evidências físicas que denunciem suas raízes, visto ser um homem branco, de olhos claros e cabelos castanhos, podendo muito bem se passar por alguém de origem italiana ou grega, contudo, seu nome gerava desconfiança e certa surpresa àqueles que o ouviam: Maad Abu Ghazalah (ABDO, 2006).

Em algumas visitas de campanha às residências, na cidade de São Francisco, Abdo (2006) comenta que alto era o índice de rejeição dos eleitores ao se depararem com Maad e seu relato, ao revelar suas origens. Ao ser questionado por Abdo sobre continuar em campanha, o advogado revelara que não estava concorrendo simplesmente por ganhar um cargo público, mas para lutar para que as próximas gerações de muçulmanos tivessem uma chance de vida naquele país.

³⁶ Original em inglês: [...] *a few weeks after 9/11, the U.S. government generated a series of initiatives and policies that targeted Middle Eastern and Muslim immigrant populations, especially men. Ostensibly, these decrees, administrative rule changes, executive orders, and laws aimed to stop terrorism; however, they legitimized the backlash in the eyes of the American public. From the perspective of Middle Eastern and Muslim Americans, it seemed as if the government was condoning stereotyping and scapegoating.*

Dessa forma, o autor discorre sobre as mudanças ocorridas nas vidas dos muçulmanos ao longo do tempo, expondo que

[...] Por mais de um século, os muçulmanos viveram em paz na América, misturando-se à paisagem etnicamente diversa. Mas, de repente, eles não estavam mais nas sombras como uma minoria quase invisível. A partir de agora, todas as suas palavras seriam anotadas, todas as suas ações tomadas por uma nação dominada pelo medo e inflamada pela manipulação política. O evento que lançou a ‘Guerra ao Terrorismo’ dos EUA – uma guerra que muitos muçulmanos em casa e no exterior entendem como dirigidos ao próprio Islã – criou para eles uma nova realidade americana (ABDO, 2006, p. xiv – tradução livre³⁷).

A partir dessa nova maneira de se olhar para os árabes-muçulmanos, e tendo em mente esse cenário deixado pelo 11 de setembro, pode-se entender que essas mudanças desafiam amplamente décadas de história em uma nação formada por imigrantes, bem como desafiam também o ideal americano de diversidade cultural, ideal esse que é associado ao sentimento compartilhado de alcance de objetivos e sonhos comuns (ABDO, 2006).

Reitera-se que, ao contrário de outros grupos étnicos e religiosos que essencialmente buscam tornar-se efetivamente americanizados, muitos muçulmanos americanos, particularmente a geração jovem de muçulmanos praticantes, estão envolvidos no que os imãs chamam de movimento rejeicionista, de modo que

Enquanto obtêm prosperidade econômica como membros da força de trabalho americana, eles estão tentando criar seu próprio mundo onde possam encontrar conforto em sua fé e em suas comunidades. Eles estão combinando o desejo de abraçar o Islã com a negociação dos rigores da vida cotidiana na América moderna (ABDO, 2006, p. xiv – tradução livre³⁸).

Assim, observa-se como a criação de uma identidade muçulmana americana distinta se fez mais urgente do que no passado (ABDO, 2006). Além disso, após o 11 de setembro, muitos muçulmanos foram forçadamente colocados em posições defensivas em termos de definição de

³⁷ Original em inglês: [...] *For more than a century Muslims had lived in America in peace, blending into the ethnically diverse landscape. But suddenly, they were no longer in the shadows as an all but invisible minority. From now on, their every word would be noted, their every action seized upon by a nation gripped with fear and inflamed by political manipulation. The event that launched America’s “War on Terrorism”—a war that many Muslims at home and abroad understand as directed at Islam itself—created for them a new American reality.*

³⁸ Original em inglês: *While gaining economic prosperity as members of the American workforce, they are trying to create their own world where they can find comfort in their faith and their communities. They are combining a desire to embrace Islam with negotiating the rigors of daily life in modern America.*

sua identidade ou religião, visto que lhes era imposta uma escolha: “ou abrace e explique a verdadeira fé ou seja colocado junto com o homem-bomba na Faixa de Gaza ou o insurgente nas ruas esburacadas de Bagdá” (ABDO, 2006, p. xxi – tradução livre³⁹).

Seguindo essa linha, o Instituto Árabe Americano publicou um relatório nomeado “Curando a Nação: A experiência árabe-americana após o 11 de setembro⁴⁰”, um ano após os eventos marcantes de 2001. No referido documento discorre-se que os árabes e os muçulmanos que vivem nos Estados Unidos foram subitamente confrontados com a dupla dor de lamentar um ataque a seu país e simultaneamente ter que se defender, defender suas famílias e também a sua condição e posição como americanos. Diz-se ainda que as comunidades de árabes americanos foram consumidas pelas mesmas emoções tão familiares para o restante da população: uma onda de descrença e choque, raiva, tristeza e um profundo sentimento de violação (LEE, 2002).

Sobre esse mesmo contexto, coloca-se que os ataques terroristas de 11 de setembro se configuraram como catalisadores em relação à percepção dos Estados Unidos sobre sua própria segurança e relações com o mundo muçulmano (RABASA, 2004). Tem-se isso pois as percepções sobre ameaças nos Estados Unidos mudaram; contudo, os eventos de 9/11 em si não abriram uma nova era para o mundo muçulmano, uma vez que:

[...] a maioria dos muçulmanos ficou horrorizada com a morte e a destruição provocadas pelos ataques de 11 de setembro, mas muitos - principalmente no mundo árabe - encontraram alguma satisfação na ideia de que o nariz dos EUA estava ensanguentado e que os Estados Unidos sentiram a mesma dor que acreditavam ter sido infligida aos muçulmanos (RABASA, 2004, p. 50 – tradução livre⁴¹).

Apesar de esse tipo de sentimento de satisfação e condenação ser comum, a resposta que veio após os eventos certamente atingiu em cheio o mundo muçulmano e de forma catalítica: a Guerra ao Terror (RABASA, 2004). Essa guerra global contra o terrorismo teve um impacto na política doméstica de vários países muçulmanos, reforçando a divisão entre moderados e radicais,

³⁹ Original em inglês: [...] *either embrace and explain the true faith or be lumped together with the suicide bomber in the Gaza Strip or the insurgent in the rutted streets of Baghdad.*

⁴⁰ Tradução livre para o original em inglês: *Healing the Nation The Arab American Experience After September 11*

⁴¹ Original em inglês: *Most Muslims were horrified by the death and destruction wreaked by the September 11 attacks, but many—particularly in the Arab world—found some satisfaction in the idea that America’s nose had been bloodied and that the United States had felt some of the pain that they believed had been inflicted on Muslims.*

produzindo novos riscos e oportunidades políticas para governos e demais atores, além de radicalizar alguns setores muçulmanos e/ou ativar militantes islâmicos (RABASA, 2004).

Lori Peek (2011) entrevistou várias pessoas que passaram por alguma experiência de reação preconceituosa pós-11 de setembro e explica em seu livro que os principais marcadores que evidenciam a diferença entre os estadunidenses e aqueles de origem árabe e que profetizavam a fé islâmica são os símbolos religiosos, características culturais e físicas e associações às organizações, à exemplo de mesquitas, escolas muçulmanas específicas, o uso de *hijab* pelas mulheres a adoção de uma barba longa pelos homens, roupas tradicionais, entre outros fatores que chamam a atenção para atitudes preconceituosas.

Além disso, a autora comenta que a pele escura também se desenha como fator de críticas e olhares tortos pela população pois todas essas características aglutinadas figuram erroneamente a imagem estereotipada sobre a aparência de uma pessoa islâmica (PEEK, 2011, p. 63). Por essa razão acontece que pessoas que muitas vezes nem professavam a religião islâmica ou descendiam de origens árabes ou muçulmanas eram vítimas de preconceitos e frequente difamação, como os latinos, cristãos árabes e hindus e sikhs sul-asiáticos, pois também se encaixavam nas características supracitadas (PEEK, 2011).

Assim, grande parte da população árabe-muçulmana já era alvo de pré-julgamentos e preconceitos antes mesmo dos eventos de 2001, contudo, tais atitudes se tornaram mais evidentes e frequentes após os atentados terroristas (PEEK, 2011). A autora discorre que alguns de seus entrevistados relataram um longa lista de nomes depreciativos pelos quais eles ou seus cônjuges muçulmanos ou membros da família haviam sido chamados após o 11 de setembro, por exemplo: “Terrorista”, “muçulmano sujo”, “Osama”, “Talibã” dentre outros.

Além das agressões verbais, eram comuns também as intimidações por meio de olhares que transmitiam o ódio, o medo, o terror e a desconfiança com aquele que estava próximo, transformando o convívio em sociedade em algo completamente diferente (PEEK, 2011). Ademais, ações de perfilamento também foram mencionadas; discriminações em locais de trabalho, em locais de estudos – colégios e universidades – e também perfilamento étnico e religioso (PEEK, 2011).

Não bastasse esses atos horrendos, diversas agressões físicas também foram relatadas, em alguns casos o preconceito dos próprios policiais levou a ataques verbais e físicos de caráter anti-muçulmano, de modo que “o potencial de má conduta policial gerou uma camada adicional de medo entre os muçulmanos americanos”, tendo em vista que “eles tinham o poder de prender, deter e ferir fisicamente os membros de sua comunidade”; além, também, de atos de depredação e violação contra prédios, residências e instituições, por meio de pichação, arrombamentos, incêndios e quebras de janelas (PEEK, 2011, p, 97 – tradução livre⁴²).

Pode-se perceber, dessa forma, como os eventos ocorridos no pós-11 de setembro trouxeram grandes mudanças tanto na comunidade muçulmana quanto na consciência da população americana, visto que os americanos tomaram ciência não apenas do que se passou a considerar como uma ameaça internacional crescente advinda do Islã, mas da realidade de que os muçulmanos em seu país também são aqueles profissionais fundamentais que fazem parte de seu cotidiano e movimentam o maquinário societal como médicos, cientistas e professores (SMITH, 2010). Assim, o preconceito anti-islâmico continua em escalada “[...] apesar dos amplos esforços dos muçulmanos americanos para apresentar sua religião como a antítese da ideologia terrorista ilustrada em 11 de setembro e em ataques subsequentes no exterior” (SMITH, 2010, p. 28 – tradução livre⁴³).

Compreende-se o porquê de a comunidade muçulmana manter uma luta constante para modelar e manter uma boa cidadania, ao mesmo passo em que são cautelosos com sua própria visibilidade, principalmente à luz da vigilância do governo dos Estados Unidos, visto que “eles valorizam a liberdade de expressão garantida pela Constituição” apesar de que, ao mesmo tempo, existe a consciência de que “críticas à política externa americana podem ter sérias consequências para eles e suas famílias” (SMITH, 2010, p. 28 – tradução livre⁴⁴).

Desta forma, pôde ser verificado o quão a vida das comunidades muçulmanas em território estadunidense tem sido desafiante. A diversidade que compõe e caracteriza o cosmopolitismo dos

⁴² Original em inglês: *The potential for police misconduct generated an added layer of fear among Muslim Americans, as they recognized that officers had the power to arrest, to detain, and to physically harm members of their community.*

⁴³ Original em inglês: *[...] Anti-Islamic prejudice continues to rise, despite the wide-ranging efforts of American Muslims to present their religion as the antithesis of the terrorist ideology illustrated on 9/11 and in subsequent attacks abroad.*

⁴⁴ Original em inglês: *They treasure the freedom of speech guaranteed by the Constitution, but know that criticism of American foreign policy could have serious consequences for themselves and their families.*

Estados Unidos é reverberada dentro dessas comunidades muçulmanas, reflexo desse tráfico humano oriundo de diversas regiões da África e da Ásia. Contudo, aos poucos esses cidadãos conseguem se incorporar ao corpo cívico americano, exercendo seus direitos e deveres como cidadãos (HALIM, 2006).

Por conseguinte, é interessante verificar que o preconceito ainda existe e é perpetrado contra esse povo de diversas maneiras, sendo intensificado pelos eventos de 11 de setembro de 2001. Desde então, é possível encontrar vários escritos de autores e estudiosos nas mais variadas áreas: passando por sociologia, antropologia e demais campos de estudos, até mesmo em Relações Internacionais, os quais discutem os cenários pós-11 de setembro de 2001.

Os pensamentos dos diversos autores que aqui foram apresentados são pertinentes ao passo que se complementam. Exemplo pode ser dado no que tange às atitudes preconceituosas invocadas contra a população por simplesmente possuírem alguma característica física ou um nome considerado incomum que leva a uma interpretação errada sobre a verdadeira índole de determinado grupo ou indivíduo. Relatos parecidos e que se repetem sobre violências praticadas que podem ser interpretados como legitimadas pelo próprio governo dos EUA (MINNITE, 2005) ao passo que foi configurada uma Guerra ao Terror: uma busca aos potenciais terroristas que deu início a uma caçada que se desenhou tanto em âmbito regional como internacional (RABASA, 2006).

Conclusivamente, diante do que fora exposto nesta seção, é possível perceber que o marco histórico de 11 de setembro de 2001 provocou uma série de mudanças significativas na política, na segurança internacional e nas relações sociais nos Estados Unidos e além. As abordagens apresentadas evidenciam como os ataques terroristas da Al-Qaeda não apenas abalaram a nação estadunidense, mas também desencadearam uma série de medidas políticas e sociais que afetaram profundamente as comunidades muçulmanas e árabes nos EUA.

É inegável que os eventos de 11 de setembro marcaram o início de uma nova era na política e na segurança internacional, alterando a percepção da ameaça externa e levando a uma série de políticas que visavam combater o terrorismo. No entanto, essas políticas muitas vezes resultaram em discriminação, preconceito e violência contra indivíduos e comunidades muçulmanas e árabes nos Estados Unidos.

A reação do governo dos EUA após os ataques de 11 de setembro, incluindo a implementação da Guerra ao Terror, teve um impacto significativo na vida das comunidades muçulmanas estadunidenses, exacerbando o preconceito e a marginalização dessas pessoas. A crescente vigilância e as políticas de perfilamento étnico e religioso contribuíram para um clima de medo e desconfiança entre essas comunidades, que se viram obrigadas a lutar constantemente contra estereótipos e discriminação.

Além disso, os relatos de violência física e verbal, juntamente com a discriminação no local de trabalho e na educação, destacam os desafios enfrentados pelas comunidades muçulmanas e árabes nos Estados Unidos. No entanto, apesar desses desafios, essas comunidades têm demonstrado resiliência e resistência. Organizações e grupos têm se mobilizado para combater o preconceito e promover a inclusão e a igualdade; esforços são fundamentais para construir uma sociedade mais justa e tolerante.

Em suma, os eventos de 11 de setembro e suas consequências continuam a moldar as políticas e as relações sociais nos Estados Unidos e no mundo. É crucial reconhecer e enfrentar o preconceito e a discriminação que surgiram como resultado desses eventos, e trabalhar para construir uma sociedade onde todas as pessoas possam viver livres do medo e da intolerância. Neste sentido, ver-se-á, na seção seguinte, de que modo os grupos e comunidades se organizaram de forma a combater tais atitudes violentas e como se dão os vários delineamentos de resistências desses povos – que não se configuram como homogêneos (HALIM, 2006), os quais tiveram sua rotina e vida alteradas drasticamente desde o episódio de 11 de setembro (HADDAD, 2011) e que sofrem com agressões físicas e psicológicas em decorrência do preconceito e do racismo (PEEK, 2011).

3.4. MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIAS PÓS-11 DE SETEMBRO DE 2001

Nesta subseção serão mostrados os contextos nos quais as organizações e associações árabe-islâmicas surgiram nos EUA, as suas formas de atuações, bem como será possível também observar a importância que essas mobilizações representam, não somente para a parcela árabe-muçulmana – seja migrante ou descendente – mas para toda a sociedade estadunidense. Deve-se isso, como será visto, ao fato de tais organizações e movimentos proporcionarem um melhor

diálogo e inclusão societal, promovendo diversas ações e serviços nesse sentido. Dessa forma, trar-se-á exemplos de diversas influentes organizações e associações árabe-muçulmanas baseadas nos EUA que possibilitarão verificar empiricamente – mediante suas formas de atuação, serviços prestados e ações realizadas em prol desse diálogo e inclusão social –, no capítulo posterior, a concatenação teórico-empírica proposta neste trabalho de dissertação.

Atualmente os Estados Unidos se configuram como um país de muitas comunidades, caracterizando uma sociedade verdadeiramente cosmopolita. Exemplo disso é que os EUA abrigam a comunidade muçulmana mais heterogênea que já se viu em seu território ou em qualquer outro lugar do mundo, representando muitas raças e grupos étnicos e culturais, falantes de uma grande variedade de idiomas (SMITH, 2010).

Salienta-se que a população americana está cada vez mais consciente da presença do Islã nos Estados Unidos pois os muçulmanos ganharam destaque público ao tentarem distanciar o Islã do terrorismo e participam do esforço de apresentar uma interpretação honesta, realista e contemporânea de sua fé (SMITH, 2010). Além disso, a proliferação de organizações de cunho religioso, político, profissional e cultural nos EUA ajudou a estruturar a vida muçulmana e contribuiu para o quadro complexo de sua liderança (SMITH, 2010).

Observa-se, dessa forma, que as associações voluntárias de imigrantes têm desempenhado um papel fundamental ao ajudar os recém-chegados a se adaptarem à vida nos Estados Unidos, visto que forneciam informações sobre empregos, moradia, aulas de idiomas e outros recursos necessários para um primeiro contato e adaptação em terras estrangeiras (BAKALIAN, BOZORGMEHR, 2009). Tais grupos foram criados com o intuito de dar suporte às comunidades que necessitam desse auxílio, tendo em mente que ainda é alto o número de denúncias por crimes de ódio e discriminação contra imigrantes (BAKALIAN, BOZORGMEHR, 2009). Deve-se isso às muitas políticas de vigilância voltadas à essa população específica, as quais

[...] levaram os muçulmanos a precisar de mais serviços relacionados à discriminação no emprego, serviços jurídicos à medida que alguns se tornaram vítimas de atos de ódio e detenção e apoiam a promoção da inclusão da comunidade à medida que a percepção do

público em geral sobre os muçulmanos se tornava negativa (SHIER, GRAHAM. 2013, p. 397 e 398 – tradução livre⁴⁵).

Dessa forma, foi com o fim de encontrar suporte e ajuda perante essa situação que as comunidades muçulmanas de Nova York começaram a procurar mesquitas em busca de serviços (como recursos legais, financeiros e de subsistência) para lidar com o aumento da discriminação e desigualdade (SHIER, GRAHAM, 2013). Assim, por conta de políticas públicas adotadas após os eventos de 11 de setembro de 2001 – como políticas mais severas de migração e segurança nacional – as pessoas que vivem em comunidades muçulmanas e que portam alguma característica física que remeta a certos estereótipos ficaram com receio de continuar recebendo suporte por vias estatais ou mesmo procurar tal auxílio do governo pós-11/9 por conta do medo de serem enquadradas em algum perfil e, eventualmente, acabarem por sendo detidas ou deportadas (SHIER, GRAHAM, 2013).

Com o intuito de verificar como se deu o manejo desses serviços comunitários voltados para as comunidades muçulmanas posteriormente aos acontecidos de 11 de setembro, foi feito um levantamento qualitativo para identificar a atuação de grupos de apoio que prestam serviços comunitários para aquele público em específico, pesquisa essa que se deu por meio de entrevistas com diversos profissionais que trabalham em organizações sem fins lucrativos e demais grupos como mesquitas, que fornecem suporte estrutural para as comunidades (SHIER, GRAHAM, 2013). Dessa forma, é colocado que

[...] enquanto anteriormente, os indivíduos poderiam simplesmente ter acessado os benefícios por conta própria, após o 11 de setembro, foram necessárias mais ações das agências de serviço social para alcançar os indivíduos necessitados. Além do alcance, demais entrevistados descreveram a necessidade de adaptar os programas para se concentrarem mais na área de *advocacy* (SHIER, GRAHAM, 2013, p. 401 – tradução livre⁴⁶).

Em decorrência de tal problemática situacional, os envolvidos nas dinâmicas de auxílio social sentiram a necessidade de adaptar os seus serviços para que fossem providos de forma

⁴⁵ Original em inglês: *These policies also led to Muslims now needing more services related to employment discrimination, legal services as some became the victims of hate acts and detention, and supports promoting community inclusion as the general public perception towards Muslim became negative.*

⁴⁶ Original em inglês: [...] *While previously, individuals might simply have accessed benefits on their own, following 9/11 more outreach was required from social service agencies to reach individuals in need. Beyond outreach, other respondents described the need to adapt programs to be more focused on advocacy.*

adequada, visto que nos momentos posteriores ao 11 de setembro, as necessidades das comunidades muçulmanas foram remodeladas ou mesmo aparecendo novas necessidades, as quais as estruturas prévias existentes não mais conseguiriam atender (SHIER, GRAHAM, 2013).

Dentre as necessidades que precisaram ser ajustadas, se percebeu a questão linguística, pois a comunicação e a fluência na língua inglês se mostrou, no pós-11 de setembro, como uma necessidade imprescindível, visto que muitos não possuíam educação básica ou não tinham a fluência no idioma, seja na escrita ou na fala; assim, com a possibilidade de uma comunicação eficaz, os membros desse grupo poderiam, então, defender seus direitos ao serem questionados sobre suas condições legais pelas autoridades (SHIER, GRAHAM, 2013). Nesse sentido, foi percebido o crescente ressentimento público perante a comunidade; a cidade e o país pareciam estar focados apenas na sua cura psicológica, bem como a sua atenção estava toda voltada a proteção de seu território e a identificação de seus inimigos (SHIER, GRAHAM, 2013).

Percebe-se também que o sentimento de medo dentre os muçulmanos americanos crescera perante o cenário pós-11 de setembro. Em dadas situações, os funcionários das organizações de apoio às comunidades precisaram estar juntos as pessoas mesmo quando estas não tinham feito nada de errado, em especial se estivessem interagindo com alguma autoridade legal, sendo perceptível a sensação de medo e isolamento por parte de pessoas muçulmanas (SHIER, GRAHAM, 2013). Ademais, algumas organizações também começaram a desafiar a mudança nas dinâmicas sociopolíticas emergentes através do desenvolvimento de novas iniciativas, programas e organizações ou mesmo reestruturando as organizações já existentes (SHIER, GRAHAM, 2013).

Algumas iniciativas foram tomadas acerca do atendimento e fornecimento de serviços sociais para as comunidades árabe-muçulmanas, por exemplo: a criação de espaços onde os jovens pudessem compartilhar seus sentimentos e entendê-los em um contexto mais amplo criando um conscientização e validação sobre suas experiências com discriminação; a assunção da responsabilidade de confrontar e responder à mídia, às crianças e aos grupos inter-religiosos com o fim de esclarecer e mitigar os estereótipos acerca dos muçulmanos; além disso, alguns provedores de serviços achavam que tinham que mudar a missão da organização com o intuito de melhor transparecer e abordar as percepções errôneas sobre os muçulmanos pelo público em geral e, por fim, a percepção da necessidade de interagir em colaboração com outras organizações e grupos comunitários (SHIER, GRAHAM, 2013).

Seguindo tal raciocínio, há também que desde os eventos de 11 de setembro, a filantropia muçulmana dos EUA geralmente fora enquadrada em termos de segurança nacional e liberdades civis, como se representassem uma ameaça ao país; apesar desse cenário, as ações filantrópicas de muçulmanos americanos se destacam pela sua polivalência e pela fluidez da prática pública do Islã (GHANEABASSIRI, 2017).

O relatório da *Charity & Security Network*, de 2011, intitulado de “Instituições de caridade muçulmanas dos EUA e a Guerra ao Terror⁴⁷”, propõe uma revisão da década de 2001 a 2011, e reitera que, apesar do já mencionado “aumento do escrutínio do governo desde o 11 de setembro, as instituições de caridade muçulmanas americanas continuam comprometidas em servir os necessitados”, com isso e para melhorar a capacidade de auxílio, muitas instituições implementaram procedimentos de diligência prévia e criam campanhas educacionais com o fim de atingir as autoridades e o público em geral (TURNER, 2011, p. 16 – tradução livre⁴⁸).

O relatório enfatiza que as organizações humanitárias muçulmanas americanas se dedicam a reduzir o sofrimento humano tanto local como nacionalmente, por exemplo:

[...] depois de uma série de tornados mortais varrer vários estados do sul [dos Estados Unidos] em abril de 2011, a *Islamic Relief USA (IRUSA)*, a maior instituição de caridade muçulmana sediada nos EUA, respondeu fornecendo ajuda aos feridos e deslocados pelo desastre. Trabalhando ao lado do Exército da Cruz Vermelha e da Salvação, a *IRUSA* realizou avaliações de danos e forneceu alimentos e roupas a milhares de pessoas (TURNER, 2011, p. 16 – tradução livre⁴⁹).

Ainda segundo o relatório, além desse tipo de programa e instituições de grande porte, existem também grupos menores e que atuam com forças locais para assistir àquelas comunidades. Tem-se o exemplo seguinte:

[...] no sul de Los Angeles, a *UMMA Community Clinic* oferece serviços familiares e de saúde a indivíduos, independentemente de sua capacidade de pagamento. Em Michigan, o *ACCESS* oferece programas comunitários e opera o Museu Nacional da América Latina e o Centro de Filantropia da América Latina. A Rede de Ação Árabe Americana em

⁴⁷ Tradução livre do original em inglês: *U.S. Muslim Charities and the War on Terror*

⁴⁸ Original em inglês: *Despite the increase in government scrutiny since 9/11, American Muslim charities remain committed to serving those in need.*

⁴⁹ Original em inglês: [...] *For example, after a series of deadly tornados swept across several southern states in April 2011, Islamic Relief USA (IRUSA), the largest U.S.-based Muslim charity, responded by providing aid to those wounded and displaced by the disaster. Working alongside the Red Cross and Salvation Army, IRUSA conducted damage assessments and provided food and clothing to thousands of people.*

Chicago fornece serviços sociais e culturais e constrói capacidade de base para a população muçulmana da cidade (TURNER, 2011, p. 16 – tradução livre⁵⁰).

Assim, o relatório reforça que os grupos de assistência muçulmanos e para os muçulmanos possuem força incrível de ajuda para com seu povo, apesar da ressalva de que os ataques às liberdades e direitos civis dos muçulmanos americanos têm aumentado desde o 11 de setembro, quando se vislumbra a perspectiva do Conselho de Relações Americano-Islâmicas ao constatar que, em 2008, seus afiliados em todo o país relataram mais de 2.700 queixas no que tange aos direitos civis, variando desde o bullying nas escolas até o perfilamento racial por parte de autoridades policiais (TURNER, 2011).

Diante do exposto nesta subseção, torna-se evidente a significativa presença e influência das organizações e associações árabe-islâmicas nos Estados Unidos no contexto pós-11 de setembro de 2001. Ao observar os contextos nos quais essas entidades surgiram, suas formas de atuação e a importância que representam para a sociedade estadunidense, percebe-se que desempenham um papel crucial no fomento do diálogo e inclusão societal.

A diversidade da comunidade muçulmana nos EUA reflete uma sociedade verdadeiramente cosmopolita, onde diferentes raças, grupos étnicos e culturais convergem, evidenciando a importância de organizações que promovem o entendimento mútuo e a coexistência pacífica. Evidência disso é crescente conscientização pública sobre a presença do Islã nos Estados Unidos, com pessoas muçulmanas se esforçando para dissociar sua fé do terrorismo e promover uma interpretação realista e contemporânea do Islã.

Concomitantemente a isso, as associações voluntárias de imigrantes desempenham um papel fundamental ao auxiliar recém-chegados na adaptação à vida nos Estados Unidos, fornecendo suporte em diversas áreas, desde empregos até questões legais. No entanto, políticas de vigilância e segurança nacional pós-11 de setembro geraram receios dentro das comunidades árabe-muçulmanas, levando-as a buscar apoio em organizações não governamentais e religiosas.

⁵⁰ Original em inglês: [...] *in Southern Los Angeles, the UMMA Community Clinic offers family and healthcare services to individuals regardless of their ability to pay. In Michigan, ACCESS offers community outreach programs, and operates the Arab American National Museum and the Center for Arab American Philanthropy. The Arab American Action Network in Chicago provides social and cultural services and builds grass roots capacity for the city's Muslim population.*

Nesse sentido, fora evidenciada a necessidade de adaptação dos serviços comunitários para atender às demandas pós-11 de setembro, incluindo questões linguísticas e de segurança. De modo que as organizações de apoio às comunidades muçulmanas enfrentaram desafios como o aumento do medo e da discriminação, exigindo respostas adaptativas e novas iniciativas para lidar com a mudança nas dinâmicas sociopolíticas.

Apesar dos desafios, as organizações humanitárias e comunitárias desempenham um papel crucial na mitigação do sofrimento humano e na promoção da coesão social, apesar das crescentes ameaças às liberdades civis e direitos dos muçulmanos estadunidenses. Em suma, as organizações e movimentos de resistência árabe-muçulmanos nos Estados Unidos desempenham um papel vital na promoção do diálogo intercultural, na defesa dos direitos civis e na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

3.4.1. Organizações e associações civis árabe-muçulmanas: a Associação Árabe Americana de Nova York.

Tendo em mente o cenário exposto, busca-se agora mostrar alguns exemplos de organizações e associações da comunidade árabe-muçulmana nos Estados Unidos e suas atuações em prol da população. Traz-se a atuação destas instituições para esta dissertação pois se busca evidenciar a importância de sua representação perante a conjuntura que fora apresentada. Ademais, as atividades desenvolvidas por estas instituições e associações tornam-se exemplos patentes sobre como o combate às atitudes preconceituosas e atos discriminatórios pode ser realizado, além de também tornar evidente a prática de resistências, conceituada anteriormente nesta composição, como fator fundamental para organização em comunidade como uma das maneiras mais eficazes de responder às práticas discriminatórias.

Desse modo, uma das primeiras organizações muçulmanas a se formar nos EUA foi a Associação de Estudantes Muçulmanos nos EUA e no Canadá, fundada em 1963 por estudantes que esperavam ajudar outros estudantes muçulmanos vindos de países ao redor do mundo a ingressarem nos campuses universitários americanos; atualmente, a associação se faz presente em diversas universidades pela América do Norte (SMITH, 2010).

Outra forte organização presente no território estadunidense é a Sociedade Islâmica da América do Norte (*Islamic Society of North America – ISNA*, em inglês), um organismo sem fins lucrativos que tem como visão e missão

[...] promover o desenvolvimento da comunidade muçulmana, relações inter-religiosas, engajamento cívico e melhor entendimento do Islã; e ser uma organização islâmica exemplar e unificadora na América do Norte que contribua para a melhoria da comunidade muçulmana e da sociedade em geral (ISNA, 2020 – tradução livre⁵¹).

Com esse intuito de possibilitar uma sociedade integrada em sua essência, a organização promove vários eventos e serviços de cunho social e religioso, como a realização de casamentos comunitários, financiamento de bolsas de estudos, desenvolvimento de mesquitas, bem como programas e eventos para o diálogo inter-religioso, diminuindo barreiras e criando conexões entre muçulmanos e pessoas de outras religiões (ISNA, 2020).

O Conselho de Relações Americano-Islâmicas (*Council on American-Islamic Relations – CAIR*, em inglês), por sua vez, é um grupo de direitos civis e *advocacy* que trabalha baseado, de acordo com sua visão e missão, em ser uma das principais redes que advogam pela justiça e compreensão mútua, melhorando a compreensão acerca do Islã, protegendo os direitos civis, promovendo a justiça e capacitando os muçulmanos americanos. (CAIR, 2023).

Além disso, a organização possui um departamento de vigilância à islamofobia, que é encarregado de monitorar e expor a rede de indivíduos e organizações nos Estados Unidos que lucram de forma política e financeiramente promovendo o preconceito anti-muçulmano, implementando projetos e políticas destinadas ao pleno alcance da visão do CAIR relativamente a islamofobia na América, frisando que ser muçulmano carrega uma conotação positiva e que o Islã – assim como outras fés – tem igual lugar na sociedade plural dos Estados Unidos (CAIR, 2023).

Sendo a organização foco desta dissertação, tem-se a Associação Árabe Americana de Nova York (*Arab American Association of New York - AAANY*, em inglês). Fundada em dezembro de 2001, a organização não governamental fornece apoio e capacitação aos imigrantes árabes e a

⁵¹ Original em inglês: *To be an exemplary and unifying Islamic organization in North America that contributes to the betterment of the Muslim community and society at large. To foster the development of the Muslim community, interfaith relations, civic engagement, and better understanding of Islam.*

comunidade árabe-americana por meio da oferta de serviços para ajudá-los a se adaptarem a seu novo lar e a se tornarem membros ativos da sociedade.

De acordo com a história de fundação da Associação, é posto que o processo de criação da organização teve início antes dos ataques de 11 de setembro de 2001, contudo os fundadores se sentiram sujeitos a tomarem medidas mais emergentes após testemunharem o aumento do medo e os atos de discriminação flagrante contra sua comunidade nos dias que se seguiram aos ataques (AAANY, 2023). Dessa forma, a organização tem atuado como um elo entre a comunidade árabe e as demais parcelas societárias da cidade de Nova York, promovendo compreensão sobre a cultura árabe, agindo em junção com escolas, governo e demais instituições e comunidades civis para tratar de questões acerca de discriminação, bem como fornecendo diversos serviços sociais culturalmente significantes.

Entre as atividades realizadas pela organização estão a educação de adultos, *advocacy* e engajamento cívico, promoção de desenvolvimento de jovens e serviços de assistência para a saúde mental. As aulas voltadas para a educação de adultos são orientadas para a alfabetização, passando pela conversação prática do dia a dia e até linguagem direcionada para a carreira profissional, bem como há a preparação para o teste de cidadania estadunidense.

Além disso, os serviços de *advocacy* e engajamento cívico são focalizados em campanhas de responsabilidade da aplicação da lei junto ao departamento de polícia da cidade de Nova York com o intuito de combater e conscientizar sobre as práticas discriminatórias de policiamento que afetam minorias religiosas e pessoas de cor. Ademais, há também campanhas para a reforma do processo de imigração, defendendo o acesso aos direitos dos migrantes, a oportunidades equitativas na sociedade e a contestação ao perfilamento racial e religioso com viés discriminatório e detenções indevidas.

É importante salientar que a AAANY trabalha em prol do engajamento cívico e da organização comunitária, ao passo que assume que “uma das maneiras mais eficazes de responder aos desafios das práticas de policiamento discriminatórias e defender efetivamente os direitos dos imigrantes é se organizar [...]”⁵². Para tal, usa artifícios como capacitação e engajamento para o

⁵² Tradução livre do original em inglês: [...] *one of the most effective ways to respond to challenges discriminatory policing practices and effectively advocate for immigrant rights, is to organize.*

registro de novos eleitores com o objetivo de aumentar a participação e representação social dessa comunidade na cidade de Nova York a cada ciclo eleitoral.

Para mais, a organização também conta com programas direcionados às mulheres árabes imigrantes, construindo uma rede solidária intracomunitária à medida que trabalham no empoderamento e treinamento para que as mulheres possam se tornar líderes em suas comunidades por meio do aumento da consciência política e mobilização em vista às questões sensíveis que a elas podem concernir dentro da sociedade americana, como o combate a opressão e discriminação ao exigir igualdade e justiça para as comunidades de imigrantes e minorias religiosas.

É importante também observar – através dos seus meios de comunicação, à exemplo de suas redes sociais de internet – que a AAANY põe em prática os seus preceitos e sai em defesa dessas minorias. Pode-se notar, desta forma, a contribuição prática que a Associação dá para a sociedade, desde a realização de eventos como protestos pacíficos em prol da conscientização da violência policial, bem como mutirões de vacinação e testagem para o vírus da COVID nos anos de pandemia, até o mais recente desenrolar e agravamento do conflito Israel-Palestina desde meados de 2023.

Além dos diversos exemplos já apresentados ao longo desta dissertação acerca de atos discriminatórios perpetrados contra a população árabe-americana, a AAANY também expõe variados outros casos semelhantes em suas redes sociais, denunciando tais atitudes. Consoante a isso, durante o Ramadan de 2023, a Associação repudiou publicamente em nota⁵³ um ataque de Israel à mesquita de al Aqsa, em Jerusalém, caracterizando o ocorrido como “antidemocrático e uma flagrante violação dos direitos humanos⁵⁴”, dizendo ainda que fontes oficiais do governo de Israel haviam justificado o ataque como uma medida de manutenção da paz.

Tem-se, ainda relativamente aos conflitos envolvendo Israel e Palestina – visando a contínua conscientização acerca de atitudes alarmantes contra o genocídio na Palestina – outra nota⁵⁵ emitida pela Associação voltada aos representantes governamentais e instituições públicas emitida em outubro de 2023, quando

⁵³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cqgo1V1Ovr2/>> Acesso em: 16 nov. 2023.

⁵⁴ Tradução livre do original em inglês: *It is anti-democratic and a blatant human rights violation.*

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CyURLThs1Xa/>> Acesso em 02 nov. 2023

Incompreensivelmente, o presidente Biden, a governadora Kathy Hochul, o prefeito Eric Adams e entidades governamentais e instituições educacionais, incluindo o Departamento de Educação da cidade de Nova York, expressaram apoio absoluto a Israel, sem nenhuma consideração dada à contínua ostentação por parte de Israel do direito internacional e dos direitos humanos universais. Estas declarações unilaterais de apoio não só alienam completamente os palestinos e muçulmanos americanos que vivem em Nova Iorque e nos Estados Unidos, como também estão imbuídas de uma completa falta de nuances e de compreensão da situação do povo palestino. Além disso, estas declarações exacerbaram as tensões, inflamando ainda mais a retórica e divulgando informações falsas sem verificação básica (tradução livre⁵⁶).

Nesse sentido, a Associação Árabe Americana de Nova York relatou ainda que houve um aumento de ataques motivados por preconceitos no bairro do Brooklyn com base na percepção de raça e/ou apoio à causa Palestina, sendo esses de crimes de ódio um resultado direto da má gestão dos fatos básicos por parte dos líderes governamentais. Por fim, agradecendo ao apoio de demais Instituições e Organizações parceiras que se juntam à sua demanda em prol da conscientização social.

Outro relato⁵⁷ concernente à violência policial ocorreu também no mês de outubro de 2023 quando a AAANY se reuniu junto a um protesto pacífico para exigir um cessar-fogo na Palestina, momento em que a Polícia de Nova York interveio agredindo os manifestantes com violência. Mediante esses acontecidos, a Associação Árabe Americana de Nova York disponibilizou serviços de saúde mental às pessoas afetadas pela violência policial bem como ofertou o encaminhamento de serviços jurídicos a quem foi vítima dessa brutalidade policial.

Pode-se aqui também citar uma nota⁵⁸ publicada em novembro de 2023, relatando que as plataformas da Associação foram “inundadas” com mensagens de ódio de “pessoas de todo o país [que] escreveram para dizer que Gaza merece ser destruída, que as crianças palestinas merecem morrer – que todas elas deveriam estar mortas⁵⁹”.

⁵⁶ Original em inglês: *Incomprehensibly, President Biden, Governor Kathy Hochul, Mayor Eric Adams, and government entities and educational institutions, including the New York City Department of Education, have all expressed absolute support for Israel with no consideration given to Israel's continued flaunting of international law and universal human rights. Not only do these one-sided statements of support completely alienate Palestinian and Muslim Americans who call New York and the United States home, they are imbued with a complete lack of nuance and understanding of the plight of the Palestinian people. Furthermore, these statements have exacerbated tensions by further inflaming rhetoric and spreading false information without basic verification.*

⁵⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CyyngYCud_n/> Acesso em 02 nov. 2023.

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CzJ2KIPuUBN/>> Acesso em 16 nov. 2023.

⁵⁹ Tradução livre do original em inglês: *People all over the country have written to say that Gaza deserves to be destroyed, that Palestinian children deserve to die - that all of them should be dead.*

A Associação respondeu que fora um ataque assustador e que esse tipo de atitude “é um resultado direto da retórica política e da cobertura midiática que desumaniza os palestinos e ensina os americanos a aceitarem a sua destruição como de alguma forma justificada⁶⁰”, apelando para que os seus representantes eleitos se juntem a eles “na exigência de um cessar-fogo e que façam tudo o que puderem para pôr fim ao genocídio do povo palestino⁶¹”.

Outro incidente pode ser observado em nota⁶² publicada pela AAANY quando, no mês de fevereiro de 2024, um homem entrou no Centro Islâmico de Melville, no Estado de Nova York, fazendo “declarações inflamadas” acerca do genocídio em curso na Palestina, bem como assediou os membros da comunidade e só saiu depois da chegada da polícia. A Associação relatou ainda que o homem filmou todo o incidente, “acrescentando outra camada de angústia aos fiéis e demonstrando um flagrante desrespeito pela santidade dos espaços religiosos⁶³”.

Para além disso, o homem somente fora detido no dia seguinte quando o incidente já havia se tornado de conhecimento público. Diante de mais essa cena de flagrante violência e preconceito, a Associação Árabe Americana de Nova York corroborou e lembrou a liberdade religiosa como evidente direito a ser exercido por qualquer pessoa – neste caso, em especial, por aqueles de fé islâmica –, de modo que “enquanto as autoridades policiais olharem para o outro lado quando as comunidades religiosas são assediadas ou algo pior, os centros islâmicos e as mesquitas continuarão a ser alvos⁶⁴”.

Portanto, a observação relativamente às organizações e associações civis árabe-muçulmanas nos Estados Unidos destaca não apenas a sua presença vital, mas também a sua contribuição significativa para a sociedade. Desse modo, evidenciou-se a importância dessas instituições como agentes de combate ao preconceito e à discriminação, além de promotores da integração e da compreensão intercultural.

⁶⁰ Tradução livre do original em inglês: [...] *it is a direct result of political rhetoric and media coverage that dehumanizes Palestinians and teaches Americans to accept their destruction as somehow justified.*

⁶¹ Tradução livre do original em inglês: [...] *in demanding a ceasefire and to do everything you can to stop the genocide of the Palestinian people.*

⁶² Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C307gLaOsY6/>> Acesso em 29 fev. 2024.

⁶³ Tradução livre do original em inglês: [...] *adding another layer of distress for the worshippers and demonstrating a blatant disregard for the sanctity of religious spaces.*

⁶⁴ Tradução livre do original em inglês: *As long as law enforcement looks the other way when religious communities are harassed or worse, Islamic centers and mosques will continue to be targeted.*

A Associação de Estudantes Muçulmanos nos EUA e no Canadá, a Sociedade Islâmica da América do Norte (ISNA) e o Conselho de Relações Americano-Islâmicas (CAIR) são exemplos proeminentes dessas organizações. Elas se dedicam não apenas a fornecer apoio prático e educacional às comunidades muçulmanas, mas também a advogar pelos seus direitos civis, promover o diálogo inter-religioso e combater ativamente a islamofobia e outras formas de discriminação.

No entanto, é na figura da Associação Árabe Americana de Nova York que se concentra o foco principal desta dissertação. Desde a sua fundação em 2001, a AAANY tem desempenhado um papel crucial na promoção da integração dos imigrantes árabes e na defesa dos direitos da comunidade árabe-americana. Os fundadores da organização perceberam a necessidade urgente de estabelecer um espaço seguro e solidário para essas pessoas, enfrentando o medo e os atos discriminatórios flagrantes que surgiram na esteira dos ataques. Através de uma ampla gama de serviços sociais, educacionais e de *advocacy*, a AAANY tem sido uma voz incansável na luta contra o preconceito, a discriminação e a injustiça.

Conforme fora exposto, fez-se evidente a importância significativa da Associação Árabe Americana de Nova York não apenas durante os tumultuosos dias após os atentados de 11 de setembro de 2001, mas também em tempos mais recentes, incluindo os desafios impostos pela pandemia de COVID-19 e os contínuos desdobramentos do conflito entre Israel e Palestina. Durante a pandemia de COVID-19, a AAANY mostrou-se, mais uma vez, como uma força vital na comunidade, fornecendo assistência e apoio essenciais aos imigrantes árabes e às famílias de baixa renda afetadas pela crise. Através de programas de distribuição de alimentos, assistência médica e apoio psicossocial, a organização demonstrou um compromisso inabalável com o bem-estar e a segurança dos membros da comunidade em tempos de crise.

Além disso, os recentes desdobramentos do conflito entre Israel e Palestina destacaram ainda mais a importância da AAANY como uma voz proeminente na defesa dos direitos humanos e da justiça social. Através de declarações públicas, protestos pacíficos e campanhas de conscientização, a AAANY tem sido uma defensora incansável da causa palestina, denunciando os abusos de direitos humanos e exigindo uma solução pacífica e justa para o conflito. Assim, a AAANY tem desempenhado um papel fundamental na conscientização e mobilização da

comunidade, incentivando o engajamento cívico e a participação política como ferramentas essenciais na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Evidencia-se, dessa forma, a importância que a Associação Árabe Americana de Nova York representa ao desenvolver atividades diante de todo o contexto supracitado, passando desde a dificuldade identitária do migrante árabe nos EUA até a sua integração em uma nova sociedade. Para além, reforça-se que se organizar em comunidade é uma das maneiras mais eficazes de responder às práticas discriminatórias; portanto, as atividades de engajamento cívico proporcionadas pela AAANY se apresentam como imprescindíveis para o debate aqui proposto acerca da construção de resistências após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Em suma, as organizações e associações civis árabe-muçulmanas nos Estados Unidos representam não apenas uma fonte de apoio e solidariedade para as suas comunidades, mas também uma força poderosa na luta pela justiça social e pela igualdade de direitos. A sua presença e atividades são testemunhos vívidos da capacidade humana de resistir à adversidade e de trabalhar em prol de um futuro mais justo e compassivo para todos.

4. UMA ANÁLISE PÓS-MODERNA A PARTIR DO 11 DE SETEMBRO DE 2001

Como observado, nos capítulos anteriores foram abordadas as perspectivas teóricas e empíricas deste empreendimento científico. Assim, dissertou-se acerca da lente pós-moderna das Relações Internacionais, suas influências e contribuições para esta pesquisa, com evidência aos enfoques conceituais explicitados por Michel Foucault. Ademais, esquadrinhou-se um levantamento empírico acerca das comunidades árabe-muçulmanas desde o início de seus movimentos migratórios para os EUA, seu estabelecimento, formação e consolidação identitária nesse país, até que se chegasse ao ponto central desta investigação: o pós-11 de setembro e suas reverberações sobre essas comunidades.

Dessa forma, no presente capítulo serão debatidas as questões já apresentadas anteriormente, contudo sendo agora possível compreender a concatenação teórico-empírica proposta neste trabalho. Destarte, é válido apontar que a importância da teoria reside em “distinguir o principal do acessório, revelando o que é significativo para, assim, conduzir o analista a mais correta interpretação [...] da realidade das relações internacionais”; logicamente deve-se aqui destacar que “[...] cada dispositivo teórico corresponde uma diferente maneira de perceber as relações internacionais” (GONÇALVES, [2001], p. 6). Para tanto, utiliza-se como lente teórica a vertente analítica pós-moderna das Relações Internacionais

Com essa compreensão, é necessário ter em mente que essa vertente teórica passou a ganhar evidência com o fim da Guerra Fria, quando se viu a necessidade de repensar as premissas da área após tempos de crise – “crise da modernidade, crise dos Estados Nacionais, [...] crise de paradigmas, crise do conhecimento” – pondo em xeque o “racionalismo, a cientificidade, o positivismo, a fé no progresso, o sentido da História e o próprio significado do homem” (RESENDE, 2011, p. 24). Sendo assim, essa lente teórica possibilita um modo singular de percepção da realidade das relações internacionais, que difere, por exemplo, das perspectivas analíticas modernas e positivistas das R.I.

Para mais, retoma-se aqui um dos pensamentos que se apresenta como central aos argumentos já apontados neste trabalho e que será de fundamental importância para a compreensão deste capítulo. Trata-se da corrente pós-positivista e seus pressupostos. Essa corrente coloca em evidência a questão identitária – aquilo que abarca a essência do indivíduo em sociedade – como

um pressuposto imprescindível para compreender como os interesses se formam e orientam a ação política. Logo, baseados na premissa de que não se pode separar a razão das relações de poder que possibilitam falar em ‘verdades’ científicas “[...] os pós-modernistas acreditam, assim, que toda verdade é a afirmação de uma posição de poder e reflete estruturas de dominação que pretendem se apresentar como neutras e naturais” (NOGUEIRA, MESSARI. 2005, p. 188). Desse modo, há que o que se compreende como ‘verdade’ não passa de uma “afirmação apresentada de uma perspectiva privilegiada” que reflete “as estruturas de poder que a sustentam” (RESENDE, 2011, p. 29).

À vista disso, faz-se necessário aqui salientar que a questão acerca do exercício do poder se faz presente em toda a discussão desenvolvida neste capítulo. Tendo em vista que o poder está em constante fluxo, não é possível excluí-lo ou dissociá-lo de uma seção para outra que abaixo seguem, já que as mesmas se apresentam de forma complementar como partes de um único contexto que possibilita o entendimento de toda a discussão, ou seja, como o conceito e a aplicação do poder – anteriormente apresentado – é capaz de formar, moldar e, desse modo, permear a realidade conhecida e as supostas verdades científicas tomadas como imutáveis.

Portanto, este capítulo conta com quatro seções que tratam analiticamente sob a perspectiva pós-moderna – com base em toda a discussão que fora acima apresentada – acerca do exercício do poder, da formação de discursos, das práticas de resistências e, por fim, das genealogias possíveis. Reitera-se que esses quatro pontos giram em torno do objeto de pesquisa proposto nesta investigação científica. Desta forma, utilizando deste ferramental teórico, aliado às reflexões e considerações feitas por Foucault sobre poder, discurso, resistências e genealogia, serão dispostas novas considerações e contribuições acerca dos movimentos de resistências árabes-muçulmanos nos Estados Unidos pós-11 de setembro de 2001, bem como serão evidenciadas de que forma as variáveis e contextos presentes nesta discussão podem ser observados sob a ótica pós-moderna/pós-estruturalista das Relações Internacionais, proporcionando o diálogo entre teoria e empiria, e possibilitando a visualização do alcance dos objetivos propostos ao longo desta dissertação.

4.1. O EXERCÍCIO DO PODER NA CHEGADA DAS COMUNIDADES ÁRABE-MUÇULMANAS NOS EUA

Nesta seção serão abordadas as confluências relativamente ao poder e suas nuances no período compreendido pelas primeiras chegadas de migrantes árabe-muçulmanos nos EUA. Assim, retomam-se – logo adiante – algumas discussões e cenários aferidos nos capítulos anteriores, sendo possível compreender como a lógica do poder permeou a formação das comunidades do povo árabe-muçulmano desde as primeiras migrações até a sua consolidação em território estadunidense, discutindo-se a empiria à luz da teoria.

Portanto, com base nisso, poderão ser visualizadas as asserções de Bobbio, Matteucci e Pasquino (2003) relativamente ao poder social, quando há a determinação do comportamento de um indivíduo sobre o outro, caracterizando o homem ao mesmo tempo como sujeito e objeto das forças do exercício do poder. Para além, observar-se-á a docilização dos corpos posta por Foucault, bem como o contínuo fluxo do poder, organizando-se e reproduzindo-se em rede.

Tem-se então, nesse sentido, que, como foi visto no capítulo dois deste trabalho, a discussão acerca do poder é permeada em abordagens de diversos autores. De acordo com Bobbio, Matteucci e Pasquino (2009) o poder é compreendido como a capacidade ou possibilidade de agir, contudo, existe também o poder do homem em determinar o comportamento de outro homem. Desta forma o homem passa a ser tanto o sujeito como o objeto do poder social.

Foucault (1999), nesse sentido, em seu livro, *Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões*, discorre acerca dos Corpos Dóceis. O autor relata que durante a época clássica descobriu-se o corpo como objeto e alvo de poder; o corpo como manipulável, modelável, treinável, obediente e responsivo; o corpo que “se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1999, p. 163). Tem-se assim o corpo dócil como aquele que pode ser submetido, utilizado e aperfeiçoado.

Como foi abordado, muitos migrantes vindos do oriente chegaram aos Estados Unidos forçadamente como escravizados vindos da África, tráfico que perdurou por muitos séculos, tendo se alongado ilegalmente e chegado ao fim somente na década de 1930 (MCCLLOUD, 2003). Reforça-se, ainda, que na maioria das vezes os escravizados não eram autorizados a praticar a sua fé islâmica, sendo forçados a se converterem ao cristianismo. Para mais, apenas a partir de meados do século XIX que os primeiros muçulmanos começaram a ir para os EUA de maneira voluntária, com o intuito de construir uma nova vida com oportunidades oferecidas na América.

Pode-se verificar, dessa maneira, de que forma aconteceu o contato inicial do povo muçulmano com a terra estadunidense. Desde o momento de sua retirada de seus lares com o início da escravidão, se estendendo para a migração voluntária, o povo muçulmano não possuía muitas opções de escolha sobre a sua nova vida em território estadunidense. O poder exercido sobre o povo que migrara forçadamente era efetivo e legitimado, poder esse que age e produz efeito diretamente na vida dessa comunidade. Além disso, pode-se observar também o poder social citado por Bobbio, Matteucci e Pasquino (2004) sendo perpetrado contra essa gente.

Por conseguinte, mesmo anos após o fim do tráfico de escravizados de fé islâmica, os árabes-muçulmanos que migraram de forma facultativa ainda enfrentavam grandes dificuldades de inserção cívica no novo país, sem ainda haver uma sistematização em grupos sociais (MCCLLOUD, 2003). Esse cenário, porém, foi mudando ao longo dos anos pois, aos poucos, o corpo social foi ganhando forma e robustez ao se organizar em comunidades específicas, com ênfase particular no período pós-Primeira Guerra, que se caracterizou como uma época quando os fiéis religiosos começaram a organizar clubes e construir mesquitas em várias cidades, adquirindo cada vez mais forças.

É imperioso salientar que esse foi um período fulcral para o engajamento efetivo desse povo dentro dos Estados Unidos da América. Como mencionado previamente neste trabalho, a lei de imigração dos EUA de 1965 propiciou o traslado em grandes proporções de muçulmanos de diferentes partes da Ásia e da África e de origens diversas em termos culturais (HALIM, 2006).

A integração desta comunidade, por mais que seja formada por um corpo social heterogêneo, se mostra cada vez mais ativa e consistente (HALIM, 2006). Reitera-se que na esfera política, por exemplo, os muçulmanos não participam somente por meio do voto, mas também mediante a influência da política americana – por meio de representantes eleitos – com o intuito de engrandecer sua visibilidade e engajamento cívico, além de terem a possibilidade de realizar atividades cotidianas como ir trabalhar ou mesmo praticar esportes (HALIM, 2006); estas práticas e atuações, da mesma forma, se traduzem em uma representação do poder que esta comunidade consegue exercer. Assim, é possível observar a transição e o fluxo contínuo do poder, como citado por Foucault (1999), e como ele pode ser organizado em rede, repousando sobre os indivíduos muitas vezes de forma hierárquica – de cima para baixo ou vice-versa – ou, eventualmente, de

forma lateralizada colocando a comunidade árabe-muçulmanos numa nova situação após os episódios de 11 de setembro de 2001.

Portanto, nesta seção explorou-se a dinâmica do poder durante o período das primeiras chegadas de migrantes árabe-muçulmanos nos Estados Unidos. Retomando discussões anteriores, foi possível observar como o poder influenciou a formação e consolidação dessas comunidades em solo estadunidense, tanto empiricamente quanto à luz da teoria. De modo que a análise das assertivas de Bobbio, Matteucci e Pasquino (2003) sobre o poder social destacou a capacidade de um indivíduo determinar o comportamento do outro, tornando-o sujeito e objeto das forças do poder. Além disso, a concepção de Foucault sobre os Corpos Dóceis evidenciou a docilização dos corpos como parte do exercício de poder, especialmente como forma de controle social.

Assim, o contato inicial dos muçulmanos com os Estados Unidos, desde os tempos da escravidão até as migrações voluntárias, revelou a influência direta do poder sobre suas vidas. Mesmo após o fim do tráfico de escravizados, enfrentaram desafios significativos para sua integração cívica, embora tenham gradualmente se organizado em comunidades mais robustas, especialmente após a lei de imigração de 1965. Logo, a participação política e social dos muçulmanos nos EUA, marcada pelo engajamento cívico e influência na política, reflete uma forma de exercício de poder e uma transição dinâmica ao longo do tempo. Este poder se manifesta não apenas nas esferas políticas, mas também nas atividades cotidianas e na influência sobre a visibilidade da comunidade.

Desse modo, a análise proposta nesta seção revela não apenas a história da chegada e integração dos árabes-muçulmanos nos Estados Unidos, mas também a complexidade das relações de poder que moldaram e continuam a moldar suas experiências no país, preparando o terreno para a investigação aprofundada das consequências pós-11 de setembro de 2001 – como será discutido no próximo tópico – com o intuito de verificar de que forma os relatos expostos no capítulo anterior desta dissertação podem ser observados por meio das discussões e contribuições foucaultianas para as Relações Internacionais.

4.2. PODER E DISCURSO NO CONTEXTO DO PÓS-11 DE SETEMBRO DE 2001

Nesta seção será possível entender as reverberações do exercício do poder e suas interações e influências conjuntamente às práticas discursivas que foram difundidas após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, conforme observado anteriormente. Contudo, sendo agora possível compreender tal contexto empírico por meio dos aportes conceituais evidenciados pela lente pós-estruturalista das RI.

Consoante ao que fora discutido previamente, o poder “repousa sobre os indivíduos em forma de rede” (FOUCAULT, 1999, p. 201), bem como há que quando “um indivíduo ou grupo social chega a bloquear um campo de relações de poder, seja por meio de instrumentos econômicos, políticos ou militares, tem-se um estado de dominação” (FOUCAULT, 2004, p. 266). De modo que em um cenário como esse, as práticas de liberdade ou deixam de existir ou existem apenas unilateralmente ou são extremamente restritas e limitadas.

É nessa esfera que há a possibilidade de compreensão dos acontecimentos reverberados pós-ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. As consequências decorrentes aos atos violentos perpetrados contra a população e hegemonia norte-americana mudara a visão sobre o terrorismo internacional contemporâneo (NERI, 2014, p. 7), mas também mudara a visão sobre a comunidade árabe e muçulmanas nos Estados Unidos.

Assim, outra decorrência dos atentados é o “aumento de uma (in)segurança bem como uma constante sensação de ameaça”, que acabam por reverberar em políticas e atitudes mais severas tanto por parte do poder público, com a vigilância reforçada em aeroportos e localidades estratégicas, bem como a existência de uma ânsia por justiça proveniente dos cidadãos que se sentiram atingidos ou ameaçados, mesmo que indiretamente (FERREIRA, 2014, p. 15). Todo esse medo e ressentimento foram propícios para reforçar o imaginário preconceituoso e hostil que já vigorava sobre os muçulmanos desde a sua chegada ao país, fazendo com que seja tonificada a hierarquia presente na construção da imagem e conceituação do sujeito-objeto.

Portanto, como já mencionado e exposto aqui, os eventos de 11 de setembro de 2001 podem ser entendidos como essencial para compreender essa progressão e guinada a atitudes preconceituosas que rumaram a vida dos árabes-muçulmanos, sejam americanos ou não, a partir daquela ocasião (HADDAD, 2011). É substancial compreender que esta data é marco para o início de uma nova era para a vitimização dessas comunidades, se configurando como um período de crimes de ódio, perfilamento e discriminação que ganharam forças.

Para mais, em algumas semanas após os episódios terroristas da data de 11 de setembro de 2001, “o governo estadunidense colocou em prática uma série de medidas e iniciativas políticas dirigidas às populações específicas de imigrantes do Oriente Médio e muçulmanas, com o fim de alcançar e deter potenciais terroristas” (BAKALIAN, BOZORGMHER, 2009, p. 2). Todavia, acabaram por legitimar um tipo de efeito reacionário aos olhares do público, fomentando a tolerância aos estereótipos. Para além, essas políticas passaram a mostrar certa legitimidade às atitudes violentas, provocadas contra a população muçulmana.

Tem-se, assim, o bloqueio de certo campo de relações de poder por meios políticos (FOUCAULT, 2004). Tal contexto fomenta a restrição das práticas de liberdade, passando a existir, em certos casos, apenas unilateralmente e de forma limitada. Assim, remonta-se – novamente – ao pensamento de Foucault (2004, p. 22) quando o autor supõe que não há sociedade na qual não existam narrativas maiores que acabam por prevalecer sobre outras, virando ritos de discursos que são contados conforme circunstâncias conservadas e petrificadas, à exemplo de leis. Podendo assim ser notada sob essa perspectiva a realidade muçulmana naquele cenário, quando as leis se enrijeceram e foram executadas de forma lancinante sobre aquela comunidade.

Nesse sentido, como foi explanado no capítulo anterior, o governo federal estadunidense ampliou consideravelmente seu poderio policial com o intuito de alcançar pistas sobre os acontecidos e, para tanto, muitas mudanças ocorreram na perspectiva de ordens e decretos executivos, regras administrativas e legislação, permitindo que as agências de investigação em níveis federais, estaduais e municipais tivessem o poder de investigar, deter e agredir aqueles que fossem suspeitos de possuir algum vínculo terrorista (MINNITE, 2005).

Assim, reitera-se a complexa teia de relações entre o exercício do poder e as práticas discursivas que emergiram e se consolidaram após os eventos de 11 de setembro de 2001, conforme discutido anteriormente. Neste contexto, torna-se essencial compreender as reverberações desses eventos à luz das lentes teóricas pós-modernas/pós-estruturalistas das Relações Internacionais. À medida que essas interações são exploradas, se passa a perceber o modo como o poder permeia a estrutura social de forma sutil, exercendo influência sobre as liberdades individuais e coletivas.

Como observado, o poder não é exercido de maneira unilateral por uma entidade centralizada, mas se dispersa por meio de uma rede complexa que abrange desde instituições

governamentais até as interações cotidianas (FOUCAULT, 1999). Portanto, esta visão dinâmica do poder possibilita a compreensão de como certas narrativas predominantes são privilegiadas, enquanto outras são silenciadas, criando um ambiente propício para a exclusão de histórias e a consequente dominação exercida por meio de inverdades petrificadas. A partir desse olhar crítico, pode-se verificar as consequências dos eventos de 11 de setembro e como eles moldaram não apenas as políticas de segurança e as relações internacionais – em um nível macro -, mas também – em um nível regional – as percepções e atitudes em relação às comunidades árabes e muçulmanas nos Estados Unidos.

Para mais, é crucial destacar o papel imperativo da morte no contexto do biopoder no período pós-11 de setembro de 2001, no qual a preservação da vida é paradoxalmente acompanhada pelo exercício do direito de matar. Como visto, o biopoder, ao buscar regular e controlar a vida em massa, muitas vezes ultrapassa seus próprios limites, assumindo o poder de decidir quem vive e quem morre (FOUCAULT, 2010). Esta dinâmica revela-se especialmente preocupante e perturbadora quando se consideram os desdobramentos das políticas de segurança implementadas após os ataques terroristas, as quais, embora destinadas a proteger a população, muitas vezes resultaram em violações dos direitos humanos e em detenções injustas. Nesse sentido, o biopoder não apenas detém o poder de fazer viver e deixar morrer, mas também legitima formas de violência que perpetuam a marginalização e o sofrimento de certos grupos sociais.

Bem como é sabido, o discurso é essencialmente histórico e composto de acontecimentos sucessivos e que não pode ser apreciado fora do tempo no qual se desenvolveu (FOUCAULT, 2008, p. 224). Dessa forma, pode-se compreender que existem diversas formas de se praticar um discurso e que cada forma está estritamente ligada ao seu contexto de origem.

Ainda sob a marca do 11 de setembro como marco histórico, é possível observar como as práticas discursivas foram sendo alteradas após os eventos daquele dia. Verifica-se isso por meio do exemplo atestado anteriormente de que o termo “ameaça bolchevique” se tornou obsoleto e deu lugar à expressão “ameaça islâmica” (BAKALIAN, BOZORGMHER, 2009, p. 2). Neste sentido, houve que em um período de cerca de um ano após os eventos de 11/09/2001, publicações de livros que descreviam pessoas muçulmanas como uma ameaça (BAKALIAN, BOZORGMHER, 2009).

Desta mesma forma, “por mais de um século, os muçulmanos viveram na América em paz. [...], mas, a partir de agora – [dos eventos de 11 de setembro] –, todas as suas palavras seriam anotadas, todas as suas ações tomadas por uma nação dominada pelo medo e inflamada pela manipulação política” (ABDO, 2006, p. 14). Este é mais um resultado da execução de políticas severas de vigilância e do exercício do poder do homem sobre o homem que, como relata Foucault (1999, p. 195), adentra as multidões confusa, móveis e inúteis de corpos e forças, [...] tomando os indivíduos como objetos e instrumentos do exercício de seu poder.

É ainda possível perceber a influência e capacidade que a prática discursiva consegue ter, já que, após os acontecimentos pós-ataques terroristas de 2001, grande parte da população pareceu adotar uma “uma visão em preto e branco” na qual os muçulmanos são tratados como terroristas e o Islã como uma religião violenta e demais adjetivos pregados de forma errônea e equivocada (ABDO, 2006). Reforça-se que após o 11 de setembro os muçulmanos ficaram em uma posição defensiva e enfrentaram uma escalada sensação de insegurança proporcionada por este cenário ao exercer a sua liberdade em vivenciar e exaltar sua verdadeira fé e a possibilidade de ser arbitrariamente agredido de todas as formas como o suposto homem-bomba terrorista, [...] “combinando o desejo de abraçar o Islã e conviver com os rigores de uma vida na América moderna” (ABDO, 2006, p 4 – tradução livre⁶⁵).

Aliado a esses contextos internos, e acontecendo de forma simultânea, havia a Guerra ao Terror, uma série de medidas políticas e militares que resultou em uma caçada aqueles que eram suspeitos de praticar terrorismo; medidas essas legitimadas pelo próprio presidente dos EUA George W. Bush. De modo tal que “a guerra global contra o terror produziu impacto na política doméstica de diversos países muçulmanos, propiciando uma segregação entre moderados e radicais” (RABASA, 2004, p. 50).

Assim, pode-se observar mais uma vez a intrincada habilidade do poder em constranger essas comunidades, delineando e solidificando narrativas que frequentemente não correspondem à realidade vivenciada por esses grupos. Este processo de delimitação e estereotipagem não apenas molda comportamentos individuais e coletivos, mas também submete os membros dessas comunidades a uma constante subjetivação, restringindo suas identidades e liberdades.

⁶⁵ Original em inglês: [...] *combining a desire to embrace Islam with negotiating the rigors of daily life in modern America.*

Além disso, o poder exerce influência na produção e imposição de verdades socialmente construídas que se mostram convenientes ao contexto dominante. Essas verdades muitas vezes refletem perspectivas e interesses específicos, marginalizando vozes divergentes e perpetuando desigualdades estruturais. Portanto, é essencial reconhecer e questionar essas narrativas hegemônicas, buscando promover a insurreição de discursos que outrora foram excluídos e acobertados pelo *mainstream*.

As práticas discursivas também ficam evidentes nos escritos de Peek (2011), citados no capítulo anterior deste trabalho, ao relatar alguns nomes depreciativos utilizados contra a comunidade muçulmana após o 11 de setembro de 2001, à exemplo de alguns já mencionados como “Talibã” e “Osama”. Além das agressões físicas, era comum a violência psicológica por meio de olhares que transmitiam ódio e obtinham como resposta um olhar amedrontado e aterrorizado (PEEK, 2011).

O uso do poder, desta maneira e como dito no início desta seção, permeia toda a discussão que aqui se alonga. Assim, muitas agressões físicas eram originárias de forças policiais e que os muçulmanos agredidos “reconheceram que os policiais tinham o poder de prender, deter e prejudicar fisicamente os membros de sua comunidade” (PEEK, 2011, p. 97 – tradução livre⁶⁶).

Desta forma, a partir de todo o contexto evidenciado acima e proporcionado pela concatenação empírico-teórica, percebe-se como se deu a luta de pessoas migrantes e árabe-muçulmanas para a preservação de sua imagem e identidade como praticante de sua fé ao passo que era necessário também exercer sua cidadania como americano e membro de um corpo social heterogêneo, ao passo que o exercício de um poder autoritário e legitimado somado às práticas discursivas de uma perspectiva *mainstream* da sociedade foram capazes de mudar a vidas daquelas comunidades de forma incisiva.

Desse modo, reitera-se que o discurso é essencialmente histórico e composto de acontecimentos sucessivos e que não pode ser apreciado fora do tempo no qual se desenvolveu. Assim como visualizou-se a compreensão de que existem diversas formas de se praticar um discurso e que cada forma está estritamente ligada ao seu contexto de origem. Logo, conclui-se que as iniciativas de vigilância e práticas políticas e policiais dirigidas à população muçulmana

⁶⁶ Original em inglês: [...] *they recognized that officers had the power to arrest, to detain, and to physically harm members of their community.*

após o 11 de setembro logram espaço em uma determinada prática discursiva legitimada pelo poder governamental, ao passo que se observa o imperativo da morte e o assassinio direto e indireto provocados pelo exercício do biopoder.

Dessa forma e por fim, fora possível observar, nesta seção, as reverberações do exercício do poder e suas interações com as práticas discursivas que emergiram após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Através da lente pós-moderna das Relações Internacionais, foi possível compreender como esses eventos moldaram as percepções e atitudes em relação às comunidades árabes e muçulmanas nos Estados Unidos. Como delineado anteriormente, os ataques de 11 de setembro desencadearam uma série de reações que resultaram em políticas de segurança mais severas e uma crescente hostilidade em relação aos muçulmanos nos Estados Unidos. Essas políticas não apenas restringiram as liberdades individuais e coletivas, mas também legitimaram formas de violência e discriminação.

Assim, é fundamental reconhecer que o exercício do poder não se limita a uma entidade centralizada, mas permeia toda a estrutura social de maneira sutil, influenciando as narrativas predominantes e silenciando vozes divergentes. Esta dinâmica é especialmente evidente nas políticas de segurança implementadas após os ataques de 11 de setembro, as quais muitas vezes resultaram em violações dos direitos humanos e em detenções injustas. Além disso, as práticas discursivas desempenharam um papel significativo na construção de estereótipos e na marginalização das comunidades árabes e muçulmanas. Através da manipulação política e da disseminação de narrativas hegemônicas, essas comunidades foram submetidas a uma constante subjetivação, restringindo suas identidades e liberdades.

Portanto, será explorada na subseção seguinte a maneira como estas comunidades foram aptas em construir e fortalecer suas comunidades resistindo as formas de poder exercidas e perpetradas contra elas, bem como construindo novas relações de poder e produzindo discursos em combate aos preconceitos e discriminações cometidos contra esta gente. Momento em que se observa o papel fundamental exercido pela Associação Árabe Americana de Nova York para a produção de contracondutas de modo a resistir às práticas discursivas dominantes e os regimes de verdade impostos.

4.3. PODER E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS NO PÓS-11 DE SETEMBRO

Analisar-se-á aqui o papel da Associação Árabe Americana de Nova York e a importância de organizações similares que atuam em prol da população árabe-muçulmana estadunidense à luz dos contributos de Michel Foucault acerca de resistências. Tem-se, destarte, um modo de combater e resistir às práticas discursivas apresentadas acima, bem como as relações de poder-saber suscitadas por esse meio de resistir. Dessa forma, esta seção apresentará – com base no diálogo teórico-empírico – como as resistências se constituem e representam um meio característico de contraconduta frente aos discursos e exercícios de poder vigorantes no pós-11 de setembro.

Para isso, é devido iniciar este tópico retomando a discussão sobre resistência em Foucault (2004), de modo que ela se dá simultaneamente com as relações de poder-saber, já que se não houvesse uma relação de poder assim também não teria por que de haver uma resistência, sendo esta, assim, uma característica estrutural fundamental daquele (LYNCH, 2018).

Pode-se, então, compreender que se tem um poder sendo exercido e legitimado como verdade absoluta, deve-se ter outro(s) poder(res) que se traduza(m) em forma de resposta ao discurso dominante. Assim, têm-se os movimentos e organizações, sejam formais ou informais, das comunidades árabes-muçulmanas, se fazendo cada vez mais presente e ganhando destaque na cena doméstica dos EUA.

Concomitantemente a isso, a consciência da população estadunidense está mais ciente sobre a presença do Islã no país, reflexo do destaque público dos movimentos e organizações supracitadas, que vão desde associações de bairros e grupos de estudos e ensino até as grandes mesquitas e centros religiosos (SMITH, 2010). Dentre dessas mais variadas formas, o povo muçulmano consegue exercer o seu poder, resistindo aos preconceitos e discriminações.

Nesse mesmo contexto, as associações voluntárias desempenham um papel muito importante desde o apoio ao migrante em sua chegada ao país até a sua integração cívica como membro da sociedade norte-americana, resposta que se dá em virtude aos atos violentos e preconceituosos que são cometidos contra esse povo desde as primeiras migrações (BAKALIAN E BOZORGMEHR, 2009). Dessa forma, entendendo que se exerce poder nas mais diversas formas, deve-se também haver resistência e – como fora visto, há variadas formas de resistências

– de modo que organizar-se socialmente é uma forma de resistir, procurando estratégias que invertam a situação de poder em exercício (FOUCAULT, 2004).

Assim, diversas associações, organizações e comunidades foram sendo criadas e adquirindo forças para o exercício de seu poder dentro da sociedade estadunidense, também com o intuito de evidenciar o seu papel com cidadão de uma comunidade que se apresenta como cosmopolita e heterogênea que é o corpo social dos Estados Unidos da América.

Para mais, compreende-se que resistir é a capacidade que a força tem de entrar em relações não calculadas pelas estratégias vigorantes no contexto político, provocando mudanças no equilíbrio do poder existente, criando possibilidades de existências a partir de forças inéditas (FOUCAULT, 2014). Nesse mesmo contexto, tem-se o surgimento da Associação Árabe Americana de Nova York, com o intuito de dar apoio e suporte às pessoas árabe-americanas e muçulmanas que ainda chegam ao país e àquelas que carecem de algum tipo de assistência básica, como educação, saúde, entre outras.

As organizações e institutos existentes como a AAANY caracterizam-se como grupos e organizações sem fins lucrativos que possuem missão e visão para a realização plena de um engajamento cívico da comunidade ao passo que proporcionam união e ajuda mútua no território norte americano por meio de um sentimento de empatia entre seus membros. Contudo, há também a atuação de grupos filantrópicos e políticos que, ainda assim, trabalham para que a população árabe-muçulmana dos Estados Unidos possa ter boas condições de vida.

Como foi supramencionado, Abdo (2006) em seus relatos, cita o período em que pode acompanhar o candidato palestino, Maad Abu Ghazalah, em suas campanhas às eleições distritais nos EUA no ano de 2003. Apesar de existir grande rejeição – como relatado pelo autor – sobre a candidatura e à possível conquista do cargo, Maad frisara que não almejava um cargo político somente pelo poder do cargo, mas sim para que fosse possível fazer a diferença para os jovens de sua mesma origem que estavam crescendo em uma sociedade que rejeita e discrimina aqueles que são diferentes.

Neste exemplo já é possível verificar o exercício do poder – uma vez que sua candidatura e suas motivações desafiam as estruturas de poder existentes e buscam criar mudanças sociais significativas. Tem-se isso, pois, embora Maad Abu Ghazalah tenha declarado que sua busca por

um cargo político não era motivada apenas pelo desejo de poder, mas sim pelo desejo de fazer a diferença para os jovens de sua comunidade, essa declaração pode ser interpretada como um ato de resistência e um desafio às normas estabelecidas pela sociedade estadunidense. Ao colocar-se como um candidato de uma comunidade frequentemente marginalizada e discriminada, Maad desafia diretamente as estruturas de poder que perpetuam a exclusão e a marginalização. Sua candidatura representa não apenas uma busca por representatividade política, mas também uma tentativa de reivindicar espaço e voz para aqueles que são frequentemente negligenciados pelo sistema político dominante.

Além disso, o fato de Maad destacar seu desejo de fazer a diferença para os jovens de sua comunidade sugere uma conscientização sobre as desigualdades e injustiças enfrentadas por sua comunidade. Ao buscar oportunidades para promover mudanças positivas e inclusivas, Maad está desafiando as narrativas dominantes que retratam sua comunidade de forma negativa e estereotipada. Percebe-se, assim, um esforço consciente para desafiar e transformar as estruturas de poder existentes em benefício de sua comunidade e de grupos marginalizados similares

Visto isso, é necessário reforçar a ideia de que não há somente uma única resistência que se traduz em “um grande foco das rebeliões ou em uma lei pura do revolucionário”, mas sim múltiplas resistências que se fazem presentes em toda a rede de poder (FOUCAULT, 1999, p. 74). Neste mesmo sentido, observa-se o modo como “as resistências estão em constante mutação, se refazendo de acordo com as novas lógicas de poder, implicando em uma contínua reavaliação para que possam acompanhar as novas dinâmicas da atualidade” (MACIEL JR., 2014, p. 2).

Tendo esta circunstância em mente, pode-se observar a forma que essa situação se desenha no contexto das comunidades árabe-muçulmanas. Assim, como mencionado previamente, existem as mais variadas formas de organização dessas comunidades, sendo em grupos de estudos e ensino, redes de aconselhamento e *advocacy*, bem como estruturas religiosas consolidadas e que foram se alterando e aprimorando conforme as lógicas de poder se modificavam.

Desde o início das primeiras migrações para os EUA de pessoas advindas do oriente próximo e de fé islâmica, séculos atrás – conforme exposto no primeiro capítulo desta dissertação –, e a construção dos primeiros centros comunitários árabes-muçulmanos, suas atuações e participações se remodelaram para que pudessem responder de forma estratégica aos novos jogos de poder. Para além disso, entende-se que as “resistências são distribuídas de modo irregular, já

que os pontos e focos de resistências se disseminam com mais ou menos intensidade”, variando ainda de acordo com tempo e espaço no qual se realizam, podendo assim criar somente pontos focais ou até mesmo movimentos e grupos definitivos (FOUCAULT, 1999, p. 74).

Podemos ter exemplo disso ao retomarmos mais uma vez ao caso exposto aqui do candidato palestino às eleições distritais dos EUA. Este é um evento pontual, uma resistência que se dará no período em que Maad permanecesse no poder como político e capaz de produzir medidas efetivas. Algumas dessas medidas poderiam influenciar a vida de muitos por um período maior que o tempo que Maad passaria ocupando o cargo político. Visto que, assim, haveria a possibilidade de se construir grupos e comunidades com trabalhos contínuos.

Desse modo, muitas organizações em prol da comunidade árabe-muçulmana se tornaram efetivas e com trabalhos eficientes em prol do engajamento cívico e social desse povo. De modo tal que esses grupos foram criados com o objetivo de dar suporte às comunidades que eram carentes de auxílio, tendo em vista que o número de denúncias por crimes de ódio e discriminação era alto após o 11 de setembro (BAKALIAN E BOZORGMEHR, 2009). Mais uma amostra de como o exercício do poder e de um discurso dominante é capaz de adestrar multidões confusas (FOUCAULT, 1999). Por conseguinte, é preciso ter em mente também que, como mencionado, as resistências em Foucault se dão simultaneamente com as relações de poder-saber (FOUCAULT, 2004), resistências essa que são traduzidas justamente nestas organizações comunitárias e grupos de apoio.

Bem como é preciso saber que resistência também se dá ao se construir uma prática discursiva que possa ir de encontro a outra prática discursiva dominante. Assim, quando há a atuação de grupos comunitários, organizações não governamentais e até mesmo movimentos políticos em prol do engajamento social, da afirmação de identidade e do esclarecimento sobre quem realmente compõe o corpo social das comunidades árabes-muçulmanas americanas, se tem uma prática discursiva que age com o objetivo de combater outros discursos dominantes.

Tem-se exemplo, que foi exposto no capítulo anterior desta dissertação, no Instituto de Política Social e Compreensão fundado após os eventos de 11 de setembro por estudiosos que sentiram a necessidade de responder ao crescente interesse público no Islã e mitigar o quadro de desinformação sobre a comunidade muçulmana nos EUA, compartilhando pesquisas de maneiras acessível e compreensível para o público em geral, formuladores de políticas, profissionais de

mídia, líderes comunitários e demais entidades que se interessem. Assim, discursos podem ser postos em prática para que haja informações verdadeiras de fato combatendo a falsas afirmações propagadas por discursos dominantes.

É interessante notar que, por atuar em vias educativas, o seu método de ensino e produção de discurso se dá de forma bem prática: pesquisa de novos dados, educação do público com base no que se foi pesquisado e, por fim, capacitar as partes interessadas no processo, desde líderes comunitários até formuladores de políticas. Dessa forma podem ser postos em prática os discursos que atuarão de forma oposta aos discursos dominantes.

Para além, a Associação Árabe Americana de Nova York também atua com a capacitação para novos eleitores acerca da importância de conscientizar-se relativamente a seus representantes governamentais, aumentando – dessa forma – a participação e representação social nas eleições. Há, também, que por meio de seus serviços de *advocacy* e engajamento cívico mais um modo de resistir, e pode-se observar um exemplo prático nos casos de violência policial citados previamente – os quais há muito já ocorrem – e tornaram-se mais frequentes após os recentes desdobramentos do conflito Israel-Palestina.

Verifica-se, nesse exemplo, mais uma vez como as resistências podem tomar variadas formas e não existem somente em um único modo de resistir. Ao mesmo passo em que se pode perceber a importância dos serviços e campanhas de responsabilidade da aplicação da lei junto ao departamento de polícia da cidade de Nova York, que objetiva o combate e a conscientização acerca das práticas discriminatórias de policiamento que afetam direta e indiretamente as minorias religiosas e pessoas de cor. Ressalta-se aqui que as recentes inflamações no conflito Israel-Palestina propiciou uma nova escalada nos discursos e crimes de ódio voltados à essas minorias, ao mesmo tempo em que se observa as resistências voltadas à essas atitudes violentas.

Assim, no exemplo da Associação Árabe Americana de Nova York é possível verificar o exercício de um poder que atua como um contra-ação em resposta aos discursos dominantes que prevalecem na sociedade norte-americana com o fim de construir resistências e políticas afirmativas para o pleno envolvimento da comunidade no corpo social, provocando mudanças no equilíbrio do poder existente. Tem-se isso uma vez que diversas associações, organizações e comunidades foram sendo criadas e adquirindo forças para o exercício de seu poder dentro da sociedade estadunidense, atuando nas mais diversas formas como grupos de estudos e ensino, redes

de aconselhamento e *advocacy*, trabalhos e serviços em prol do engajamento cívico e social, bem como estruturas religiosas consolidadas que foram se alterando e aprimorando conforme as lógicas de poder se modificavam.

Por fim, a análise das práticas de poder e resistência no contexto pós-11 de setembro revela a relevância da atuação da Associação Árabe Americana de Nova York e organizações semelhantes na defesa dos direitos da população árabe-muçulmana nos Estados Unidos. Sob a ótica de Michel Foucault, a resistência emerge como uma resposta às relações de poder-saber vigentes, evidenciando-se como uma característica estrutural fundamental.

Ao examinar as dinâmicas de poder e resistência, pôde-se observar que as comunidades árabe-muçulmanas nos Estados Unidos têm empregado uma variedade de estratégias para enfrentar os discursos dominantes e as práticas discriminatórias. Desde associações de bairro até grandes mesquitas, essas comunidades têm se organizado para resistir aos preconceitos e discriminações, buscando formas de exercer seu poder dentro da sociedade americana.

É notável a importância das associações voluntárias, que desempenham um papel fundamental no apoio e integração dos migrantes árabe-muçulmanos na sociedade americana. Essas organizações, juntamente com grupos filantrópicos e políticos, trabalham para garantir que essa população tenha acesso a condições de vida dignas e sejam reconhecidas como cidadãos de pleno direito. Além disso, as organizações comunitárias e grupos de apoio têm desempenhado um papel crucial na criação de práticas discursivas alternativas, que combatem os discursos dominantes e promovem a conscientização e a inclusão. O Instituto de Política Social e Compreensão e a Associação Árabe Americana de Nova York são exemplos claros dessa abordagem, capacitando o público e promovendo mudanças através do engajamento cívico e social.

Em suma, as resistências manifestadas pelas comunidades árabe-muçulmanas nos Estados Unidos são diversas e multifacetadas, refletindo uma luta constante contra as estruturas de poder dominantes e buscando criar novas possibilidades de existência. Essas resistências são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as comunidades possam se sentir representadas e respeitadas.

Portanto, a análise desses elementos na genealogia foucaultiana oferece uma perspectiva única para examinar como as narrativas históricas e as estruturas de poder moldaram as percepções e experiências dos árabes-muçulmanos nos Estados Unidos, e como essas mesmas comunidades têm buscado reivindicar sua agência e identidade em meio a esse contexto complexo. Ao desvendar as interconexões entre poder, resistência e representação, pode-se lançar luz sobre as estratégias de resistências contínuas e as lutas por reconhecimento e dignidade dessas comunidades em um mundo pós-11 de setembro. Destarte, diante desse panorama, torna-se imperativo agora explorar de maneira mais aprofundada como os debates acerca da genealogia em Foucault se relacionam com a perspectiva do imaginário construído em torno do árabe-muçulmano, e como essa construção influenciou significativamente a vida dessas comunidades, especialmente em face dos eventos traumáticos ocorridos em 11 de setembro de 2001.

4.4. GENEALOGIA E MARGINALIZAÇÃO DA HISTÓRIA: AS RESISTÊNCIAS ÁRABE-MUÇULMANAS NOS EUA

Por fim, nesta seção serão postos em evidência a importância das resistências discutidas anteriormente como práticas de contraconduta para a produção e desencadeamento de outros discursos que entrarão em confronto com as práticas discursivas dominantes, chamando atenção para a imperiosidade da percepção de que a história não é única. Assim, sendo possibilitado o entendimento de como a imagem do povo árabe-muçulmano foi moldada e, de certa forma, cristalizada com base em preconceitos e estigmas, frutos de todo o contexto social estrutural dissertado anteriormente que exacerbaram a discriminação, segregação, marginalização e diversas outras atitudes preconceituosas.

Além disso, houve uma guinada em tais atos injuriosos após os acontecidos de 11 de setembro de 2001, principalmente por terem sido atribuídos a terroristas que se identificavam com o Islã. Para mais, a mescla de sensações como revolta, medo, ódio dentre outros sentimentos negativos, contraproducentes e prejudiciais também se configuraram como catalisadores de atitudes hostis e intolerantes contra o povo árabe-muçulmano.

Portanto, tendo em mente este cenário que fora moldado ao longo de vários anos, é preciso agora observar de que modo essa conjuntura pode ser compreendida sob uma perspectiva genealógica. Assim, será possível a compreensão de como a história dominante foi contada ao

mesmo passo em que se evidencia a gênese e o despontar das contra histórias que apresentam e revelam os processos de sua exclusão.

Assim, visto que “a genealogia se tornou crucial para as perspectivas pós-modernas das Relações Internacionais por se utilizar de um método de pensamento histórico que evidencia o significado das relações de poder-saber”, é possível perceber – a partir desse método – como as relações de poder foram construídas por meio de discursos dominantes, bem como entender de que forma se deu a efetivação de um outro poder para a estruturação de resistências e produção de contra-histórias na vida das comunidades árabes-muçulmanas dos EUA, após 11 de setembro de 2001 (DEVETAK, 2005, p. 163).

Muitos migrantes vindos do oriente médio, ao chegarem ao território americano, não possuíam a liberdade de exercer a sua crença islâmica, sendo constrangidos à fé cristã predominante. Ao passar dos anos e com as novas ondas de migração voluntárias para o país as comunidades compostas por pessoas árabes e de fé islâmica conseguiram ganhar corpo. Contudo, sua participação ainda é abafada por preconceitos e imagens pejorativas acerca do Islã, excluindo ou silenciando vozes de resistências.

Além do mais, tendo em mente todo esse contexto histórico existente por detrás, passando por diversos outros cenários ao longo do tempo, como foi visto aqui, até os acontecidos de 11 de setembro de 2001, evidenciam-se exemplos de como não existe uma única e sublime história, mas que, de acordo com a genealogia, “muitas histórias se tecem e se cruzam e que divergem em suas decorrências e no poder-saber” que, por conseguinte, acabam por ficarem fora do *mainstream* da história como nós a conhecemos (DEVETAK, 2005, p. 163-164).

Exemplo disso pode ser observado na seção 3.1 desta dissertação, onde se discorre acerca da origem e história dos povos árabe-muçulmanos. Pôde-se perceber como a sua história é extremamente rica, uma vez que a identidade árabe abrange uma vasta diversidade étnica e cultural que fora catalisada com as migrações, comércio e interações históricas; momentos de assimilação de influências culturais de múltiplos povos e sociedades como os egípcios, persas, otomanos e europeus (HALIM, 2006).

Para além, isso evidencia não apenas a existência de múltiplas narrativas e perspectivas, mas também a presença de inverdades que são tratadas como verdades absolutas e imutáveis,

competindo com histórias subjugadas que são impedidas de emergir e ocupar o lugar que lhes é devido no cenário principal da história como a conhecemos. Um indício desta afirmação pode ser verificado no período conhecido como Renascimento Árabe, quando houve um papel substancial desempenhado pela civilização árabe-islâmica na preservação e transmissão do conhecimento clássico, por meio da preservação e tradução de obras gregas, romanas e persas, salvaguardando assim parte do legado literário-científico das regiões, (FRANKOPAN, 2019; BISSIO, 2013).

Há também que as interações dos povos árabe-muçulmanos com outras civilizações, como persas, romanos e berberes; encontros culturais e intelectuais que foram fulcrais para o enriquecimento da sociedade árabe-muçulmana, resultando em avanços notáveis nas áreas da ciência, filosofia, literatura e artes (KHALDUN, 2015). Cabendo aqui, mais uma vez, ressaltar que há em Ibn Khaldun um grande exemplo de contribuição para a disseminação do conhecimento árabe-islâmico, e como um dos pesquisadores mais influentes no ocidente que vivera no período clássico da história do Oriente Médio. Trazer essa perspectiva genealógica, de uma história tão rica que fora encoberta por estigmas e falsas representações, se caracteriza como fundamental para a construção de contracondutas e resistências às inverdades e distorções amplamente disseminadas.

Portanto, os eventos de 11 de setembro de 2001 reforçam e evidenciam um constructo discursivo que resulta na história como a conhecemos e como nos é contada acerca desse episódio terrorista (DEVETAK, 2005). Tem-se, dessa forma, alguns questionamentos acerca dos acontecimentos daquele dia, como: “é um ato de guerra?”, “é um ato de vingança?” ou mesmo o 11 de setembro começou quando os aviões se chocaram com as torres do World Trade Center ou quando os autores começaram a planejar os ataques? Isso mostra que “o próprio evento em si é construído por uma narrativa predominante em detrimento de outros tantos eventos que o integram e que acabam por não compor a história dominante” (DEVETAK, 2005, p. 165). História essa que só se fez possível por meio de práticas discursivas que imperaram no *mainstream* do cenário estadunidense. Portanto, por meio do método de design genealógico, Foucault procura mostrar como os mecanismos de poder atuam em fomento do surgimento de discursos predominantes, a exemplo dos atos de preconceitos e discriminações contra as populações árabes-muçulmanas que imperam no cenário americano, pondo em desvantagem outros discursos e impedindo a insurgência de movimentos de resistências (GLENN, 2019).

Para mais, a série de medidas e iniciativas políticas proporcionadas pelo governo norte-americano direcionadas aos imigrantes e comunidades árabes-muçulmanas dos EUA reforçam que há um constructo discursivo existente que reforça o imaginário que foi criado e é posto em prática na sociedade estadunidense. As diversas comunidades e organizações de grupos árabes e muçulmanos que emergiram nos EUA após os eventos de 11 de setembro de 2001 retrata a necessidade de se contar a história que foi abafada e encoberta pelas práticas discursivas dominantes.

Além disso, os grupos além de trabalharem em prol do engajamento social e cívico da comunidade – como foi dito – proporcionam o esclarecimento de suas histórias que foram silenciadas ao decorrer dos eventos e de sua vida, por meio de divulgação de estudos, reuniões com representantes políticos e mesmo por meio das mídias sociais.

A genealogia representa uma alternativa teórica que se contrapõe a história da verdade nas ciências, esta que, por sua vez, naturalmente espelha relações dominantes de poder (JÚNIOR, DOS SANTOS, 2014). Exemplo disso é a já mencionada citação de Bakalian e Bozorgmher (2009) que expõem a publicação de livros, em um período de um ano após os atentados de 11 de setembro, que caracterizavam os muçulmanos como uma ameaça.

Além do mais, não pode haver uma única história, não sendo possível ter uma perspectiva que supere as outras, dessa forma não há uma ‘verdade única’, mas sim perspectivas que mostram como concorrentes (DEVETAK, 2005). Desse modo, a história dominante e a silenciada ou não contada podem ser interpretadas como verdadeiras, apenas existindo de forma concomitante. Dessarte, o pensamento foucaultiano reforça que a genealogia tange à formação efetiva dos discursos que permeiam o poder, que se dá em rede, estudando a formação de tais discursos que também se dão de forma dispersa e descontínua, sendo as várias histórias e perspectivas que se contam e desenrolam produtos de diversos discursos, sejam predominantes ou não, e postos em prática ao longo do tempo.

Tem-se exemplo nos tantos momentos que aqui foram citados, desde a época do tráfico de escravizados, passando pelas ondas de migrações voluntárias bem como a fixação das comunidades em território estadunidense, chegando aos eventos de 11 de setembro. Em todos esses momentos, numerosas histórias foram moldadas em profusos contextos que possuíam, cada um,

um discurso dominante em sua época e uma verdade que se evidenciava em detrimento de outras que eram omitidas.

Por fim, nesta última seção fora evidenciada a importância das resistências como práticas de contraconduta, capazes de desencadear discursos alternativos em confronto com as narrativas dominantes. Ressaltou-se, desse modo, a necessidade de reconhecer a multiplicidade de histórias, destacando a moldagem e cristalização da imagem do povo árabe-muçulmano baseada em preconceitos e estigmas enraizados no contexto social estrutural.

Nesse sentido, os eventos do 11 de setembro de 2001 representaram uma guinada, intensificando atitudes hostis e intolerantes contra a comunidade árabe-muçulmana, alimentadas por uma mescla de sentimentos negativos como revolta, medo e ódio. De modo que a análise genealógica possibilitou compreender como a história dominante foi construída e como as contra-histórias emergiram, revelando os processos de exclusão.

A riqueza da história árabe-muçulmana fora destacada, desde sua diversidade étnica e cultural até seus notáveis avanços nas áreas da ciência, filosofia, literatura e artes. Evidenciando, assim, a necessidade de resgatar essas narrativas subjugadas, desafiando a ideia de uma única história sublime. Em vista disso, a genealogia se mostra como uma ferramenta crucial para desvelar essas verdades encobertas e promover resistências às distorções amplamente disseminadas.

Além disso, os questionamentos acerca dos eventos do 11 de setembro demonstram como a história é construída por narrativas predominantes, deixando de lado outros eventos que não se encaixam nesse discurso. Pôde-se observar isso no exemplo das medidas políticas direcionadas aos imigrantes e comunidades árabe-muçulmanas dos EUA que reforçam o imaginário criado pela sociedade, enquanto as iniciativas dessas comunidades buscam reverter as narrativas dominantes por meio do engajamento social e da divulgação de suas próprias histórias.

Pode-se entender, assim, a genealogia como um modo de resistência ao passo que procura trazer à tona essas verdades que não têm lugar na história externalizada, propiciando a visibilidade e o surgimento de saberes que anteriormente era encoberto por um saber imperioso. Atentando-se à toda essa cena que foi demonstrada, não nos é devido somente ter esperanças que os discursos silenciados um dia possam ter mais evidência, mas sim é necessário que atitudes sejam tomadas para que haja tal realização.

Por fim, assim como a efetivação da atuação das comunidades árabes-muçulmanas se deu de forma longa e vagarosa – bem como ainda há muito trabalho a ser feito para que paradigmas sejam quebrados e cessem os preconceitos e violências contra esse povo – é indispensável que vozes de resistências continuem se fazendo ouvidas, combatendo discursos dominantes, se utilizando do exercício do poder em sua rede para que, então, o imaginário possa ser desconstruído e poder se libertar dos preconceitos que persistem desde a época do tráfico de escravizados, reverberado ao longo dos anos e enfatizados pelos eventos de 11 de setembro. Pois apenas através da amplificação das vozes marginalizadas e do dismantelamento dos discursos opressivos é possível alcançar uma verdadeira libertação do legado de preconceito que tem marcado a história.

5. CONCLUSÕES GERAIS

Em síntese, esta dissertação se propôs a analisar a atuação de organizações e associações, mais especificamente da Associação Árabe Americana de Nova York, como meio socialmente organizado para a construção de resistências da população árabe-muçulmana diante das práticas discursivas dominantes decorrentes da estereotipagem de sua imagem como potencial terrorista, no período pós atentados de 11 de setembro de 2001. Destarte e com a compreensão de todo o exposto nesta dissertação, este empreendimento científico buscou alcançar seus objetivos previamente estabelecidos por meio de uma pesquisa aprofundada e com bibliografia sólida e bem fundamentada que dialogou com tema desta pesquisa, de modo que se fez inteligível o diálogo que se propôs entre teoria e empiria

Dessa forma, com o intuito de melhor compreender o contexto apresentado, fez-se uso dos aportes conceituais proporcionados pela lente teórica pós-moderna das Relações Internacionais. Observou-se, portanto, que as ideias fundamentais da teoria pós-moderna incluem uma crítica à concepção tradicional de verdade, questionando a ideia de neutralidade e objetividade da verdade científica; uma crítica às formas de dominação na produção de conhecimento, denunciando a naturalização e universalização dos pressupostos científicos que silenciam e excluem outras formas de conhecimento; e uma crítica aos fundamentos epistemológicos e ontológicos das Relações Internacionais tradicionais, identificando e denunciando as vozes hegemônicas por trás da formação do *mainstream* das Relações Internacionais. Para além, coloca-se Michel Foucault como teórico chave para essa compreensão, ao passo que se empregam as concepções foucaultianas relativamente ao poder, discurso – ou prática discursiva – genealogia e resistências.

Por conseguinte, fora discorrido e observado como se deu o processo de formação dos povos árabe-muçulmanos em território estadunidense. Para isso, relata-se desde as primeiras migrações ao continente americano, evidenciando os desafios e dilemas que recaem sobre a afirmação de suas identidades como cidadãos, até que se chega aos debates acerca dos eventos de 11 de setembro de 2001 e as suas reverberações para com essas pessoas. Como percebeu-se, a esse cenário vivenciado de terror e pânico, foram somados o enrijecimento de políticas de vigilâncias e até ordem de prisões em busca do inimigo a ser responsabilizado.

Contudo, tais políticas acabaram por atingir grupos de pessoas inocentes, mas que traziam consigo marcas que foram estereotipadas por conta de práticas discursivas dominantes e legitimadas; marcas essas representadas por seus nomes ou sobrenomes, cor da pele, vestimenta, hábitos, religiosidade etc. Essas variáveis propiciaram atitudes agressivas e violências diretas e indiretas, ocasionadas pela construção de um imaginário equivocado.

Portanto, tendo em mente a perspectiva de que “toda verdade é a afirmação de uma posição de poder e reflete estruturas de dominação” (NOGUEIRA, MESSARI. 2005, p. 188), compreende-se que a caracterização generalizada de árabes-muçulmanos como potenciais terroristas não passa somente de uma “verdade” – ou inverdade – que fora cristalizada mediante a legitimação discursiva, seja de autoridades políticas e governamentais ou mesmo da mídia. Dessa forma, essa falsa verdade passou por uma tentativa de petrificação, uma vez que ela se origina em uma “perspectiva privilegiada” e dominante, “refletindo, portanto, as estruturas de poder que a sustentam” (RESENDE, 2011, p. 29).

Assim sendo, foi imprescindível que a comunidade árabe-muçulmana dos Estados Unidos, por mais heterogênea que seja (SMITH, 2010), se organizasse conjuntamente, seja por meio de movimentos informais como centros comunitários em bairros, até as grandes associações e organizações formais atuantes nas mais diversas áreas – desde a busca para a garantia dos direitos dessas pessoas como cidadãos estadunidenses, até a sua capacitação, por exemplo, com o ensino da língua inglesa.

Em concordância com este cenário, foi possível verificar que diversos centros, organizações, comunidades e grupos foram se formando posteriormente aos eventos de 11 de setembro de 2001 como forma de combate e resistência aos discursos dominantes praticados e legitimados após essa data. Com esse intuito, foi fundada a Associação Árabe Americana de Nova York, que teve a idealização de sua criação antes mesmo dos ataques terroristas daquela data. Contudo, houve a percepção de que seria necessária a tomada de medidas mais emergentes após a deflagração de modo exponencial dos evidentes atos de discriminação que a comunidade árabe-muçulmana sofrera nos dias posteriores aos ataques.

De modo tal que se verificou como o poder permeou toda a discussão neste trabalho, estando presente em todas as nuances analíticas e sendo dissecado por meio da concatenação empírico-teórica, uma vez que o exercício do poder é indissociável das práticas de resistir. Pôde-

se, assim, observar os jogos de luta de forças da história como é contada em detrimento da história que é escanteada. Desde as primeiras ondas de migração até os recentes eventos relatados nesta dissertação, o povo árabe-muçulmano enfrentou desafios relativamente à uma tentativa de exclusão e apagamento de sua história.

Percebe-se a atuação do biopoder, nesse sentido, quando há a tentativa de um assassinio indireto; de uma exclusão do corpo social, de retirada de direitos básicos e de perpetuação de crimes fundamentados no ódio gratuito e na ignorância com o intuito de assegurar a vida de uns em detrimento de outros. Momento em que se tem o estabelecimento de mecanismos reguladores perante a população; mecanismos esses que detém a capacidade de fazer com que alguns vivam e que outros sejam deixados morrer. Tem-se, então o imperativo da morte do biopoder (FOUCAULT, 2010).

Com o intuito de contrapor esse imperativo de morte, observou-se, dessa forma, a relevância em se organizar socialmente como forma de resistir aos discursos que querem se fazer dominantes, lembrando a asserção colocada pela Associação Árabe Americana de Nova York de que uma das maneiras mais eficazes de responder aos desafios das práticas de policiamento discriminatórias e defender efetivamente os direitos dos imigrantes é se organizar.

Observando o alcance pleno das proposições dessa dissertação, viu-se a imprescindibilidade de uma análise arqueogenealógica devidamente fundamentada em bibliografias concordantes ao objetivo aqui posto. Portanto, os objetivos que no início foram apresentados podem ser encarados como alcançados, ao passo que fora produzida uma análise acerca da atuação da Associação Árabe Americana de Nova York, como meio socialmente organizado, para a construção de resistências da população árabe-muçulmana diante das práticas discursivas dominantes decorrentes da estereotipagem de sua imagem como potencial terrorista, no período posterior aos atentados de 11 de setembro de 2001.

Bem como identificou-se em que contexto o estereótipo do árabe-muçulmano eclodiu nos EUA como fator de preconceito, xenofobia e discriminação; tendo visto que se deu ainda na época das primeiras migrações. Somado a tal, também foi possível utilizar a vertente pós-moderna das Relações Internacionais para identificar as mudanças nas práticas discursivas da população estadunidense acerca da comunidade árabe-muçulmana neste país após os ataques de 11 de setembro de 2001. Por fim, analisou-se o início das organizações e grupos formais da sociedade

civil como movimentos de resistência às práticas discursivas naturalizadas acerca da imagem de pessoas árabe-muçulmanas como terroristas em potencial, quando se pôde observar a imprescindível atuação da Associação Árabe Americana de Nova York.

Consegue-se evidenciar, assim, que o presente trabalho esteve em total consonância com seus objetivos propostos. No entanto, é importante ressaltar que o tema abordado por esta pesquisa transcende os limites de um estudo isolado. O entendimento da necessidade de um contínuo empreendimento arqueogenealógico se faz imprescindível, na medida em que se busca não apenas analisar o passado, mas também desvelar as estruturas de poder que moldam a construção da história *mainstream*, como a conhecemos. Nesse sentido, é fundamental reconhecer que a pesquisa genealógica não é um fim em si mesma, mas sim um processo contínuo de desvelamento e questionamento das narrativas dominantes. Somente através de um esforço persistente de resgate e ressignificação das vozes e perspectivas historicamente marginalizadas é que se pode alcançar uma compreensão mais abrangente e crítica.

Portanto, é necessário reforçar que poder e resistência atuam sempre em rede, na qual um existe em função do outro, tendo em vista que se um poder maior está sendo exercido, há de ter uma resistência para combatê-lo, tal qual as práticas discursivas que são construídas e apresentadas como verdades; “verdades” que se apresentam como histórias concorrentes. Conclui-se, assim, que é necessário dar continuidade às formas de resistir ao exercício de poder dominante.

Para mais, é válido salientar a importância desta pesquisa para a comunidade acadêmico-científica de Relações Internacionais e social como um todo. Discutir resistências é falar sobre as vozes que são silenciadas por uma prática discursiva que se construiu de forma dominante e excludente. Nesta mesma vertente é possível aferir que o design genealógico se apresenta como ferramenta imprescindível para a verificação do modo como as histórias das comunidades árabes-muçulmanas foram asfixiadas e escanteadas pela história *mainstream* que é contada para, então, fazê-las insurgir.

Assim, este estudo contribui significativamente para o campo das Relações Internacionais e para a compreensão da dinâmica sociopolítica global ao abordar uma lacuna evidente na literatura existente. Ao explorar as resistências presentes no discurso hegemônico, possibilita-se dar voz às narrativas silenciadas das comunidades árabes-muçulmanas. Em um contexto em que a história dominante muitas vezes marginaliza ou simplifica essas narrativas, a abordagem genealógica

adotada neste estudo se revela como uma ferramenta essencial. Uma vez que ao desvendar os mecanismos pelos quais essas histórias foram historicamente suprimidas, é possível reconstruir uma compreensão mais abrangente e precisa do passado, permitindo que essas vozes marginalizadas sejam finalmente reconhecidas e valorizadas.

Além disso, ao destacar as contribuições da análise genealógica para a compreensão das resistências e das narrativas subalternas, a pesquisa abre novos caminhos metodológicos para estudos futuros dentro e fora do campo das Relações Internacionais. Ao fornecer um modelo robusto para investigar e confrontar o domínio do discurso hegemônico, espera-se inspirar outros pesquisadores a adotarem abordagens similares em diversas áreas de estudo. Dessa forma, não apenas preenche-se uma lacuna na literatura existente, mas também se oportunizam caminhos para pesquisas futuras que busquem desafiar e reconstruir narrativas históricas dominantes.

Por fim, ao trazer à tona as vozes historicamente negligenciadas das comunidades árabes-muçulmanas e ao destacar a importância da análise genealógica para esse fim, esta pesquisa tem o potencial de contribuir para uma maior inclusão e diversidade nos discursos acadêmicos e sociais. Portanto, ao reconhecer e valorizar a multiplicidade de perspectivas e experiências, espera-se promover uma compreensão mais holística e justa das dinâmicas globais, enriquecendo assim o diálogo intercultural e interdisciplinar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDO, Geneive. **Mecca and Main Street: Muslim life in America after 9/11**. Oxford University Press. Nova York. 2006.

ARAB AMERICAN INSTITUTE. **Healing the nation: The Arab American experience after September 11**. Arab American Institute Foundation, 2002.

ARCISZEWSKI, Thomas et al. From psychology of terrorists to psychology of terrorism. **Revue internationale de psychologie sociale**, v. 22, n. 3, p. 5-34, 2009.

BAKALIAN, Anny. BOZORGMEHR, Mehdi. **Blacklash 9/11: Middle Eastern and Muslim Americans Respond**. University of California Press. Berkley, Los Angeles e Londres. 2009.

BISSIO, Beatriz. **O mundo falava árabe: a civilização árabe-islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta**. Civilização Brasileira, 2013.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, GianFranco. **Dicionário de Política**. Editora UnB. Brasília. 2004.

CAIR. **CAIR AT GLANCE**, 2023. Disponível em: https://www.cair.com/about_cair/cair-at-a-glance/. Acesso em: 10 mar. 2023.

CAIR. **ABOUT US**, 2023. Disponível em: https://www.cair.com/about_cair/about-us/. Acesso em: 10 mar. 2023.

CAINKAR, Louise. Post 9/11 domestic policies affecting US Arabs and Muslims: A brief review. **Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East**, v. 24, n. 1, p. 245-248, 2004.

CAMPBELL, David. Poststructuralism. In: DUNNE, Tim. *Et al.* **International Relations Theories**. Discipline and Diversity. Oxford. 2013.

COLOMBO, Letícia dos S. Terrorismo: lacunas conceituais no Sistema Internacional. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência e Segurança**. Edição n 16. 42-67. 2015.

DEVETAK, Richard. Postmodernism. In: BURCHILL, Scott. *Et al.* **Theories of International Relations**. Palgrave MacMillan. 2005.

DIEZ, Thomas. Postmodern approaches. In: **Theories of International Relations**. Routledge, 2014. p. 287-303.

EDKINS, Jenny. Poststructuralism. In: **International Relations Theory for the Twenty-First Century**. Routledge, 2007. p. 98-108.

FERREIRA, Marcos. Panorama da política de segurança dos Estados Unidos após o 11 de setembro: o espectro neoconservador e a reestruturação organizacional do estado. In: NERI, Marcelo. *Et al* (org.). **Do 11 de setembro de 2001 à Guerra ao Terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI**. Ipea. Brasília. 2014.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, Ago. 2002. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2008.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Edições Graal. Ltda. Rio de Janeiro. 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France, 1975-1976. WMF Martins Fontes. São Paulo. 2010.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. Coleção Ditos e Escritos V. Editora Forense Universitária Limitada. Rio de Janeiro. 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Paz & Terra. Rio de Janeiro. 2019.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. *In*: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul; CARRERO, Vera Porto. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões**. Editora Vozes. Petropolis. 1999.

FRANKOPAN, Peter. **O coração do mundo**. Planeta Estratégia, 2019.

GARLAND, David. What is a “history of the present”? On Foucault’s genealogies and their critical preconditions. **Punishment & society**, v. 16, n. 4, p. 365-384, 2014.

GHANEABASSIRI, Kambiz. US Muslim philanthropy after 9/11. **Journal of Muslim Philanthropy & Civil Society**, v. 1, n. 1, 2017.

GLENN, John G. **Foucault and Post-Financial Crises**. Governmentality, Discipline and Resistance. Palgrave MacMillan. Southampton. 2019.

GONÇALVES, Williams. **Relações Internacionais**. [s.n.]. [s.l.], [2001].

GRABOIS, Pedro Fornaciari. Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. **Cadernos de ética e filosofia política**, v. 2, n. 19, p. 7-27, 2011.

GRIFFITHS, Martin. O’CALLAGHAN, Terry. ROACH, Steven. **International Relations: The Key Concepts**. Routledge. Nova York. 2007.

HADDAD, Yvonne. **Becoming American? The Forging of Arab and Muslim Identity in Pluralist America**. Baylor University Press. Waco. 2011.

HALIM, Fachrizal. Pluralism of American Muslims and the Challenge of Assimilation. **Journal of Muslim Minority Affairs**, Vol. 26, No. 2, Ago. 2006.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. Editora Companhia das Letras, 2006.

ISLAMIC SOCIETY OF NORTH AMERICA. **MISSION AND VISION**, 2020. Disponível em: <https://isna.net/mission-and-vision/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

JUNIOR, Valdir Damazio; DOS SANTOS, Luciane Mulazani. Genealogia e resistência: a relação saber-poder em Michel Foucault e a história da verdade nas ciências. **Revista Internacional de Ciencia y Sociedad**, v. 1, n. 1, 2014.

KHALDUN, Ibn. **The Muqaddimah: An Introduction to History**. The classic Islamic history of the world. Princeton University Press, 2015.

KIMMEL, Michael S. Globalization and its mal(e) contents: The gendered moral and political economy of terrorism. **International Sociology**, v. 18, n. 3, p. 603-620, 2003.

LEE, Michael S. **Healing the Nation: The Arab American Experience After September 11**. Washington, DC: Arab American Institute, 2002.

LOVELL, Emily. Islam in the United States: past and present. *In*: WAUGH, Earl. *Et al.* **The Muslim Community in North America**. The University of Alberta Press. Edmonton. 1983.

LUDWIG, Fernando. BLANCO, Ramon. Abordagens Gramsciana e Foucaultiana relativamente à Paz: a hegemonia por meio da Biopolítica. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 9-20, jul. /dez. 2013.

LYNCH, Richard A. A teoria do poder em Foucault. *In*: TAYLOR, Dianna. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Editora Vozes. Petrópolis. 2018.

MACIEL JR, Auterives. Resistência e prática de si em Foucault. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, v. 6, n. 1, p. 01-08, 2014.

MCCLOUD, Aminah. Islam in America: The Mosaic. *In*: HADDAD, Yvonne. *Et al.* **Religion and Immigration**. Christian, Jewish and Muslim experiences in the United States. AltaMira Press. Walnut Creek. 2003.

MILLER, Laurence. Psychological interventions for terroristic trauma: Symptoms, syndromes, and treatment strategies. **Psychotherapy: Theory, research, practice, training**, v. 39, n. 4, p. 283, 2002.

MINNITE, Lorraine. Outside the Circle: The Impact of Post-9/11 Responses on Immigrant Communities in New York City. *In*: **Contentious City: The Politics of Recovery in New York City**. Russell Sage Foundation, Nova York. 2005.

NAFF, Alixa. **Becoming American: the early Arab immigrant experience**. SIU Press, 1993.

NERI, Marcelo. SOUZA, André. *Et al* (org.). **Do 11 de setembro de 2001 à Guerra ao Terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI**. Ipea. Brasília. 2014.

NETO, José Cretella. **Teoria Geral das Organizações Internacionais**. Editora Saraiva. São Paulo, 2013.

NOGUEIRA, João Pontes. MESSARI, Nizar. **Teorias de Relações Internacionais**. Elsevier. 2005

NOGUEIRA, Patrícia. Terrorismo transnacional e suas implicações para o cenário internacional. **Universitas - Relações Int.**, Brasília, v. 2, n.2, p. 221-244, jul./dez. 2004.

PEEK, Lori. **Behind The Backlash**. Muslim Americans after 9/11. Temple University Press. Philadelphia. 2011.

PROCÓRPIO, Argemiro. Terrorismo e relações internacionais. **Rev. Bras. Polít. Int.** 44 (2): 62-81 [2001]

RABASA, Angel et al. **The Muslim world after 9/11**. Rand Corporation, 2004.

RESENDE, Erica Simone Almeida. **A crítica pós-moderna/pós-estruturalista nas relações internacionais**. Editora UFRR. Boa Vista, 2011.

RICHARDS, Antony. **Conceptualizing Terrorism**. *Studies in Conflict & Terrorism*, 37:213–236. Londres. 2014.

SHAMS, Tahseen. Visibility as Resistance by Muslim Americans in a Surveillance and Security Atmosphere. **Sociological Forum**, Vol. 33, Nº. 1, Março. 2018.

SHIER, Micheal L.; GRAHAM, John R. Identifying social service needs of Muslims living in a post 9/11 era: The role of community-based organizations. **Advances in Social Work**, v. 14, n. 2, p. 395-415, 2013.

SILVA, Guilherme. GONÇALVES, Williams. **Dicionário de Relações Internacionais**. Editora Manole. Barueri. 2010.

SMITH, Jane I. Islam in America. 2010. In CESARI, Jocelyne. **Muslims in the West after 9/11: religion, politics and law**. Routledge, 2010.

SORKIN, Michael; ZUKIN, Sharon (Ed.). **After the World Trade Center: rethinking New York City**. Routledge, 2013.

TURNER, Nathaniel. **US Muslim charities and the War on Terror: A decade in review**. The Charity & Security Network (CSN). 2011. Disponível em: <https://www.charityandsecurity.org/system/files/USMuslimCharitiesAndTheWarOnTerror.pdf>. Acesso em 10 mar. 2023.

VÁZQUEZ, Javier Feal. **Terrorismo internacional**. Boletín de Información, n. 275. Rioja. 2002.